

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

JULIANO FRANCESCO ANTONIOLLI

***“Através do passado”*: crônica, biografia e memória na série pedagógica de  
Achyllés Porto Alegre (1916-1920)**

PORTO ALEGRE

2011

JULIANO FRANCESCO ANTONIOLLI

***“Através do passado”*: crônica, biografia e memória na série pedagógica de Achylles  
Porto Alegre (1916-1920)**

Dissertação de mestrado, elaborada sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mara Cristina de Matos Rodrigues para a obtenção do título de mestre em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2011

JULIANO FRANCESCO ANTONIOLLI

*“Através do passado”*: crônica, biografia e memória na série pedagógica de Achylles Porto  
Alegre (1916-1920)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

APROVADO EM: \_\_/\_\_/2011

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mara Cristina de Matos Rodrigues (orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leticia Borges Nedel  
Programa de Pós-Graduação em História/UFSC

---

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt  
Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS

---

Prof. Dr. Temístocles Américo Correa Cezar  
Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Após tanto tempo debruçado sobre um objeto que há tanto tempo toma minha atenção, sobre o qual escrever não foi uma tarefa sem obstáculos (de diferentes gêneros e tamanhos), ter pela frente os agradecimentos deveria ser algo mais leve e simples, talvez um tanto mais rápido, sem as preocupações e vigilâncias que até agora vigoravam enquanto escrevia as páginas que seguem sobre Achylles. Acontece que agradecer não é, como eu esperava, o momento no qual a escrita jorra, as palavras fluem e a liberdade impera. Afinal, se trata ainda de escrever, algo sempre complicado para mim.

Mesmo assim, aí vai: obrigado Thays (ou simplesmente Tai) pelo suporte, pela paciência, pela compreensão, pelo estímulo, pela confiança, e até mesmo pela cobrança. Talvez agradecer pelo amor não seja a forma correta de expressar toda a felicidade que eu sinto de ter partilhado não só esse tempo conturbado de mestrando mas também aquele que veio antes, e que já somam muitos anos. Já que pelo amor não agradeço, te ofereço o meu em troca.

Mara, obrigado por tantas coisas. Repetir paciência e compreensão seria demais. Saiba, porém, que sou muitíssimo grato não só pela orientação relativa ao trabalho, às questões colocadas e leituras sugeridas que serviram de maneira decisiva para qualificar meu trabalho. Sou grato, sobretudo, por entenderes as dificuldades, os receios, as ambições desmedidas que envolvem a feitura de uma dissertação. As conversas que tivemos, nas quais compartilhaste as tuas experiências como pesquisadora, aluna e pessoa, foram as que mais contribuíram para minha formação não só intelectual. Obrigado.

Ao seu Alexandre e à dona Regina, pai e mãe, eu agradeço pela insistência em me tirar do trabalho e me chamar para a vida. Ao Felipe, meu irmão, por estar sempre preparado e disposto para fazer qualquer coisa que não me lembrasse, nem de perto, das obrigações e responsabilidades sempre à espreita. Muito obrigado, por tudo. Altair, Neida, Kiko e Dani, a outra família, essa de Esteio, que tão bem me acolhem, sempre e continuamente, como um dos seus, agradeço.

Meus colegas de antanho, de graduação e mestrado, que são tantos que não ousou nomear, com os quais eu tive a oportunidade de dialogar e aprender. Principalmente aos

amigos que, próximos ou não, souberam entender as tantas ausências e compromissos, mas com os quais é sempre possível contar para horas de conversas e risadas.

Obrigado Célia, por me ajudar a compreender um pouco mais de mim.

Aos professores do Pós-Graduação em História da UFRGS, com os quais eu tive o prazer de estudar, discutir e aprender. Que tantas vezes me fizeram pensar, com os quais eu aprendi a questionar e a olhar para o passado de forma mais complexa e que talvez não suspeitem disso. Grande parte do que eu aprendi com eles segue aqui neste trabalho.

Não posso deixar de lembrar das pessoas que desde abril de 2011 me acolheram nos corredores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e no Departamento de Sociologia, que me ensinaram como funciona a vida de Universidade por atrás das salas de aula. Obrigado a vocês também.

Por fim, agradeço à banca que gentilmente aceitou ler e discutir comigo sobre o Achylles e aquilo que eu escrevi sobre ele. Obrigado Benito, Temístocles e Letícia.

Agradeço também ao financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa pela bolsa de pesquisa que permitiu que me dedicasse integralmente à realização deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar a representação do passado na série pedagógica publicada entre 1916 e 1920 por Achylles Porto Alegre (1848-1926). Homem de letras atuante no meio intelectual porto-alegrense desde o século 19, o autor se dedica, ao final da vida, à instrução das gerações mais novas de rio-grandenses. Para isso, oferece ao público uma série de pequenos livros nos quais, a partir da sua memória e testemunho, oferece exemplos de personagens e acontecimentos dignos de imitação. A análise se organiza assim em torno de três eixos explicativos. O primeiro procura identificar os mecanismos mobilizados por Achylles, para além da dimensão fiduciária do testemunho, na construção de si como narrador autorizado das coisas do passado, através da análise dos prefácios de suas obras. Foi possível perceber que o autor atua no processo de manutenção da memória regional, encontrando, nela, um lugar para si e suas experiências que dá a ler. O segundo eixo explicativo procura definir o estatuto da crônica enquanto gênero de fronteira no qual o registro cronológico do passado estabelece laços com os usos criativos da linguagem próprios da literatura, ao mesmo tempo que visa compreender as aproximações e afastamentos estabelecidos pelo autor entre os escritos da trilogia educativa e a literatura de imaginação. Nesse sentido, a crônica se apresenta como o veículo textual/discursivo propício para uma representação do passado que busca instruir e agradar. Com a história e a literatura operando como instrumentos pedagógicos do ser nacional e regional, onde ambos os gêneros guardam respeito ao referente, a marca que afasta o empreendimento educativo da literatura de imaginação é a da anterioridade da coisa atestada pela memória a partir da qual Achylles afirma a verdade do passado relatado. Por fim, o terceiro eixo visa a compreender a noção de história veiculada pelas biografias exemplares de homens ilustres, que articula uma concepção de tempo que será confrontada com as temporalidades da memória e do progresso que atravessam sua escrita. Desta forma, vê-se, num momento de desorientação temporal, o passado, como campo de experiência, novamente orientando o futuro, horizonte de expectativa, ao contrário do que se poderia esperar após o advento da modernidade.

**Palavras-chave:** Achylles Porto Alegre, historiografia, Rio Grande do Sul, crônica, biografia, memória

## ABSTRACT

This study aims to examine the past representation in the educational series published between 1916 and 1920 by Achylles Porto Alegre (1848-1926). Man of letters active in Porto Alegre's intellectuality since the 19th century, at the end of this life, the author dedicates himself to the education of younger generations of rio-grandenses. To do so, he offers the public a series of small books in which, based in his memory and testimony, he provides examples of characters and events worthy of imitation. So, the analysis is organized around three axes of explanation. The first seeks to identify the mechanisms mobilized by Achylles, beyond the fiduciary dimension of the testimony, in order to construct himself as a allowed narrator through the analysis of the prefaces of his books. It was revealed that the author works in the maintenance of the local memory, finding in it a place for himself and his presented experiences. The second explanatory axis seeks to define the chronicle's status as a border genre in which the chronological record of the past links with the creative uses of language found in literature, as well to understand the approaches and detachments established by the author between the writings of the educational trilogy and imaginative literature. In this sense, the chronicle is presents itself as the textual/discursive vehicle to a past's representation that seeks to educate and please. With history and literature operating as teaching tools of nationality and regionality, where both genders guard about the referent, the trace that keeps away the educational enterprise of imaginative literature is the thing's precedence, attested by the memory from which Achylles affirms the truth of the reported past. Finally, the third axis priority is to understand the sense of history conveyed by exemplary biographies of illustrious men, that articulates a conception of time that will be confronted by the temporalities of memory and progress that go through his writing. Thus, we see in a moment of disorientation in time, the past, as a field of experience, again directing once again the future horizon of expectation, contrary to what one might expect after the advent of modernity.

**Keywords:** Achylles Porto Alegre, historiography, Rio Grande do Sul, chronicle, biography, memory

## SUMÁRIO

<b><u>Introdução</u></b>	<b>9</b>
<b><u>“[...] o talento e a acção dos meus patricios eu de sobejo conheço”: testemunho e construção da autoridade</u></b>	<b>27</b>
1.1 A crítica do testemunho na instância prefacial: uma análise da construção de si como autoridade sobre o passado	30
1.2 “Preoccupo-me, como velho professor, que sou, com a educação civica de meus jovens patricios”: Achylles Porto Alegre educador	38
<b><u>“Nos longinquos, formosos tempos em que eu fazia litteratura de imaginação”: representação do passado e escrita literária</u></b>	<b>55</b>
2.1 “A chronica leve, subtil, alada [...]”: um gênero entre duas tradições de escrita	57
2.2 “Prosa leve, mas escoreita, melodiosa”: imaginação e fidelidade na escrita	71
<b><u>“Belos exemplos dignos de serem imitados”: biografia e as marcas temporais da escrita</u></b>	<b>82</b>
3.1 “[...] varões dignos de Plutarcho”: a biografia e a escrita da história	82
3.2 As marcas do tempo: a tripla temporalidade da escrita de Achylles Porto Alegre	98
<b><u>Considerações finais</u></b>	<b>112</b>
<b><u>Referências bibliográficas</u></b>	<b>116</b>
<b><u>Anexo</u></b>	<b>123</b>
<b><u>Apêndices</u></b>	<b>124</b>



## Introdução

Enquanto na Europa, a partir do século 19, a disciplina de história ganhava autonomia e espaço na universidade, no Brasil é através de instituições (como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), que lembram as academias francesas do século 18, que se desenvolve a prática historiadora.<sup>1</sup> Portanto, no período que compreende o século 19 e se estende ao início do século 20, a história passava, no Brasil, por um processo de disciplinarização do discurso e dos seus agentes autorizados, principalmente a partir desse espaço privilegiado dedicado à construção de um passado nacional.

No IHGB foram travados os debates sobre *o quê*, *o quem* e *o como* se conformaria o discurso histórico sobre a nação. A história era, então, uma disciplina em construção. Mas, é importante perceber que, mesmo no interior da instituição responsável pela elaboração do discurso histórico autorizado e legítimo, existia uma certa liberdade nas escolhas dos historiadores no que se refere às modalidades discursivas com as quais atribuir inteligibilidade e sentido ao passado.<sup>2</sup> Era mesmo o perfil do historiador que estava em aberto e sujeito a debates e disputas, “tanto no que dizia respeito ao tipo de produto cultural que caracterizaria seu *métier* (em sua diversidade e hierarquia) quanto ao tipo de atividades profissionais e sociais que conviria a ele desenvolver para ser reconhecido como tal”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Segundo Manoel Salgado Guimarães, “A leitura da história empreendida pelo IHGB está, assim, marcada por um duplo projeto: dar conta de uma gênese da Nação brasileira, inserindo-a contudo numa tradição de civilização e progresso, idéias tão caras ao iluminismo. A Nação, cujo retrato o instituto se propõe traçar, deve, portanto, surgir como o desdobramento, nos trópicos, de uma civilização branca e européia”, em GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p.5-8.

<sup>2</sup> Como ressalta M. da Glória Oliveira, “Embora sejam mediados por convenções estabelecidas no interior dos lugares de produção de saber, esses procedimentos sempre foram condicionados pelas escolhas dos historiadores. Longe de serem fortuitas, essas deliberações dizem respeito à capacidade de selecionar e organizar os fatos segundo modalidades discursivas diversas e, por conseguinte, relacionam-se à busca de modelos de inteligibilidade e atribuição de sentido para as evidências históricas. [//] Assim, nas primeiras décadas de existência do IHGB percebe-se a publicação significativa de *memórias históricas* que, de modo geral, consistiam em compilações documentais ou relatos descritivos, e em grande parte testemunhais, acerca de determinados acontecimentos da história imediata das províncias do Império”, em OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História). PPG em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009, p.23. No mesmo sentido, T. Cezar afirma que “*Presentismo, memória e poesia*, sempre em correspondência dialética com *passado, esquecimento, história*, são configurações possíveis da escrita histórica, e, portanto, fundamentos da constituição da própria história enquanto disciplina, cuja função mais evidente era, no caso brasileiro, a de esboçar uma *visão da nação brasileira*”, em CEZAR, Temístocles. “Presentismo, memória e poesia. Noções de escrita da história no Brasil oitocentista”. In: PESANVENTO, S. J. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 43-80, p.79.

<sup>3</sup> GOMES, Angela de Castro. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p.26.

Esse quadro da disciplina histórica como um canteiro de obras inconcluso se acentua quando nos aproximamos da virada do século 19 para o 20.<sup>4</sup> Nas primeiras décadas do século 20 se apresenta um momento no qual a escrita da história do Brasil passa por uma profunda revisão, impulsionada pelos desdobramentos de acontecimentos marcantes como a Abolição e a República, sendo esse um período importante para a constituição da historiografia brasileira, pois “transformaram-se os parâmetros sobre a forma de narrar a história da nação, havendo também uma renovação sobre quem está autorizado a fazê-lo”.<sup>5</sup>

Com isso, vive-se um período no qual a história, de contornos ainda imprecisos, ganha um lugar estratégico enquanto ponto de apoio, base de ancoragem para um presente em transformação. É também a partir do passado produzido pela disciplina que irão se eleger novos heróis e novos acontecimentos, que outros serão re-significados. Assim, a circulação dos valores e da carga simbólica de que é portadora a moral republicana se concentra na questão fundamental da educação nacional. Portanto, deve-se entender “o envolvimento sistemático e recorrente de um variado e amplo grupo de intelectuais, com a tarefa de pensar a República e a educação que ela precisava ministrar, a um só tempo”.<sup>6</sup>

Uma das maneiras encontradas pelos historiadores para fazer circular as lições que a disciplina tinha a oferecer sobre o passado ao presente da nação foi a partir da história de vida dos seus cidadãos mais ilustres. Com a biografia, era possível imprimir a força persuasiva necessária que iria dispor o leitor à imitação das ações exemplares realizadas pelos grandes homens.<sup>7</sup> A concomitância dessas formas de escrita do passado, histórica e biográfica, no

---

<sup>4</sup> “Com efeito, a condição de homem de letras e de historiador do Brasil na virada do século XIX não pode ser dissociada da experiência histórica específica de desagregação da ordem imperial e de instauração da República. Pois, nessa atmosfera de instabilidade e de incerteza intensificam-se as tentativas de determinar um tipo étnico representativo, ou pelo menos simbólico da nação, para servir como eixo sólido para o juízo sobre o seu porvir”, em OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006, p.53.

<sup>5</sup> GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.66.

<sup>6</sup> Analisando as experiências da mudança de regime político no Brasil e em Portugal, Angela de Castro Gomes percebe que “a questão da educação nacional, nos dois países e, em seu interior, a questão da educação cívico-patriótica têm peso e importância nada desprezíveis”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.85-86. M. da Glória Oliveira já destacara que a função pedagógica da história, durante o século 19, era “o argumento a conferir legitimidade e força persuasiva às proposições acerca da escrita da história do Brasil”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.39.

<sup>7</sup> “A possibilidade de se atribuir à nação uma identidade original, um *espírito* próprio e irredutível ao das demais, serviria de fundamento para a historiografia romântica e nacionalista do Oitocentos e, por conseguinte, para a criação das grandes galerias biográficas nacionais. Não seria fortuito, portanto, que os projetos biográficos no século XIX compartilhassem de um forte sentido coletivo tanto na criação dos panteões de homens ilustres quanto na mobilização de inúmeros autores para a sua elaboração”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.15. De acordo com A. de Castro Gomes, é preferível não estabelecer uma distinção entre a produção intelectual dos historiadores voltados para pesquisa e aqueles voltados para o ensino e a divulgação, pois “é importante entender que os avanços da profissionalização e da institucionalização da pesquisa histórica mantêm sólidas conexões

esforço de construção do passado nacional, e levando em consideração seu caráter exemplar, reforça, então, o caráter pedagógico do empreendimento histórico realizado.

Os ecos da preocupação com a pedagogia da nação foram escutados na então província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Província afastada do centro político e intelectual do Brasil, que conheceu, na segunda metade do Oitocentos, a tentativa de fundação de um congêner regional do IHGB. O Instituto Histórico e Geográfico fundado na província meridional do Império, tinha na sua raiz a preocupação com a história militar neste território. Dito de outra maneira: através da figura do Barão de Porto Alegre, que estava à frente da iniciativa, se esboçam as diretrizes do que será um *topos* da historiografia rio-grandense: o registro dos grandes feitos militares operados por corajosos soldados rio-grandenses.<sup>8</sup>

Após o encerramento das atividades do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro, em data incerta,<sup>9</sup> alguns dos seus membros se reuniram em torno da *Sociedade Parthenon Litterario*, associação literária fundada em 1868, que se dedicou com empenho na delimitação dos traços particulares do brasileiro nascido na província sulina.<sup>10</sup> Num período em que o ensino na província estava na mão de iniciativas particulares essa associação de literatos liderada, em sua maioria, por professores tomou “para si a tarefa da educação popular, convictos de seu papel como promotores da civilização e da consciência nacional”.<sup>11</sup>

---

com as preocupações de divulgação desse tipo de saber, podendo ela, inclusive, estar encarnada no mesmo indivíduo, que é historiador, divulgador e educador”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.87

<sup>8</sup> “A ‘história de nossa província’ que teria passado sob os olhos do tenente-general era a das inúmeras batalhas em que se manifestaram as louvadas virtudes militares e patrióticas dos rio-grandenses. Por meio desta representação, a do soldado de ‘nobre caráter’, o barão [de Porto Alegre] construía sua versão de uma identidade específica para a província e seus habitantes e sugeria a escrita de uma historiografia que transmitisse a memória de seus feitos às futuras gerações. A construção da nação tinha, segundo ele, ‘os sábios e os heróis’ como seus principais sujeitos: aos segundos coube o sacrifício e o triunfo nos combates e aos primeiros a missão de registrar esse ‘padrão de glórias’ para a posteridade. Sua retórica não se deteve em esboçar o retrato de um ‘outro’, pois o caráter particular do ‘soldado rio-grandense’ definia-se implicitamente em relação ao inimigo externo ou aos naturais das demais províncias. O que mais importava era enfatizar a missão combatente da província na construção da pátria.”, em LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, 2004, p.49.

<sup>9</sup> Segundo Luciana Boeira, o último número da revista publicada pela instituição apareceu em 1863. A entidade ainda sobreviveria durante algum tempo, mas não é possível precisar quanto. BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.68-76.

<sup>10</sup> “Para compreender os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX, assim como o princípio de um processo de panteonização de heróis e homens ilustres rio-grandenses e de formação de um regionalismo literário na província, é indispensável conhecer o Partenon e a produção escrita que daquele espaço derivou”, *Idem, Ibidem*, p.78.

<sup>11</sup> LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.157. Segundo Maria Eunice Moreira, “Abriu-se, pois, com o Partenon, a fase de ordenação literária no Estado e, principalmente, o ciclo da literatura regionalista. Procuravam seus representantes, motivados pelo mesmo espírito de nacionalidade dos românticos brasileiros – ainda que, nessa época, o Romantismo estivesse em declínio nos demais Estados – fixar as peculiaridades locais”, em

João Maia, historiador famoso no Estado pela publicação de livros didáticos, afirma que a fundação do *Parthenon Litterario* foi um fenômeno, pois se deu na época da guerra contra o Paraguai. Uma vez que as “pátrias” se encontram em guerra e a população se mobiliza para a luta, “estanca-se de inopino a corrente do intellectualismo” e o “espírito guerreiro” toma conta das massas. O autor destaca, inclusive, a manutenção da guerra como tema da preferência dos partenonistas: “E um dos assumptos preferidos por essa pleiade entusiasta, que constituia o *Parthenon*, era o da guerra, na celebração dos triumphos das tropas brasileiras”.<sup>12</sup>

O *Parthenon*, enquanto agremiação literária, desenvolveu, igualmente, atividades de coleta e publicação de documentos relevantes para a história rio-grandense, assim como investiu na publicação de biografias de homens ilustres, tal como, num primeiro momento, fora o intuito do IHGB em relação ao nacional.<sup>13</sup>

A própria biografia de cidadãos ilustres, por seu lado, constituía um gênero adotado por letrados brasileiros do século XIX para exercitarem-se no papel de historiador, oscilando entre a tradição clássica da história como ‘mestra da vida’, a inspiração romântica de uma história nacional e a alegada necessidade de rigor quanto à veracidade dos relatos.<sup>14</sup>

Assim, é possível afirmar que biografia e história nacional caminharam lado a lado no Brasil do século 19,<sup>15</sup> imbuídas pelo ideal de ensino das coisas pátrias. Mas, tal como a história, ainda envolta em debates e definições dos seus limites na representação do passado (tais como entre o campo literário e o histórico), também a biografia “não pode ser interpelada como conclusões de métodos ordenados ou recorrentes”.<sup>16</sup>

---

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1982, p.25.

<sup>12</sup> MAIA, João. “Achylles Porto Alegre”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1926, I e II Trimestres, Ano VI, p.5-8, p.5. “Pois, sem desinteressar-se pela pugna memorável – antes integrando-se, solidarizando-se na repulsa mais do que qualquer outra região do Brasil, a ponto de vêr-se privado de quasi toda a sua população viril – o Rio Grande do Sul teve, exactamente n’esse momento historico, a eclosão singular dos seus melhores poetas, dos seus mais brilhantes prosadores, dos seus oradores mais eloquentes”. *Idem, Ibidem*. Procuo preservar a grafia original de todas as citações realizadas.

<sup>13</sup> GUIMARÃES, M. *Op. cit.*, 1988, p.9.

<sup>14</sup> LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.69-70. “No esforço empreendido para a elaboração da história nacional, os trabalhos biográficos estiveram longe de desempenhar um papel secundário ou mesmo de terem contestado o seu valor historiográfico dentro do Instituto [Histórico Geográfico Brasileiro]. Entretanto, os usos do gênero pelos seus sócios sempre foram acompanhados pela afirmação da função moralizadora e pedagógica da história, tal como a formulara Cunha Barbosa no discurso inaugural”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.20.

<sup>15</sup> SANTOS, Evandro dos. *Temp(l)os da Pesquisa, Tem(l)od da Escrita: A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.23.

<sup>16</sup> SANTOS, E. *Op. cit.*, 2009, p.34.

No século 19, desta forma, a história nacional não havia se profissionalizado como na Europa. No Rio de Janeiro, centro administrativo e cultural do país, de certo era possível encontrar historiadores de ofício, que partilhavam atribuições da disciplina e a *démarche* ligada a ela, capazes de reconhecerem uns aos outros enquanto tais. Mas, como procurei salientar, a história era ainda uma disciplina em construção, caráter que se acentua com as transformações ocorridas no final do século. Essa indefinição do que seria a história, qual(is) sua(s) modalidade(s) discursiva(s) prevista(s) para representar o passado, criavam um campo de possibilidades no qual os agentes do campo da cultura tinham, se não de forma plena, alguma liberdade para inovarem e proporem maneiras de escrever sobre o passado que destoam do cânone historiográfico apressadamente imaginado para o período (representado pela escola metódica francesa). Assim, na distante província de São Pedro, a história estava reservada aos homens de letras e aos diletantes. A pesquisa e, principalmente, a escrita, deixadas ao encargo daqueles dispostos a incorrer no passado, era portanto exercida com uma relativa autonomia,<sup>17</sup> sem prejuízo para o reconhecimento do caráter histórico do empreendimento. Ou seja, não haveria um único meio de fazer e escrever história.

Este é um trabalho que tem como objeto de pesquisa um escritor rio-grandense, nascido em 1848, na cidade de Rio Grande, e falecido em 1926, em Porto Alegre. Mais precisamente, a pesquisa se detém em um conjunto de quatro livros publicados por ele entre 1916 e 1920, que tem por objetivo oferecer aos leitores, os jovens estudantes do Rio Grande do Sul, uma série de exemplos resgatados ao passado, numa declarada perspectiva pedagógica. O nome deste escritor é Achylles Porto Alegre. Achylles é um homem de letras que, tal como tantos outros da sua geração e da(s) seguinte(s), tem uma produção intelectual que hoje encaixaríamos em diferentes áreas do conhecimento, e isso se verifica nas diversas atividades desenvolvidas ao longo da sua vida: ele foi poeta, contista, romancista, dono, fundador e editor de jornais em Porto Alegre, professor, cronista, biógrafo e historiógrafo.

João Maia, no esboço biográfico publicado após a morte de Achylles Porto Alegre nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, informa que Achylles, “adolescente ainda”, marchou com as tropas brasileiras rumo ao Paraguai. Mas “sua compleição debil” o obrigou a “regressar aos penates”.<sup>18</sup> Após a tentativa frustrada de servir o país em guerra, tem início a “carreira mental” de Achylles, “sob os melhores auspícios, e, simultaneamente, ingressou no funcionalismo do imperio”, onde chegou a ocupar, por volta

---

<sup>17</sup> Autonomia no que se refere ao modelo discursivo (memória, crônica, biografia, anais, ensaio, relato, etc.), à forma, aos procedimentos metodológicos empregados (se existentes), etc.

<sup>18</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.5-6.

do ano de 1880, “um alto cargo na thesouraria de fazenda” de Porto Alegre. Foi co-proprietário e redator do *Jornal do Commercio*, “folha de solido prestigio social e politico, por esse tempo”,<sup>19</sup> além do jornal *A Notícia*.

Intellectual atuante, foi membro fundador e um dos principais colaboradores da revista mensal da *Sociedade Parthenon Litterario*, entre 1869 e 1879.<sup>20</sup> De acordo com Alexandre Lazzari, a família Porto Alegre e a geração nascida após a Revolução Farroupilha (1835-1845), são os principais mobilizadores da associação literária.

Ainda que alguns eminentes veteranos das letras da província estivessem entre os fundadores do Parthenon, é certo que a iniciativa maior em liderança e entusiasmo coube a uma nova geração de cidadãos cultos nascidos após a guerra de 1835-45, em sua maioria também envolvidos com as instituições de ensino da província. Neste aspecto, foi emblemática a presença dos irmãos Apollinario, Apelles e Achylles Porto Alegre.<sup>21</sup>

Achylles também participou da fundação da Academia Rio-grandense de Letras, em 1901, e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), em 1920.<sup>22</sup> Alguns dos seus trabalhos foram publicados em jornais do estado. Além da atuação em periódicos, Achylles deixou muitos livros escritos.

Ainda no século 19, publicou três livros de poesia, posteriormente reunidos sobre o título de *Val de lirios*.<sup>23</sup> Segundo Maia, após a publicação de *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo (“livro de versos vasados na escola parnasiana”), “secunda-o no Rio Grande do Sul”, com um livro de poesias do mesmo gênero, Achylles, referindo-se ao livro de poesias intitulado *Illuminuras*, aparecimento coroado por “franco successo”. “Nada faltava a Achylles, pois, para que o seu apogêo se impuzesse com firmesa: mocidade, bens de fortuna, gloria literaria”.<sup>24</sup>

<sup>19</sup> *Idem, Ibidem*, p.6.

<sup>20</sup> Entre o período em que circulou o periódico do *Parthenon*, de 1869 a 1879, Achylles publicou 49 trabalhos, em SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008, p.170. Nas páginas da revista mensal Achylles publicou contos, romances, poesias e biografias. Sobre o *Parthenon*, ver o trabalho acima referido de Cássia Silveira, e também: BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009. Sobre o *Parthenon* e a centralidade de Apollinario no projeto, LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004.

<sup>21</sup> LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.62-63.

<sup>22</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de, *et alli* (orgs). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1999, p.26.

<sup>23</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Val...* Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & Cia, 1921. João Maia afirma que os livros de poesia *Flores de gêlo* e *Val de lyrios* “foram outras tantas afirmações brilhantes da capacidade poetica do saudoso patricio”, mencionando a carta de Sylvio Romero, publicada como prefácio ao livro que reúne sua obra poética, na qual o autor afirma ser Achylles “o primeiro lyrista riograndnese (*sic*)”, em MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.7.

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p.6.

Depois de se aposentar no cargo que tinha na Tesouraria, Achylles “passou a exercer o magisterio particular, em estabelecimentos de grande nomeada por esse tempo”, além de receber alunos em casa.<sup>25</sup> Desta forma, o autor retoma uma reconhecida e prestigiada tradição da família Gomes e Porto Alegre na educação publica porto-alegrense, que tinha em Ferreira Gomes, seu tio, e Apollinario e Apelles, seus irmãos, nomes de destaque.<sup>26</sup>

O governo do Estado, então, “querendo aproveitar as suas aptidões magisteriaes” de Achylles, “nomeou-o para uma das cadeiras da Escola Complementar, e posteriormente para o lugar de inspector escolar, em que veio a aposentar-se”.<sup>27</sup> Seus livros de crônicas e biografias, possivelmente aproveitando-se do prestígio familiar, tinha a função declarada de instruir nas novas gerações de rio-grandenses sobre os homens ilustres e acontecimentos do passado, e efetivamente muitos desses trabalhos foram publicados pela editora da Livraria Selbach que, de acordo com Charles Monteiro,<sup>28</sup> era especializada na publicação de livros voltados para a educação.

Mas, “a despeito da rudesza da luta pela vida, a que gradativamente foi sendo impellido [...] a cultura das letras era sempre e cada vez mais intensificada por Achylles Porto Alegre”.<sup>29</sup> Já nas primeiras décadas do século 20 até o final da vida, Achylles deu a público dezessete livros sobre temas distintos e com abordagens variadas, mas que se concentraram sobre um foco principal: o passado do Rio Grande do Sul. São livros de contos, de crônicas, de biografias ou de histórias, livros que na maioria dos casos entrecruzam livremente muitos desses gêneros.<sup>30</sup> Mas, como destaca João Maia, “Constituiu a chronica, porém, nos ultimos tempos, o genero exclusivo da sua factura literaria, e, no conjuncto de seus livros vasados sob esse aspecto, farto e precioso manancial encontrará o pesquisador de nossas cousas, de nossos homens de outr’ora”.<sup>31</sup> A crônica era um gênero já praticado no Brasil desde da primeira

---

<sup>25</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.6.

<sup>26</sup> “O enraizamento das idéias republicanas e liberais bem como a vocação ao magistério no seio das famílias Gomes e Porto Alegre é inegável [...]. A dedicação ao ensino, portanto, quase uma tradição familiar, permitia a Apollinario e seus parentes aspirar a uma peculiar influência na vida política da província”, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.182.

<sup>27</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.6.

<sup>28</sup> MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.46

<sup>29</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.6.

<sup>30</sup> Cabe aqui uma pequena caracterização dos livros publicados por Achylles Porto Alegre: eles são pequenos no formato e poucos longos na extensão, não ultrapassando, na maioria dos casos, 200 páginas. O conteúdo é distribuído em diversos textos, em grande parte, curtos, de duas à cinco páginas, em uma média de 40 a 60 pequenos textos por livro. O primeiro, *Illuminuras*, livro de poesia, foi publicado em 1884. O último, *Prosa esparsa*, foi publicado um ano antes de sua morte, em 1925.

<sup>31</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.7.

metade do século 19, assim como no Rio Grande do Sul. Além de Antônio Álvares Pereira Coruja, que havia publicado *Antigualhas. Reminiscencias de Porto Alegre*, em 1881, também Alcides Maya publicou um livro de crônicas e ensaios (*Pelo futuro*), em 1897, assim como Roque Callage (com *Prosas de ontem*), em 1908, 1910 (*Escombros*), 1914 (*Terra Gaúcha*), 1920 (*Crônicas e contos e Terra natal*) e 1921 (*Rincão*).<sup>32</sup>

Além disso, o autor destaca outro gênero no qual Achylles foi prolixo, a biografia:

[...] fazendo reviver na sua obra, de tão attraente quão proveitosa modalidade, pessoas extintas, – sob determinada feição umas, outras encaradas debaixo de diversos pontos de vista – Achylles Porto Alegre proporcionou, aos estudiosos do passado riograndense, copiosos subsidios novos. Mais alto ainda fala a natureza d’esses subsidios e é que elles collaboram na obra profundamente humana de religar aos vivos, com tocante piedade, a lembrança inextingivel (*sic*) de mortos queridos.<sup>33</sup>

A heterogeneidade da obra de Achylles não se encontra, contudo, apenas nos diversos gêneros em que produziu: é possível percebê-la inclusive no interior dos seus trabalhos. Essa é uma característica notável dos seus livros, nos quais o autor mescla elementos da crônica histórica com aquela de caráter mais cotidiano, ligada ao jornal, em textos carregados (para o historiador contemporâneo) de estratégias literárias de produção de uma narrativa que representa o passado de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, seus homens ilustres, assim como seus “tipos populares”. Em muitos deles, Achylles vale-se da memória e do testemunho na construção do relato histórico numa escrita que ele mesmo definiu como “trabalho de historia, de reminiscencia e, não raro de evocação”.<sup>34</sup>

As biografias, as crônicas e as memórias dadas por escrito são gêneros que comportam uma interface maior com a imaginação criativa no uso da linguagem, e que se aproximam, portanto, da literatura. Assim, a representação do passado, enquanto modalidade pedagógica do ser nacional, juntamente com a literatura se esforçava na construção concomitante da

<sup>32</sup> MOREIRA, M. *Op. cit.*, 1982, p.26-27.

<sup>33</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.7. É importante destacar, na citação, dois aspectos: o primeiro, é a ligação entre o trabalho de Achylles estabelece com a memória, que religa o tempo dos vivos ao passado, constituindo o elo de sustentação e significação da experiência no presente; o segundo, que delega ao trabalho de representação do passado realizado por Achylles a função de simples subsídio aos estudiosos do passado.

<sup>34</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Através do Passado (Chronica e historia)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920, p.4. “Aquiles define o seu trabalho entre a história e a crônica (literatura), o que pode ser observado nos procedimentos de escrita que utiliza. Ora a citação, a referência e a data precisa, ora a evocação lírica de um passado fragilmente datado, com ênfase na subjetividade do autor”, em MONTEIRO, Charles. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, 2004, p.90.



identidade nacional, com seus desdobramentos regionais.<sup>35</sup> Ou seja, ao olhar para o fazer da história no passado o historiador contemporâneo é confrontado com uma escrita que se valia livremente das técnicas literárias de composição do texto, sem que seu uso afetasse a intenção de verdade do relato.<sup>36</sup>

Essa conjugação entre literatura e história pode mesmo ser percebida na semelhança das temáticas escolhidas pelos intelectuais rio-grandenses do período, que se concentravam sobre as paisagens e costumes do estado e a construção da sua identidade. A consequência imediata dessa conjugação de interesses foi a pouca variação dos elementos constituintes desta construção identitária levada a cabo pelos homens de letras no Rio Grande do Sul. Parece claro, portanto, que Achylles se enquadra de fato nesse retrato da intelectualidade que transita entre diferentes gêneros de escrita e que se preocupa com o esboço da identidade regional e da nação.

Ao passo que na Europa e no Brasil, durante esse período, a história voltava suas atenções para o estatuto da fonte, disciplinarizando sua prática a partir da crítica documental,<sup>37</sup> no Rio Grande do Sul literatura e história “foram praticamente inseparáveis e, até que se observasse uma distinção mais clara entre os ofícios intelectuais, a penetração no universo literário era um passo necessário aos que quisessem falar do mundo social”.<sup>38</sup> Ou seja, a atividade intelectual no Rio Grande do Sul durante esse período não conhecia os limites e as fronteiras hoje atuantes entre esses campos do saber. Suas práticas concomitantes não parecem ter sido objeto de estranhamento para a intelectualidade local, que dava seus primeiros passos na “interpretação” do mundo social através da literatura.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> A temática do regionalismo discutida por Letícia B. Nedel é importante na medida em que se insere “no processo mesmo de formação da intelectualidade no Rio Grande do Sul”, do qual Achylles fez parte. NEDEL, Letícia B. *Um passado novo para uma história em crise: regionalistas e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UnB, Brasília, 2005, p.1.

<sup>36</sup> Pode-se questionar até que ponto essas fronteiras ainda se sustentam atualmente no campo historiográfico confrontado pelas perspectivas narrativas aportadas pelo *linguistic turn*, ao qual retomarei posteriormente. Atualmente os historiadores aceitam a dimensão literária inalienável do seu trabalho, mas o que se interroga neste objeto, os livros de crônica de Achylles Porto Alegre, é a preocupação explícita com a forma, com o estilo, com a “leitura agradável”, e de que forma ela atua na conformação do texto que representa o passado.

<sup>37</sup> Me refiro à escola metódica na França, em relação ao caso europeu, e ao esforço de crítica documental desenvolvido por Capistrano de Abreu, no caso brasileiro. A respeito de “momento do arquivo” de Capistrano, ver OLIVEIRA, Maria da Glória. “Do testemunho à prova documental: o momento do arquivo em Capistrano de Abreu”. In GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, pp. 216- 239.

<sup>38</sup> NEDEL, Letícia B. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinqüenta*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999, p.106.

<sup>39</sup> BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.16. Essa relação estreita entre os dois campos de saber é percebida ainda no trabalho de Moyses Vellinho, já no século 20 “[...] a questão das relações entre a história e literatura [...] foi resolvida pela aceitação de procedimentos comuns a ambas, sem que isso invalidasse a veracidade da primeira,

Portanto, o entrecruzamento das práticas de escrita da literatura e da história, ao que parece, não era uma questão problemática para muitos dos intelectuais da época não só na província de São Pedro.<sup>40</sup> Para sustentar essa afirmação, hoje questionável tendo em vista a especialização de cada disciplina quanto aos seus objetos e seus métodos, é preciso ter presente a *operação historiográfica* que deu origem a essa forma de escrita.<sup>41</sup> Portanto, é a partir do lugar descrito acima, no qual homens de letras iniciados no fazer intelectual pela literatura pensam os caracteres definidores da especificidade do regional em face ao nacional, que penso a escrita de Achylles Porto Alegre.

A escolha desse escritor gaúcho se deve ao fato de ele apresentar um trabalho intelectual em que estão presentes estratégias de legitimação da representação do passado, assim como práticas de escrita originadas na sua trajetória como literato e cronista, que, em conjunto, apresentam como resultado final um texto que procura educar as gerações mais jovens de rio-grandenses. Assim, é a partir de um recorte na sua produção que procuro compreender, na escrita de Achylles, de que forma esses elementos se cruzam e configuram uma representação do passado pensada sobre a ótica do exemplar, com objetivo pedagógico.

\*\*\*

Percorrido o trajeto que torna presente Achylles e seu lugar de escrita da história é tempo de apresentar o problema que orienta essa pesquisa. Assim, a pergunta que procuro responder com esse trabalho é: como Achylles Porto Alegre representa o passado?

O conceito de representação é pensado a partir das proposições de Paul Ricoeur, que identifica uma polissemia do termo.<sup>42</sup>

O historiador encontra-se assim confrontado com o que parece primeiramente uma lamentável ambigüidade do termo 'representação' que,

---

nem a remetesse para o campo do fabuloso. Parece que o mesmo acontecia no Rio Grande do Sul antes da 'era' da pesquisa universitária [...], pois um grande número de historiadores havia sido iniciado no fazer intelectual a partir da literatura e da crítica literária”, RODRIGUES, Mara C. M. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925 a 1964*. Tese (Doutorado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006 p.25.

<sup>40</sup> Segundo Temístocles Cezar, ainda que a questão suscite debate nos meios específicos, como o IHGB, as fronteiras entre a escrita literária e a escrita histórica não eram conflituosas. No Instituto, no século 19, “[...] historiadores e poetas digladiam para saber o que é a história (seria uma memória da nação?), qual seu objeto (o passado ou o presente de D. Pedro II?), mas também para definirem suas identidades (ser historiador ou ser poeta? ou é possível ser ambos?)”, em CEZAR, T. *Op. cit.*, 2004, p.46. A citação dos pareceristas do trabalho de história do tempo presente escrito por Gonçalves de Magalhães é importante: “[...] os lyricos bem acabam de provar que a poesia não é incompatível com a história, segundo a expressão de alguns espiritos apoucados”, *Idem, Ibidem*, p.74.

<sup>41</sup> A noção remete ao trabalho clássico de Michel de Certeau, *A operação histórica*, publicado pela primeira vez em 1973, na coleção organizada por Pierre Nora e Jacques Le Goff, *Faire l'histoire*.

<sup>42</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p.240.

conforme os contextos, designa, enquanto herdeira rebelde da idéia de mentalidade, a representação-objeto do discurso historiador, e, enquanto fase da operação historiográfica, a representação-operação.<sup>43</sup>

O interesse pela representação do passado em Achylles direciona a atenção da análise para aquilo que Ricoeur chama de representação-operação, que constitui a terceira fase do projeto epistemológico do historiador, a fase escriturária: “[...] nesse momento da expressão literária, o discurso historiador declara sua ambição, sua reivindicação, sua pretensão, a de representar *em verdade* o passado”.<sup>44</sup> E, tal como Ricoeur, penso que a representação do passado pelo historiador estabelece um pacto de leitura com o leitor que espera encontrar no trabalho de história um relato verdadeiro do que foi, demanda a qual ele procura suprir através da sua pesquisa.

Assim, será fortemente enfatizado o fato de que a representação no plano histórico não se limita a conferir um roupagem verbal a um discurso cuja coerência estaria completa antes de sua entrada na literatura, mas que constitui propriamente uma operação que tem o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso histórico.<sup>45</sup>

À questão da representação tão simples, a primeira vista, agregam-se outras que dão uma maior complexidade ao problema: quais são as formas pelas quais o autor constrói uma representação que se quer fiel, sincera e verdadeira, isto é, de que forma visa honrar o pacto com o leitor que espera um relato verídico? Como a crônica, gênero de acepção dupla em língua portuguesa, se configura como forma textual em que a referencialidade e o uso criativo da linguagem compartilham o mesmo espaço textual sem prejuízo do pacto de leitura? Nesse sentido, no que a representação pedagógica do passado se diferencia dos trabalhos nos quais a fantasia colabora de maneira mais atuante, como no caso da poesia, dos contos e dos romances? E por fim, como as biografias de homens ilustres se enquadram no projeto de educação cívica de longa tradição no século 19 reatualizado com o advento da República? Qual concepção de história está em jogo no empreendimento do autor? Como articular história exemplar, ressurreição do passado no presente pelo trabalho de rememoração e as menções ao progresso que ensinam uma noção de tempo moderno?

---

<sup>43</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>44</sup> *Idem, Ibidem.* É importante frisar que Ricoeur trabalha sobre o conceito de operação historiográfica de Michel de Certeau, atribuindo-lhe igualmente uma estrutura triádica composta por fases sucessivas e intercambiáveis, sendo elas a fase documentária, a fase da explicação/compreensão e, por fim, a fase escriturária ou literária. De acordo com Ricoeur, a história é uma escrita, de uma ponta a outra, e portanto a última fase da operação que consiste o trabalho do historiador estaria presente em todas as demais fases. Em RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.247.

<sup>45</sup> *Idem, Ibidem*, p. 248.

Para responder este questionário, foi estabelecido um recorte no conjunto da obra publicada pelo escritor. A começar pelo livro *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*, de 1916 – e a sua reedição e ampliação no ano seguinte –, passando por *Vultos e factos*, de 1919, e chegando em 1920, com a publicação de *Através do passado (Chronica e Historia)*, Achylles deixa claro que os livros integram uma série dedicada à educação cívica da “mocidade rio-grandense” através dos exemplos dignos do passado. Esses trabalhos formam, portanto, um grupo diferenciado em relação aos demais escritos do autor. Eles remetem a um esforço consciente e declarado de presentificação de modelos de conduta, que caracterizam o aspecto pedagógico da escrita. Diferentemente das outras obras publicadas, nas quais se destaca um tom memorialístico no resgate do passado, a série educativa apresenta traços efêmeros de pesquisa, menções passageiras aos documentos e também à bibliografia. Em comum na relação com o todo da obra de Achylles, dois traços que atravessam toda a sua produção: o testemunho (o alheio e o próprio) e a preocupação com a forma, o estilo da narrativa.

A análise será concentrada, portanto, na escrita de Achylles Porto Alegre. O objeto escolhido para responder às questões colocadas pelo problema de pesquisa é o texto, suas estratégias de legitimação interna, as formas pelas quais o autor caracteriza sua atividade, como é possível compreender seu projeto pedagógico ancorado na memória e levado a cabo a partir das crônicas e das biografias. A opção por restringir a análise ao texto de certo impõe limitações à compreensão do trabalho de Achylles no que toca a sua inserção no universo da produção cultural (literária e histórica) rio-grandense no período. Perde-se, com isso, possibilidade de compreender, de maneira mais consistente, os laços que ligam a atividade do autor ao lugar de produção, os condicionantes externos aos quais a escrita está submetida (e que as “sociedades de discurso” se encarregariam em resguardar), os diálogos estabelecidos por Achylles junto aos outros homens de letras do período, a posição social ocupada pelo autor no círculo letrado porto-alegrense, quais consequências decorrentes dessa posição para escrita, entre outros.

Mas, como afirma Alcir Pécora, em *Máquina de gêneros*, deter-se sobre um objeto literário, no sentido de produção escrita, com suas convenções e variações ao longo do tempo, é uma opção tanto quanto “[...] interpretá-los como referência a uma subjetividade particular ou a um grupo social é apenas uma escolha, historicamente explicável e eventualmente interessante, mas não natural, nem óbvia”.<sup>46</sup> Ou seja, a escolha em analisar um objeto literário como fruto de uma trajetória específica de um indivíduo ou de um grupo é apenas uma opção,

---

<sup>46</sup> PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.12.

o que implica que dizer que ela não é necessária. A escolha pelo texto permite analisar de maneira mais detida a produção de legitimidade no interior da escrita, os laços tênues que a escrita de Achylles Porto Alegre estabelece entre memória, crônica e biografia na representação do passado, caracterizada pela intenção de instruir e agradar. Dessa forma, é possível perceber, ainda no plano textual, a proximidade entre aquilo que o autor caracteriza como literatura de imaginação e os gêneros presentes na série pedagógica.

Portanto, a preocupação que orienta essa pesquisa é compreender como, em um determinado momento e sob um caso específico, se escreveu a história do Rio Grande do Sul. Proponho um percurso interpretativo que parte das formas de legitimação de uma dada escrita, passando pela identificação das suas estratégias de tessitura da narrativa, até o ponto em que é trabalhada a concepção de história que perpassa o empreendimento.

\*\*\*

Delimitados o problema e o recorte de análise, passo a formulação teórica que dá sustentação à pesquisa, retomando algumas reflexões que foram apenas esboçadas anteriormente e que são importantes para trabalho. Fundamental para a compreensão da escrita da história, o conceito de *operação historiográfica*, formulado por Michel de Certeau, é o conceito orientador desta pesquisa, principalmente no que se refere ao produto do trabalho do historiador, isto é, a *escrita*. Acompanhando Roger Chartier, quando este retoma Certeau e sua reflexão sobre a escrita da história, ficará mais clara a importância do conceito:

[...] a história é um discurso que coloca em ação construções, composições, figuras que são aquelas de toda escritura narrativa, logo, também da fábula, mas que, ao mesmo tempo, produz um corpo de enunciados ‘científicos’, se entendermos por isso ‘a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitem ‘controlar’ operações proporcionais à produção de objetos determinados’.<sup>47</sup>

Em primeiro lugar, vê-se destacado o caráter histórico da disciplina, sujeita a “variações” dos procedimentos técnicos e, acrescento, da própria concepção do que seja história. Segundo ponto importante, as regras da escritura (“construções, composições e figuras da escritura narrativa”) indicam a relevância do *texto* (enquanto uma dimensão textual da escrita da história) para análise das formas como se produz história. Por fim, as restrições do lugar e da instituição (regras para controlar operações) autorizam pensar a historiografia como prática social, “isto é, projeto e resultado do trabalho de um grupo de eruditos e

---

<sup>47</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.100.

pesquisadores que compartilham preocupações, concepções teóricas e outras condições de produção [...]”<sup>48</sup>

Entretanto, como procurei destacar acima, a história não se configurava enquanto disciplina com regras de produção bem definidas e compartilhadas por todos aqueles auto-intitulados e/ou reconhecidos como historiadores durante esse período. O lugar de produção era, ao meu ver, permissivo em relação ao produto da atividade historiadora, assim como aos modos de produzi-la (apesar de ser possível identificar pontos de convergência temáticas e instituições que procuravam regular a disciplina).

Assim, penso que durante as primeiras décadas do século 20 no Rio Grande do Sul o reconhecimento de um trabalho enquanto discurso histórico estaria sujeito a dois princípios de atribuição de legitimidade, baseado nas formulações de Michel Foucault acerca da ordem do discurso: o primeiro remete ao seu próprio ato de enunciação: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”.<sup>49</sup> Desta forma, um discurso teria legitimidade quando enunciado por quem portasse uma determinada qualificação. A legitimidade, nesse caso, residiria em quem é seu autor e nas condições de sua enunciação. O segundo princípio desloca a verdade do discurso do enunciador para o enunciado, ou seja, para o conteúdo do discurso.<sup>50</sup>

Nesse sentido, é necessário atentar para as práticas de delimitação e circunscrição de um discurso, assim como para aqueles que são autorizados a enunciá-lo, através daquilo que se pode caracterizar como “sociedades de discurso”,<sup>51</sup> uma vez que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>52</sup>

As sociedades do discurso são fundamentais para pensar a produção de discursos, pois elas seriam responsáveis pela sua produção, conservação e circulação de discursos reconhecidamente legítimos, mas que o fazem apenas a partir de regras previamente

---

<sup>48</sup> RODRIGUES, Mara. *Op. cit.*, 2006, p.19.

<sup>49</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.37.

<sup>50</sup> “O deslizamento vai do ato de enunciação para o próprio enunciado. [...] Assim, é de grande valia pensar sobre o quem, o quando, o onde e conforme a que ritual de um discurso realizado, agregando a esses elementos o conteúdo do discurso (o que ele diz)”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.64.

<sup>51</sup> FOUCAULT, M. *Op. cit.*, 2005, p.39.

<sup>52</sup> FOUCAULT, M. *Op. cit.*, 2005, p.8-9.

acordadas.<sup>53</sup> Contudo, as regras que circunscrevem uma prática discursiva são mutáveis no tempo e no espaço, como é o caso do discurso histórico no Brasil que, desde o século 19, se configurava como uma disciplina em construção, permitindo, inclusive, uma maior interface com a literatura.

As relações entre história e literatura são um elemento constante na reflexão daqueles que pensam a especificidade da história enquanto área de conhecimento distinta. Para Luiz Costa Lima, o surgimento da história é, junto com o da filosofia, um momento em que se procura introduzir uma formulação teórica às tentativas que compreensão do mundo, previamente esboçadas pela poesia.<sup>54</sup> Em sua origem, portanto, a história se afasta da poesia.

Mas, como a esse primeiro ímpeto teórico não se segue uma reflexão maior, a separação permanece precária. Essa carência de reflexão provoca momentos em que “a diferença, embora não de todo esquecida [entre história e poesia], submerge ante o prestígio da retórica. Outro, ao invés, a que corresponderá a concepção moderna de história, em que sua oposição será ressaltada”.<sup>55</sup> Dessa forma, o autor indica que, em diferentes momentos da história da reflexão acerca da história, a disciplina é pensada ora em relação estreita com a literatura – e as preocupações referentes à estética do relato –,<sup>56</sup> ora afirma-se, ao contrário, a ruptura profunda com a arte, e, por conseguinte, sua maior proximidade com a ciência. Assim,

Depois de um longo eclipse do relato ao longo do qual os historiadores dos séculos 19 e 20 pensaram conseguir fundar uma física social, acreditando romper para sempre com a história-relato, os historiadores, hoje, insistem no fato de que a noção de história reveste-se de um valor polissêmico, designando ao mesmo tempo a ação narrada e a narração em si, confundindo ou fundindo, a ação de um narrador [...] com o objeto do relato. O historiador é, de novo, convidado a interrogar seu ato de escritura, a proximidade deste com a escritura ficcional e, ao mesmo tempo, a fronteira que distingue os dois domínios.<sup>57</sup>

Portanto, a partir das últimas décadas do século 20 as relações entre história e literatura voltam a aparecer no cenário intelectual para que se reflita acerca das aproximações entre os “atos de escritura”. Figura central disso que ficou conhecido como *linguistic turn*,

<sup>53</sup> Segundo M. Foucault, as sociedades do discurso tem por função “conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”, em FOUCAULT, M. *Op. cit.*, 2005, p.39. Ver também GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.65.

<sup>54</sup> COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.16.

<sup>55</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>56</sup> Sobre as preocupações com a estética do relato histórico e sua aproximação com a retórica (por vezes em detrimento da verdade), num longo percurso que vai de Cícero à Michelet, ver DOSSE, F. *Op. cit.*, 2003, p.101-148.

<sup>57</sup> DOSSE, *Op. cit.*, 2003, p.135.

Hayden White chama a atenção da comunidade historiadora para as estratégias narrativas utilizadas para produção do sentido no texto histórico, e que auxiliam o historiador na sua explicação do passado.

Apesar do rechaço das teses radicais que se desenvolvem a partir do *linguistic turn*,<sup>58</sup> suas reflexões foram decisivas para a tomada de consciência pelos historiadores “de que seu discurso, seja qual for sua forma, é sempre uma narrativa”.<sup>59</sup> Assim, como aponta Costa Lima, “a preocupação com a linguagem do historiador, com suas estratégias expressivas, não tem como precondição negá-lo como autor de um discurso específico e distinto do ficcional”.<sup>60</sup> Nesse sentido, há no literato e no historiador “um trabalho sobre a linguagem, consistente em convertê-la em seqüência narrativa e dotada de eficácia persuasiva. Mas seus princípios de orientação – veracidade do que se ouviu ou confirmou e ‘ficção’ – são suficientes para separá-los”.<sup>61</sup> Entretanto, “se a historiografia é um discurso próprio, com meta e modos específicos, bem distintos da ficção e da literatura, ela não se isenta de seu caráter de composição escrita”.<sup>62</sup> Isto é particularmente importante para a análise que proponho, baseada no texto de Achylles Porto Alegre, uma vez que torna legítimo o esforço em compreender a interpenetração entre história e estratégias literárias de escrita. A história, como narrativa, se vale da linguagem na produção do sentido da sua representação do passado. Logo, refletir sobre a escrita é pensar sobre os modos de se produzir história, e lançar luz sobre a prática do historiador, no passado e no presente.

A partir das indicações de Luiz Costa Lima, penso que o trabalho de Achylles não é discurso ficcional porque exerce um forte “trabalho sobre a linguagem”, mas que, tendo como seu princípio de orientação a fidelidade do relato, permite compreendê-lo como discurso

---

<sup>58</sup> Teses como as conclusões a que chega Hayden White, que, apesar da sua contribuição para compreensão da história como narrativa, negam a especificidade da história como discurso que tem como meta um relato verdadeiro sobre o passado: “[...] de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências”; WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: USP, 2001, p.98. Para Costa Lima, as tentativas de Hayden White de aproximar a história da poética, “terminaram, contudo, por criar um desvio [...]: converter a escrita da história em uma modalidade de ficção”; COSTA LIMA, *Op. cit.*, 2007, p.21. É o que afirma também Chartier: “Mesmo que escreva em uma forma ‘literária’, o historiador não faz literatura, e isso, devido à sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado de que este é o traço. [...] Dependência, a seguir, em relação aos critérios de cientificidade e às operações técnicas próprios a seu ‘ofício’”; CHARTIER, *Op. cit.*, 2002, p.98.

<sup>59</sup> CHARTIER, *Op. cit.*, 2002, p.86.

<sup>60</sup> COSTA LIMA, *Op. cit.*, 2007, p.37.

<sup>61</sup> *Idem, Ibidem*, p.68.

<sup>62</sup> *Idem, Ibidem*, p.92.



histórico que tem por aporia a verdade do que houve.<sup>63</sup> Portanto, se concordarmos com J. Rüsen, de que a rememoração histórica visa produzir orientação cultural da práxis vital, ou seja, orientar (dotar de sentido e significado a relação consigo e com o mundo) a vida cotidiana, atribuindo-lhe uma direção (construída pela interpretação do passado, compreensão do presente e perspectiva de futuro),<sup>64</sup> é preciso admitir que a eficácia dessa função de orientação está relacionada à qualidade estética das representações históricas do passado.

Sem o aspecto aqui predominante da concordância formal – tradicionalmente chamado ‘beleza’ –, as obras históricas não poderiam desenvolver sua força orientadora no plano da percepção sensitiva; a palidez cognitiva das ideias não teria o fogo da força imaginativa, com a qual a rememoração histórica abre uma perspectiva que estabelece eficazmente finalidades orientadoras para a ação.<sup>65</sup>

No mesmo sentido, a série pedagógica de Achylles está ancorada na legitimidade que a memória, através do testemunho, empresta ao empreendimento que se quer instrutivo e, ao mesmo tempo, agradável. A função de orientação está ligada, de maneira irremediável, ao plano estético do empreendimento.

\*\*\*

Para entender a representação do passado em Achylles apresento um percurso de análise que se inicia, no primeiro capítulo, pelos aspectos que visam construir a legitimidade do seu texto como relato fiel, sincero e verdadeiro do passado. Em primeiro lugar, identifico as formas pelas quais o escritor opera sua constituição enquanto sujeito capaz de narrar o passado. Veremos, a partir da análise dos prefácios das obras publicadas por Achylles Porto Alegre, as estratégias utilizadas pelo autor que contribuem para sua caracterização enquanto testemunha do passado. O que se ressalta sob esta perspectiva de análise é que a auto-construção de Achylles como narrador autorizado, percebida ao longo da leitura dos prefácios de suas obras, constitui o elemento essencial da legitimidade buscada pelo autor.

Percorrido o trajeto que visa elucidar a constituição da legitimidade do texto como relato fiel, o trabalho se volta, no segundo capítulo, para outra questão importante: o estatuto da crônica e a representação do passado face à literatura em Achylles. Escrevendo sobre o

<sup>63</sup> O “[...] discurso ficcional [...] não postula verdade, mas a põe entre parênteses. Já a historiografia tem um trajeto peculiar: desde Heródoto e, sobretudo, Tucídides, a escrita da história tem por aporia a verdade do que houve”; COSTA LIMA, *Op. cit.*, 2007, p.21.

<sup>64</sup> RÜSEN, Jorn. “¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia”. Tradução de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher, p.9-14. Original en: FÜSSMANN, K., GRÜTTER, H. T., RÜSEN, J. (eds.): *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*, 1994, p.3-26. Disponível em [www.culturahistorica.es](http://www.culturahistorica.es), acessado 10 de outubro de 2011.

<sup>65</sup> RÜSEN, J. *Op. cit.*, 1994, p.15.

passado do Rio Grande do Sul, Achylles reservou alguma importância ao estilo, à forma dos seus textos. Mas, apesar do esforço declarado em produzir uma leitura agradável, o autor não deixa de diferenciar sua escrita da história daquilo que chamou de “literatura de imaginação”, praticada em outros tempos. Nesse sentido, procuro então identificar de que forma os usos imaginativos da linguagem, que aparecem na escrita de Achylles sob a forma de figuras retóricas, anedotas e mesmo de diálogos, tão avessos à escrita histórica contemporânea, compunham de maneira indissociável a representação do passado realizada por Achylles. A crônica, como gênero pelo qual Achylles é lembrado pelas gerações posteriores à sua, aparece então como espaço privilegiado para compreensão dessa forma híbrida de escrita. Partindo dos indícios deixados pelo escritor em seus textos, aponto para as aproximações e diferenças possíveis entre os trabalhos publicados pela série pedagógica e a “literatura de imaginação” em Achylles, visando compreender de que maneira tal interpenetração entre duas tradições de escrita era tão harmoniosamente entrecruzadas em seus livros.

O último estágio do percurso, meu terceiro capítulo, interpreta o conceito de história que a obra de Achylles comporta. Concebida como um repertório de exemplos do passado para as novas gerações, a história para Achylles possui um caráter pedagógico evidente. Assim, me detenho sobre as implicações de tal concepção sobre a utilidade do passado para traçar a noção de temporalidade que se manifesta através dela. Da mesma forma, a exemplaridade remete ao uso do passado, e implica em recortes e seleções de acontecimentos, mas principalmente de personagens. Portanto, a biografia, gênero de escrita trabalhado por Achylles ainda no *Parthenon*, possui uma centralidade marcante, e assim abre-se a possibilidade de acessar a história do Rio Grande do Sul a partir dos seus “homens ilustres”.

## Capítulo 1

### **“[...] o talento e a acção dos meus patricios eu de sobejo conheço”: testemunho e construção da autoridade**

Em junho de 2000, durante a 22<sup>a</sup> conferência Marc Bloch, Paul Ricoeur pronuncia um texto no qual afirma que o problema da representação do passado pela história começa com a memória.<sup>1</sup> De acordo com o autor, a memória (mais precisamente, a memória coletiva), “constitui o solo de enraizamento da historiografia”.<sup>2</sup> É a partir da inscrição do testemunho, esse ato declarativo e narrativo da memória, que a história toma distância do campo mnemônico com vistas à constituição do arquivo.<sup>3</sup>

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos.<sup>4</sup>

Desta forma, o testemunho é pensado, partindo das reflexões de Paul Ricoeur, como uma “estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”.<sup>5</sup> Segundo o autor, “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental”.<sup>6</sup> Assim,

O depoimento [testemunho tomado por escrito] é por sua vez a condição de possibilidade de instituições específicas dedicadas à coleta, à conservação, à classificação de uma massa documental tendo em vista a consulta por pessoas habilitadas. O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro [...] o rastro documental.<sup>7</sup>

O testemunho sustenta a verdade da sua afirmação na sentença “eu estava lá”. Sua especificidade,

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé”. *Annales HSS*, julho-agosto 2000, n. 4, p.731.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p.83.

<sup>3</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2000, p.737.

<sup>4</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.156.

<sup>5</sup> *Idem, Ibidem*, p.41.

<sup>6</sup> *Idem, Ibidem*, p.170.

<sup>7</sup> *Idem, Ibidem*, p.177.

[...] consiste no fato de que a asserção de realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha. Desse acoplamento procede a fórmula típica do testemunho: eu estava lá. O que se atesta é indivisamente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência. E é a testemunha que de início se declara testemunha. Ela nomeia a si mesma. [...] A autodesignação se inscreve numa troca que instaura uma situação dialogal. É diante de alguém que a testemunha atesta a realidade de uma cena à qual diz ter assistido, [...], mas, no momento do testemunho, na posição de um terceiro com relação a todos os protagonistas da ação. Essa estrutura dialogal do testemunho ressalta de imediato sua dimensão fiduciária: a testemunha pede que lhe dêem crédito.<sup>8</sup>

O conceito, tal como exposto, permite pensar nos usos que Achylles faz do testemunho na sua escrita. No diálogo com o leitor (aquele que lhe dá crédito) estabelece uma relação que depende da confiança. Confiança no que é relatado, mas também em quem relata (“eu estava lá”). Assim, a inserção do testemunho na construção da narrativa aponta para uma estratégia de legitimação do texto como escrita confiável do passado. A memória é o elemento central na sua representação do passado: “Dissemos ao correr da penna, e quasi sempre de memoria, porque o nosso tempo não chega para folhear livros, do que aliás prescindimos, velhas e novas coisas de Porto Alegre”.<sup>9</sup>

Contudo, Achylles não somente afirma sua presença como instância legitimadora de uma parte de suas representações. Como tentarei mostrar adiante, o autor constrói a si mesmo como testemunha autorizada destes eventos e personagens narrados. Para tanto, procuro identificar as condições de emergência desta operação, bem como suas estratégias de legitimação interna, traçando, quando possível, paralelos com a posição social ocupada por Achylles no meio letrado, num esforço de crítica do testemunho do escritor. Farei isso recorrendo aos prefácios das suas obras em busca das estratégias textuais utilizadas pelo escritor na sua auto-representação e dos atributos por ele acionados para legitimar sua posição, cruzando os resultados da análise com as informações sobre a trajetória de Achylles.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*, p.172-173.

<sup>9</sup> PORTO ALEGRE, Achylles, *Através do passado (chronica e historia)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920, p.44. Procuro preservar a grafia original da escrita de Achylles Porto Alegre. As fontes às quais Achylles Porto Alegre recorre para sua representação do passado vão além do seu próprio testemunho, e abarcam a menção aos “documentos oficiais”, à bibliografia e aos testemunhos de outras pessoas. Sem negligenciar a importância desses elementos no trabalho de consolidação de uma narrativa verdadeira sobre a história, procuro, contudo, centrar aqui minha atenção sobre o seu próprio testemunho e o trabalho de constituição de si como autoridade, por entender que esses aspectos se destacam sobre os demais.

<sup>10</sup> O quadro de referências do qual a análise parte é, com certeza, restrito e impõe limites à interpretação. Feita a constatação, procuro aproximar as conclusões oriundas da leitura da fonte, primordialmente a escrita de Achylles, da bibliografia que trata da vida e da obra do autor, assim como aquela que aborda a história da história no Rio Grande do Sul em períodos correlatos aos de produção de Achylles.

\*\*\*

O meu interesse pelo trabalho de Achylles Porto Alegre surge numa conjuntura contemporânea de relação com a temporalidade em que a memória e o testemunho ocupam um lugar importante não só no debate historiográfico. Como uma demanda que se impõe de fora da academia para dentro dela, esse fenômeno de voltar-se para o passado nasce após a crise das idéias utópicas de futuro que naufragaram ao longo do século 20.<sup>11</sup> Esse novo interesse pelo passado também é sintoma dos eventos que marcaram negativamente o século 20: guerras, genocídios e regimes totalitários. Seja com o intuito de preservar, resguardar do esquecimento, exigir justiça ou opor-se a uma representação oficial do passado, a memória aparece principalmente como instrumento político articulado por indivíduos ou grupos com vistas à sua identificação e reconhecimento.<sup>12</sup>

Desta forma, a memória volta a fazer parte do repertório de preocupações epistemológicas e éticas do historiador, impulsionada pelo uso de novas fontes, metodologias e objetos de análise que expandem o espaço e a temporalidade em que atua o pesquisador.<sup>13</sup> Uma característica marcante deste retorno é a centralidade ocupada pelo aspecto traumático que envolve a memória. Por conseguinte, grande parte das reflexões atuais sobre o assunto se voltam para os problemas contemporâneos relacionados ao testemunho e à memória, seu uso como fonte, as experiências de que são portadoras, sua comunicabilidade, enfim, sua credibilidade, o que envolve, por sua vez, questões de ordem moral, ética e política. Partindo da particularidade deste debate historiográfico contemporâneo sobre memória, volto minha atenção para o obra de Achylles Porto Alegre.<sup>14</sup>

A representação do passado operada por Achylles Porto Alegre envolve a seleção de aspectos, como lugares, acontecimentos e personagens, apresentados como exemplos para as novas gerações, a quem dirige a maioria dos seus livros. Conforme indicam diferentes historiadores em suas análises sobre a memória, ela está intimamente ligada à constituição da identidade, seja ela individual ou de um grupo, pois, segundo Roney Cytrynomicz, “sem

---

<sup>11</sup> HARTOG, François & REVEL, Jacques. “Note de conjoncture historiographique”. In: \_\_\_\_\_ (orgs). *Les usages politiques du passé*. Paris: EHESS, 2001.

<sup>12</sup> POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. E do mesmo autor: “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>13</sup> Sendo possível perguntar até que ponto essa expansão da atuação do historiador provocada pelo interesse no passado recente ou pelo uso das fontes orais, por exemplo, é uma causa ou uma das consequências dessa demanda pública por passado.

<sup>14</sup> Assim o uso da bibliografia atual desenvolvida com preocupações específicas que caracterizam suas condições de emergência deve ser trabalhada de forma crítica, já que o meu objeto de pesquisa se localiza em outro espaço e outro tempo.

tradição [...] que selecione e nomeie, que transmita e preserve, parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo [...]”.<sup>15</sup> Portanto, quando Achylles realiza a seleção que inscreve em seus livros de caráter pedagógico ele atua num processo de enquadramento da memória do Rio Grande do Sul,<sup>16</sup> que têm como consequência a conformação e manutenção de uma identidade regional.

### **1.1 A crítica do testemunho na instância prefacial: uma análise da construção de si como autoridade sobre o passado**

Em 1910, Achylles inicia a publicação de livros que irão caracterizar a produção intelectual da sua velhice. Com *Contos e perfis* – que amplia *Phantasias*, publicado em 1894 –, o escritor retoma uma atividade iniciada ainda na juventude, nos tempos em que era membro e profuso colaborador da revista da *Sociedade Parthenon Litterario*, conjugada à sua escrita “ligeira”, fruto do trabalho e publicação em jornais da capital. Assim, os esboços biográficos publicados no *Parthenon* ganham os traços escritos “ao correr da pena” das crônicas modernas, e Achylles volta-se ao passado do Rio Grande do Sul, inscrevendo-o em livros que dedica à educação cívica dos seus “patrícios”. Ao longo de quinze anos, o escritor publicará outros 14 livros com proposta semelhante. Neles, Achylles escreve, em grande parte, perfis de personagens históricos, outros de pessoas da sua geração ou da seguinte, aquelas a quem conheceu; o passado também é representado por meio de acontecimentos importantes da história regional, ou ainda por hábitos e tipos populares, que ao longo do tempo desapareceram ou se transformaram.

Assim, Achylles é, sobretudo, um escritor atento às transformações. Seus trabalhos são escritos após o advento da República, que no Rio Grande do Sul marca a chegada ao poder de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, reformadores positivistas que implantam uma série de mudanças na estrutura administrativa, educacional e também física do estado, notadamente na sua capital, Porto Alegre. É Achylles quem afirma:

Porto Alegre desenvolveu-se, com prejuízo de outras cidades mais velhas, devido á sua excellente posição geographica. Entretanto é preciso notar-se que a cidade só começou a engrandecer-se depois do advento da República. Entregue a situação ao pugylo intelligente e forte de moços republicanos,

<sup>15</sup> CYTRYNOMICZ, Roney. “O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória, literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 136.

<sup>16</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1989, p.9.

com Julio de Castilhos á frente, de logo começou a construção regeneradora. ‘Tudo está por fazer!’ Exclamava Julio de Castilhos pelas columnas de *A Federação*. E tudo começou a ser feito, com vontade ferrea e pulso forte.<sup>17</sup>

A cidade passava então, por uma “faina modernizadora”, que lhe alterava as feições: “Edifícios desaparecem, cedendo logar a outros mais pomposos e higienicos. O que eram velharias caturras são, na actualidade, modernices elegantes”.<sup>18</sup> A Porto Alegre que Achylles conheceu se transformava ao toque do “progresso”, segundo ele, cuja ação “[...] varreu todo esse ‘lixo historico’ para alindar a ‘urbs’...”.<sup>19</sup> O progresso que transforma e moderniza a cidade também é o progresso que sepulta seus vestígios do passado. O trabalho de Achylles pode ser entendido, então, como um esforço de resgate e salvaguarda da memória de um passado que não possui mais lugares físicos de sustentação, um dos pontos de ancoragem da memória.<sup>20</sup>

Desta forma, os livros de Achylles surgem nesse contexto de rápida transformação da paisagem pela qual o autor se movimenta. Portanto, seu esforço em lembrar e fazer lembrar através da sua escrita representaria, ao mesmo tempo, a vontade de dar a conhecer um passado que já não existe em seu aspecto material – que o vestígio representa –, mas também localizar e reconhecer a si mesmo, para si e para os outros, em meio ao novo. Trata-se, assim, de construir um lugar para sua memória – seus livros – e um lugar para si entre os outros, tendo em vista que Achylles escreve e publica seus livros já no final da vida.<sup>21</sup> Neste sentido, não só os vestígios materiais do passado desaparecem. Suas testemunhas também.

Quando a memória não está mais em todo o lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse

<sup>17</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.45. Ainda que os irmãos de Achylles, como vimos, tenham rompido com a geração de republicanos que veio a assumir o controle do Estado após a Proclamação da República, liderados por Júlio de Castilhos, a relação de Achylles com o novo regime, após um primeiro momento no qual sua remoção para uma província no norte foi decretada, se altera e ele é nomeado para cargos ligados ao magistério na Escola Complementar e chega ao posto de inspetor escolar, em MAIA, João. “Achylles Porto Alegre”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1926, I e II Trimestres, Ano VI, p.5-8, p.6.

<sup>18</sup> *Idem, Ibidem*, p.34.

<sup>19</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>20</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1989, p.3.

<sup>21</sup> Este problema continuará fazendo parte da pauta dos intelectuais da geração seguinte. Sobre esse aspecto, Mara Rodrigues identifica em Moysés Vellinho e na sua geração a imposição de um problema: “a construção de uma identidade intelectual em um estado marcado pelo *ethos* guerreiro e militar. [...] As identidades de escritor e de herói deveriam ser instaladas no processo contínuo que ligava a formação sociohistórica local desde o passado remoto até um presente em que se buscava uma posição mais proeminente da intelectualidade no cenário nacional”. Segundo a autora, é a obra de Érico Veríssimo, *O tempo e o vento*, que “representou uma das melhores possibilidades de realização prática d[ess]as demandas geracionais”, em RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925 a 1964*. Tese (Doutorado em História), PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006, p. 220.

dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória.<sup>22</sup>

Esse é, aparentemente, o caso de Achylles. E, como a memória é sempre uma reatualização do passado no presente, entender o “quando” da rememoração é essencial para compreender quais são os elementos selecionados do passado, qual a finalidade explícita e as consequências implícitas desse ato de recordar.

A velhice, aspecto que caracteriza o momento da escrita de Achylles Porto Alegre, mas também o próprio autor, aparece em diferentes prefácios das suas obras publicadas. Através de uma imagem recorrente, o escritor apresenta ao leitor a experiência acumulada, decorrente da sua idade avançada:<sup>23</sup> “[...] agora, vejo que estou velho, porque trago na cabeça a neve do tempo – que é o selo da idade propecta com o carymbo de quem já viveu muito”.<sup>24</sup> Sua escrita retrata a experiência de uma vida longa, que lhe aporta as recordações relatadas ao público, como escreve em 1922, no prefácio de *Paizagens mortas*: “este livro é de reminiscencias, e os assumptos nelle tratados, remontam-se a muitos annos vividos da minha existencia”.<sup>25</sup>

Mas, como indicarei adiante, a enunciação de um discurso prevê a sua adequação ao público. Logo, com mais de sessenta anos e selecionando como leitores preferenciais os jovens “patricios” aos quais apresenta um passado desconhecido, Achylles afirma, por diversas vezes, e em diferentes momentos, a permanência em si da juventude de outrora para que se faça inteligível aos leitores, como em *Jardim de saudades*, de 1921, “É proprio dos velhos recordar-se do que passou; e eu o faço neste livro com alma moça, para que a mocidade melhormente sinta e compreenda meu trabalho”.<sup>26</sup> Entendo que a menção à sua idade avançada não seja apenas um elemento que caracteriza o momento da trajetória em que o escritor gaúcho se dedica a rememorar o passado, mas que esse é, da mesma forma, um dos atributos que o constrói e o constitui como testemunha autorizada do passado, que são, ao

<sup>22</sup> NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p.18. Pierre Nora fala a partir do contexto contemporâneo, no qual ele acredita não haver mais memória, a não ser nos lugares que a encarnam. Esse, evidentemente, não é o caso de Achylles Porto Alegre e do Rio Grande do Sul do início do século 20.

<sup>23</sup> As referências à velhice, representada pelos cabelos brancos, à qual a imagem da neve do tempo sobre a cabeça fazem alusão, aparecem ainda em *Jardim de saudades*, de 1921, p. 3; *Homens do passado*, de 1922, p. 8. O inverno também é a figura utilizada para se referir à idade avançada, como o autor explica no prefácio de *Serões de inverno*, de 1923, o que se repete em outro livro publicado no mesmo ano, *A’ sombra das arvores*.

<sup>24</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Paizagens mortas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p.I.

<sup>25</sup> *Idem, Ibidem*, p.III.

<sup>26</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Jardim de saudades*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas Wiedemann & Cia 1921a, p.5. Permanência da juventude é mencionada ainda em *Paizagens mortas* e *Homens do passado*.



longo da sua obra, acionados pelo autor em nome da sinceridade do relato (sobre o que falarei adiante).

Antes de partir para a análise dos prefácios escritos por Achylles Porto Alegre, entendidos como instância de legitimação interna do testemunho, farei algumas considerações acerca desse tipo de paratexto, de acordo com a tipologia proposta por Gérard Genette.<sup>27</sup> Segundo o crítico literário francês, o paratexto se caracteriza por um conjunto de elementos que cercam e prolongam um texto uma vez que o apresentam e o fazem presente ao leitor. Como uma estrutura atuante entre o exterior e o interior de uma composição textual, seja uma obra literária, um tratado de filosofia ou um livro de história, o paratexto serve de porta de entrada e orientador para uma leitura mais pertinente da obra a que se refere.<sup>28</sup> Empiricamente, o paratexto é composto por um conjunto heterodoxo de práticas e discursos como, por exemplo, o título da obra, seu autor, as dedicatórias, as epígrafes, os prefácios, as resenhas e os resumos, etc. A sua composição é variável também de acordo com a época, a cultura, o gênero de escrita, o autor, a obra, a edição, etc.<sup>29</sup> Mas apesar da heterogeneidade das práticas e da maneira como são produzidas, Genette as agrupa sobre o termo *paratexto* porque identifica nelas um mesmo aspecto funcional, para ele essencial,

Essencial porque, obviamente, e salvo exceções pontuais [...], o paratexto, sob todas suas formas, é um discurso fundamentalmente heterônomo, auxiliar, destinado ao serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser, e que é o texto. [...] um elemento do paratexto é sempre subordinado ao “seu” texto, e essa funcionalidade determina o essencial do seu emprego e da sua existência.<sup>30</sup>

O autor afirma, no entanto, que cada tipo de paratexto se refere ao texto de uma maneira específica, o que determina funções diferentes a cada um deles. Ou seja, as dedicatórias atuam sobre o texto de uma forma diferente das notas de rodapé, por exemplo.<sup>31</sup>

<sup>27</sup> GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Points, 2002, p.7-19.

<sup>28</sup> Genette salienta que, ao atuar sobre a leitura a ser realizada, o paratexto obedece às intenções e/ou interpretações do autor e/ou seus associados, como editor, organizador, etc. Neste sentido, a “pertinência” da leitura se refere a estas intenções e/ou interpretações manifestas direta ou indiretamente pelas pessoas responsáveis pela execução do paratexto. GENETTE, G. *Op. cit.*, 2002, p.200.

<sup>29</sup> *Idem, Ibidem*, p.8-9.

<sup>30</sup> *Idem, Ibidem*, p.17. Todas as traduções de referências bibliográficas em língua estrangeira, literais ou não, são traduções livres de minha autoria.

<sup>31</sup> “As funções do paratexto constituem assim um objeto empírico e diversificado que é preciso desvelar de maneira indutiva, gênero por gênero [...]. As únicas regularidades significativas que se pode introduzir nessa aparente contingência consistem em estabelecer essas relações de dependência entre as funções e os estatutos, e então detectar as variedades de tipos funcionais, e ainda em reduzir a diversidade de práticas e de mensagens a alguns temas fundamentais e fortemente recorrentes, pois a experiência mostra que se trata aí de um discurso mais ‘contido’ que muitos outros, no qual os autores inovam de maneira menos recorrente do que eles imaginam”. GENETTE, G. *Op. cit.*, 2002, p.18.

Assim, como meu interesse recai sobre os prefácios de Achylles Porto Alegre, volto por um momento minha atenção para as especificidades desse tipo de paratexto apontadas por Genette.

Partindo de uma definição simples, um discurso liminar que segue ou precede um texto, Genette amplia a complexidade que pode envolver os prefácios.<sup>32</sup> Da variedade apontada pelo autor quanto ao momento da aparição e à atribuição de autoria,<sup>33</sup> destaco imediatamente aquele que me parece ser o caso particular da maioria dos textos preliminares de Achylles: são eles prefácios originais, publicados juntamente com o livro, e assinados pelo escritor.<sup>34</sup> Para Genette, a função do prefácio original autoral é assegurar ao texto uma boa leitura, informando ao leitor por que e como o livro deve ser consumido.<sup>35</sup> Trata-se, portanto de reter a atenção do leitor por um aparelho retórico de persuasão, oferecendo-lhe ao mesmo tempo o aparato necessário para guiá-lo na leitura. Ao fim e ao cabo, essas informações que garantem e conduzem a leitura são indícios da forma como o autor deseja ser lido. Pode-se então afirmar com Genette que no prefácio o autor fixa um contrato de leitura com o público, o que é reforçado pela reivindicação autoral da boa interpretação do texto. Os efeitos desse pacto de leitura, para usar o termo empregado por Paul Ricoeur, sobre um texto de história o definem sob um estatuto diferenciado: “É uma expectativa do leitor do texto histórico que o autor lhe proponha um ‘relato verdadeiro’ e não uma ficção”,<sup>36</sup> ao qual o historiador visa satisfazer no percurso da operação historiográfica.<sup>37</sup>

Aproximando as considerações de Genette com uma perspectiva retórica de leitura, os prefácios dos livros de crônicas de Achylles Porto Alegre podem ser entendidos como o

---

<sup>32</sup> *Idem, Ibidem*, p.164. O autor agrupa sobre o termo prefácio um conjunto de manifestações que correspondem à função por ele identificada, e sobre a qual falarei a seguir. Como exemplos cita: “*introdução, avant-propos, prólogo, nota, notícia, aviso, apresentação, exame, preâmbulo, advertência, prelúdio, discurso preliminar, exórdio, avant-dire, proêmio [...]*”, além de casos em que essa espécie de paratexto recebe um título específico, ou apenas repete o título da obra. GENETTE, G. *Op. cit.*, 2002, p.164-165 (grifo do autor).

<sup>33</sup> De acordo com Genette, em relação à temporalidade da publicação, os prefácios podem ser classificados como originais (publicados com o livro), ulteriores (quando são inseridos em outro momento da vida da obra, por ocasião da segunda edição, por exemplo) ou tardios (sua publicação se dá depois de muito tempo, e exerce funções testamentárias ou reflexivas em relação à obra), em GENETTE, G. *Op. cit.*, 2002, p.177-178. Já em relação à atribuição da autoria, ela pode ser reivindicada, segundo ele, pelo próprio autor, assinada por um terceiro, a convite do autor ou editor do livro, ser atribuída a um personagem fictício, etc. As modulações são inúmeras, e as indico apenas com o intuito ilustrar a variedade possível para esse gênero de paratexto.

<sup>34</sup> A obra de Achylles apresenta outra espécie de prefácio, que Genette qualifica como *allographe* – aquele assinado por um terceiro, que não o autor, possivelmente a convite deste ou do seu editor. Eles também são responsáveis pela construção do autor e apresentação do texto, uma vez que possuem uma maior liberdade para a valorização da qualidade do texto e dos atributos do autor. Voltarei a falar sobre eles a seguir.

<sup>35</sup> *Idem, Ibidem*, p.200.

<sup>36</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2000, p.731.

<sup>37</sup> *Idem, Ibidem*, p.736.

proêmio do discurso.<sup>38</sup> Olivier Reboul afirma que, na retórica, o proêmio é a primeira parte da disposição, na qual a argumentação é construída.<sup>39</sup> Ele é caracterizado como o trecho que inicia o discurso, e é, portanto, importante para a captação da atenção do auditório que deve ser envolvido pelo autor desde os primeiros momentos. Nele, é necessário fazer-se uma exposição clara e breve daquilo que será então apresentado, criando com o público a sintonia necessária para o estabelecimento da comunicação; assim como é possível identificar a maneira com a qual o autor se apresenta ao público leitor, com o intuito de torná-lo atento, dócil e benevolente quanto ao discurso. Dessa forma, através do *pathos*, “o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso”,<sup>40</sup> o autor procura criar no público a disposição necessária que viabiliza a comunicação. No mesmo sentido, o *éthos* do autor configura-se como “o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório”, pois a aceitação dos seus argumentos depende dessa confiança.<sup>41</sup> Logo, a importância da análise dos prefácios de Achylles fica evidente para o objetivo aqui proposto: a partir deles é possível perceber como se dá a auto-construção discursiva que o escritor opera, a qual o apresenta e o qualifica como testemunha capaz de narrar aspectos do passado rio-grandense, escrito também a partir da memória. Portanto, estudar os prefácios como espaço de construção e afirmação do *éthos* do autor foi a forma escolhida para compreender a maneira como Achylles valida perante o leitor seu relato sobre o passado.<sup>42</sup>

A presença nos prefácios de elementos que compõem a caracterização que Achylles empreende de si é importante uma vez que esses produzem legitimidade para escrita sobre o passado, mas, mais do que isso, lhe conferem prestígio para tanto. Segundo Perelman e Olbretchs-Tyteca, o prestígio condiciona de forma fundamental todo argumento baseado na autoridade.<sup>43</sup> Ainda que os autores abordem esse tema sobre outra perspectiva,<sup>44</sup> eu acredito

---

<sup>38</sup> Gérard Genette categoriza o proêmio como uma variação do prefácio, agrupando-o na mesma categoria analítica. De fato, o trabalho introdutório de Olivier Reboul sobre a retórica permite pensar essa aproximação. Entretanto, ao levar adiante algumas considerações importantes para uma leitura retoricamente orientada dos prefácios, como me proponho, acredito acrescentar alguns apontamentos importantes que valorizam a distinção realizada, ou seja, o prefácio como um paratexto e o proêmio como uma etapa na constituição de um discurso persuasivo.

<sup>39</sup> REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.55.

<sup>40</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>41</sup> REBOUL, O. *Op. cit.*, 2004, p.48.

<sup>42</sup> Existem outros fatores externos ao texto que condicionam a recepção da obra enquanto representação histórica do passado. Meu foco aqui, no entanto, será a construção interna dessa legitimidade em razão do recorte das fontes estabelecido.

<sup>43</sup> PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.347.

que os proêmios de Achylles indicam que, ao apresentar-se ao leitor, o autor constrói a si mesmo como a autoridade suficiente para aquilo que seleciona como constitutivo da representação do passado.

Muitas vezes, antes de invocar uma autoridade, costuma-se confirmá-la, consolidá-la, dar-lhe a seriedade de um testemunho válido. Com efeito, quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem suas palavras.<sup>45</sup>

Assim, como procuro apontar, procede Achylles Porto Alegre, construindo nos prefácios de diferentes obras, pouco a pouco, os aspectos de uma identidade calcada no prestígio implícito da idade, mas também na atuação como intelectual do Rio Grande do Sul. Esse é mais um dos aspectos acionados por Achylles na sua representação de si.

Comecei a escrever aos treze anos de idade, numa época em que a litteratura no Rio Grande do Sul era uma coisa apagada. [//] Vieram depois novas intelligencias, e eu, que tive um jornal meu, de valor, era o primeiro a dar sempre as boas vindas e o meu abraço fraterno aos novos poetas e prosadores que surgiam. [...] Basta dizer que eu fui o primeiro dono de jornal e jornalista no Rio Grande do Sul que paguei o trabalho dos meus collaboradores litterarios.<sup>46</sup>

Neste ponto o escritor remonta pela escrita a referência ao seu passado – o seu início prematuro nas letras e a sua auto-valorização como promotor da literatura rio-grandense. O caráter de promotor das letras regional fica claro também em *Homens do passado*, quando afirma: “No tempo em que tinha um grande jornal e não pequeno prestigio na sociedade, estendi a mão protectora para muitos amigos, áquelles a quem veramente eu queria bem – e o mereciam”.<sup>47</sup> Achylles ainda faz interagir essa referência com um presente de produção intelectual, procurando demonstrar ao leitor a continuidade, ao longo da vida, da sua dedicação às letras no Rio Grande do Sul. No prefácio de *Contos e perfis*, o autor afirma sua produção constante, “Já publiquei, este anno, o *Val de lirios*, collecção de versos, e, agora, faço apparecer os – *Contos e perfis*, em cujas paginas ninguem verá transparecer a neve de uns cabellos brancos mas o espirito de um moço sonhador”.<sup>48</sup>

---

<sup>44</sup> Qual seja, um autor que invoca a autoridade de um terceiro como argumento de prova para sustentar uma afirmação, “O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”, em PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.348.

<sup>45</sup> PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.351.

<sup>46</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1921, p.3-4.

<sup>47</sup> *Idem. Homens do passado. Historia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922b, p.8.

<sup>48</sup> *Idem. Contos e perfis*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1910, p.4. O mesmo acontece em *Paizagens mortas* (p. I). Já nos prefácios de *Homens do passado* e *Noites de luar*, Achylles afirma que seus livros são rapidamente esgotados e são estimados pelo público a quem a leitura agrada.

A posição social ocupada por Achylles no meio intelectual também é confirmada nos prefácios *allographes*, que acompanham três livros publicados pelo autor. O primeiro deles aparece em 1920, com a publicação de *Flôres entre ruínas*, e é assinado por Zeferino Brasil.<sup>49</sup> Como afirmei anteriormente, este tipo de prefácio é mais afeito aos elogios ao autor e ao texto, já que partem de um terceiro que não o próprio escritor. O tom usado por Zeferino, como é de se esperar, é encomiástico, mas é interessante destacar algumas características que ele ressalta em Achylles. O autor do prefácio identifica Achylles como “o unico escriptor do Rio Grande do Sul que está sempre se publicando”, assim como o inovador da poesia regional,<sup>50</sup> “Ao mesmo tempo que fazia versos, escrevia chronicas – numa prosa leve, mas de fôrma escoreita, melodiosa. Era um dos nossos melhores chronistas”.<sup>51</sup>

No ano seguinte, com a publicação do livro que reúne suas obras poéticas, *Val de lirios*, Achylles apresenta como prefácio uma carta de Sylvio Roméro, de 30 de agosto de 1884, por ocasião da primeira publicação de *Illuminuras*. Nele Roméro identifica Achylles como “illustre poeta”, a quem “outorga [...] o nome de primeiro lyrista rio-grandense”. Outros poetas, como Araujo Porto Alegre, Carlos Ferreira e Assis Brasil, “não igualam-o na simplicidade, na graça, na espontaneidade e na doçura da forma”.<sup>52</sup> Por fim, em 1925, é publicada a última obra de Achylles Porto Alegre, *Prosa exparsa*, com o prefácio assinado por Augusto de Carvalho, que caracteriza o autor como “uma reliquia do nosso nacionalismo”, por prestar “um grande, um inestimavel serviço a Patria: ensina os novos, contando os exemplos de antanho, o culto sagrado da Honra”.<sup>53</sup> Ainda que selecionados pelo autor para comporem a apresentação da obra, Zeferino Brasil e Augusto de Carvalho, homens destacados na intelectualidade local emprestam seu prestígio ao historiógrafo. Esse também é o caso de Sylvio Roméro, intelectual reconhecido no Brasil que é acionado pelo escritor rio-grandense na sua construção como poeta de destaque no cenário provinciano.

<sup>49</sup> Zeferino Brasil era, de acordo com Ligia Chiappini, um dos mestres da poesia rio-grandense, de inspiração romântica e parnasiana, durante o período modernista no Rio Grande do Sul. Tal como Achylles, é um saudosista que não vê com bons olhos o progresso, e sua nostalgia está ligada ao movimento romântico. Sobre o autor, ver LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. São Paulo: Instituto de estudos brasileiros, 1972, p.305-306.

<sup>50</sup> Guilhermino Cesar afirma que Achylles Porto Alegre foi um dos primeiros letrados rio-grandenses a assimilar a poesia moderna (parnasiana), já numa fase de transição, em que o romantismo do *Parthenon Litterario* era deixado para trás. Como poeta teve um brilho excepcional, na avaliação do crítico literário, em CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)*. Rio de Janeiro: Globo 1971, p.280-282.

<sup>51</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Flôres entre ruínas*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas Wiedemann & Cia 1920a, p.3-4. A distinção estabelecida por Zeferino Brasil entre escrita leve e escoreita (ou seja, sem lesão, correta) é um indício dos critérios de legitimação e das prescrições sobre a boa e/ou correta forma de escrever um determinado gênero, nesse caso a crônica. Pretendo voltar a esse assunto no segundo capítulo.

<sup>52</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1921, p.5.

<sup>53</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Prosa exparsa*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925, p.I-II.

É importante ainda perceber a maneira como Achylles Porto Alegre é recebido pela geração que se seguiu a sua na representação do passado do Rio Grande do Sul. Dante de Laytano, ao realizar um levantamento de “autores e livros necessários para entender e amar e estudar o Rio Grande do Sul”,<sup>54</sup> na sessão que dedica aos livros de biografias, destaca, em primeiro lugar, a obra de Achylles e suas qualidades: “um poeta ótimo, prosador elegante e escoreito, jornalista de bom gosto e *historiador que fez da crônica e da biografia seus temas principais*”.<sup>55</sup> Esses elementos destacados outorgam reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo escritor, colocando-o em uma posição de destaque na intelectualidade local. Seu prestígio como homem de letras pode ainda ser medido pela sua trajetória nas organizações letradas fundadas na capital gaúcha desde a segunda metade do Oitocentos. Achylles, como já foi mencionado, foi fundador do *Parthenon Litterario*, mas também da *Academia Rio-grandense de Letras*, em 1901, bem como do *Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul*, em 1920. Essa longa trajetória no circuito letrado do Rio Grande do Sul é acessada não só nos prefácios, como também no interior dos textos e marca o uso, por vezes explícito, de uma autoridade baseada no prestígio, e compõe, dessa forma, uma estratégia de legitimação do discurso que conforma uma memória rio-grandense.<sup>56</sup>

## **1.2 “Preoccupo-me, como velho professor, que sou, com a educação cívica de meus jovens patricios”: Achylles Porto Alegre educador**

A começar pelo livro *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, de 1916 – e a sua reedição e ampliação no ano seguinte –, passando por *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*, de 1919, e chegando em 1920, com a publicação de *Através do passado (Chronica e historia)*, Achylles deixa claro que os livros integram uma série dedicada à educação cívica da “mocidade rio-grandense” através dos exemplos dignos do passado. O escritor gaúcho

<sup>54</sup> LAYTANO, Dante de. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História Geral do Rio Grande do Sul: levantamento crítico*. Porto Alegre: UFRGS, 1979, p.18.

<sup>55</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.101 (grifo meu). Nos comentários acerca do livro *Homens illustres do Rio Grande do Sul* (referindo-se à primeira edição), Dante de Laytano afirma esta ser uma obra de consulta. Da mesma forma, *Através do passado* é tido como “uma fonte de muita utilidade”, p.100. Para o autor, “o pesquisador rio-grandense está obrigado de ficar dependendo de sua bibliografia”, p.101.

<sup>56</sup> Os textos de Achylles não são pensados aqui como fonte a partir da qual escreverei a história da memória coletiva regional, por exemplo. Minha preocupação com o seu testemunho recai sobre a maneira como o autor representa o passado, baseado também na memória e com um uso criativo desta. Portanto, meu objetivo não é estabelecer a verdade do seu relato mas compreender de que forma *ele constrói* a si mesmo e ao relato.

reivindica-se, portanto, educador,<sup>57</sup> papel, aliás, previsto ao orador do gênero epidíctico, o qual retomarei a seguir.<sup>58</sup> O autor atua, então como o transmissor da memória coletiva regional.

Por isso, quando dizemos que um povo ‘lembra’, na realidade dizemos primeiro que um passado foi ativamente transmitido às gerações contemporâneas através do que em outro lugar chamei de ‘canais e receptáculos da memória’ [...]; e que depois esse passado transmitido foi recebido como carregado de um sentido próprio.<sup>59</sup>

A composição de uma história identitária constitutiva de uma memória coletiva já foi observada por Pierre Nora. Falando sobre o caso francês, ele afirma que a história do desenvolvimento nacional “constituiu a mais forte de nossas tradições coletivas, nosso meio de memória por excelência. [...] toda a tradição histórica desenvolveu-se como exercício regulado da memória e seu aprofundamento espontâneo”.<sup>60</sup> De acordo com Jacques Revel e François Hartog, alguns gêneros de história mobilizam, mais do que outros, o uso instrumental do passado, sendo esse o caso das biografias nacionais, responsáveis pela composição da identidade da nação.<sup>61</sup> Escrevendo especificamente sobre o passado regional, essa parte que procura se integrar ao todo nacional, Achylles estaria, portanto, articulando elementos responsáveis pela configuração identitária no Rio Grande do Sul.

Segundo Michael Pollak, alguns fatores são constitutivos da memória, como os acontecimentos, as pessoas e os lugares.<sup>62</sup> Esses fatores constituem pontos de referência sobre os quais se estrutura a memória.<sup>63</sup> Dessa forma, “a memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos [...]”.<sup>64</sup> Aqui a memória aparece como organizadora do sentido das experiências. A partir da leitura dos livros que compõe essa série pedagógica de Achylles

<sup>57</sup> “Preoccupo-me, como velho professor, que sou, com a educação cívica de meus jovens patricios”, PORTO ALEGRE, Achylles. *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919, p.5.

<sup>58</sup> Para Olivier Reboul, entre as funções que a retórica exerce (persuasiva, hermenêutica, heurística) também encontramos sua faceta pedagógica, REBOUL, O. *Op. cit.*, 2004, p.XVI-XXII; Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam que é no gênero epidíctico que “o orador se faz educador”, em PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.57.

<sup>59</sup> YERUSHALMI, Yosef Hayim. “Reflexiones sobre el olvido”. In: \_\_\_\_\_ et alli (orgs). *Usos del olvido. Comunicaciones al Coloquio de Royaumont*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2006, p.17-18.

<sup>60</sup> NORA, P. *Op. cit.*, 1993, p.10.

<sup>61</sup> “A história da França é um gênero canônico que, durante séculos, teve o papel de garantir a continuidade da existência nacional na mais longa duração possível e sob uma forma quase biológica: de fundar uma comunidade de destino; de demonstrar a exemplaridade do destino francês”, HARTOG, F. & REVEL, J. *Op. cit.*, 2001, p.14-15.

<sup>62</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1992, p.201-202.

<sup>63</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1989, p.3.

<sup>64</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2002, p.51.

Porto Alegre, é possível identificar quais são esses pontos de ancoragem da memória que o autor seleciona e reconstrói na sua composição de um passado representativo da identidade regional.

Os acontecimentos narrados por Achylles se referem predominantemente a eventos militares do passado rio-grandense. Nesse sentido, são retratadas as escaramuças entre portugueses e espanhóis, no final do século 18, pelo controle do território na fronteira platina, assim como os episódios da Revolução Farroupilha e, posteriormente, da Guerra do Paraguai.<sup>65</sup> Os episódios também se reportam à trajetória do círculo letrado regional, a partir da segunda metade do século 19, nos quais Achylles fala da fundação de jornais, sobre a dinâmica da imprensa regional, impulsionada pelas propagandas partidárias, assim como da criação de instituições de ensino, e também as associações literárias. As vias de acesso ao acontecimento são diretas quando o assunto do texto é direcionado à narração de um evento localizado no passado e rememorado pelo autor. Por vezes, contudo, o acesso ao acontecimento se dá de forma indireta. Isso ocorre quando ao escrever sobre um lugar ou, mais frequentemente, sobre um personagem, a oportunidade serve de ensejo para indicar em algumas linhas passagens marcantes do passado regional. É o caso, por exemplo, da biografia escrita sobre Apollinario Porto Alegre, seu irmão, na qual as referências ao cenário político da guerra civil instalada em 1893 são o pano de fundo para a narração da vida do personagem.<sup>66</sup>

Achylles igualmente sustenta sua evocação referindo-se aos lugares que dão embasamento material à memória. Na sua obra eles aparecem nas referências às cidades, na menção às ruas e às edificações. O traço marcante dessas rememorações é, como apontei anteriormente, a marca temporal que refigura o espaço: Achylles registra, principalmente, as mudanças, as transformações físicas e funcionais do espaço narrado. A descrição do espaço também faz parte do repertório expositivo do autor, o que cria as condições de localização espacial e temporal do leitor.<sup>67</sup> No texto publicado sob o título *A Casa Branca*, inicia logo pela descrição da paisagem do local onde a edificação está localizada, “Assim, antes de

<sup>65</sup> Ao escrever sobre períodos mais recuados no tempo Achylles faz uso de outras fontes que não o seu testemunho, como indicado na nota 9.

<sup>66</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917, p.286-289, 2ªEd. No século 19, o gênero biográfico se constituía como uma outra forma de acesso à história nacional e regional, um traço notório da historiografia desse período, segundo Evandro dos Santos, referindo-se aos textos biográficos produzidos pelos membros do IHGB, SANTOS, Evandro dos. *Temp(l)os da Pesquisa, Tem(l)os da Escrita: A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.44.

<sup>67</sup> Segundo Seixas, “[...] a afirmação sedutora de Nora de que, se ainda habitássemos nossa memória, não haveria necessidade de lhe consagrar lugares específicos desconsidera um traço instituidor da memória, que é precisamente a *espacialização do tempo* [...] e, precisamente, o exprimir-se, materializar-se e atualizar-se através de *lugares*”, SEIXAS, M. *Op. cit.*, 2002, p.44.



entrarmos no objecto deste esboço historico, vamos pintar, a ligeiras e leves tintas, a paisagem da região onde assenta a tradicional vivenda”.<sup>68</sup> A escolha desse espaço físico por Achylles está diretamente ligada aos eventos aos quais ele relaciona a casa. Assim, ele explica os motivos que tornaram a edificação tradicional e por que “passou á Historia gaúcha”: a residência serviu de quartel general para os líderes farroupilhas e posteriormente foi adquirida pelo seu irmão, Apollinario Porto Alegre, caracterizado por ele como “republicano da propaganda e mestre da mocidade republicana do seu tempo”.<sup>69</sup> Dessa forma, a Casa Branca,

E’, como se viu, um dos edificios mais notaveis do Rio Grande do Sul, tendo representado na historia da Republica de 35, um papel de magnifico relevo. Meio seculo depois, atraida pela gloriosa historia do famoso edificio, entra na *Casa Branca*, como proprietario, Apollinario Porto Alegre.<sup>70</sup>

A casa, portanto, é um elo de continuidade entre o passado e presente do ideal republicano no Rio Grande do Sul. Para Nora, “os dois grandes temas de inteligibilidade da história, ao menos a partir dos Tempos modernos, progresso e decadência, ambos exprimiam bem esse culto da continuidade, a certeza de saber a quem e ao que devíamos o que somos.”<sup>71</sup> Neste sentido, pode-se afirmar que o uso de pontos de referência da memória como esse, que são capazes de integrar membros de um grupo, produzem um sentimento de filiação e origem que são constitutivos da identidade regional forjada, mantida e difundida por Achylles Porto Alegre nos seus livros. Segundo Pollak,

podemos portando (*sic*) dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.<sup>72</sup>

Mas, são sobretudo os personagens do passado rio-grandense que se sobressaem na seleção de Achylles Porto Alegre. Grande parte dos textos publicados na série educativa do autor são dedicados aos homens que ele aponta como exemplos de conduta e honra. Nesta seleção se destacam as figuras militares, em primeiro lugar, seguidos pelos políticos e pessoas ligadas à administração do Estado, assim como os homens de letras, a quem é concedido um espaço equivalente nos livros publicados.<sup>73</sup> As biografias desses personagens são

<sup>68</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.47. Uma análise da metáfora da pintura no trabalho de Achylles será realizada do segundo capítulo.

<sup>69</sup> *Idem, Ibidem*, p.51.

<sup>70</sup> *Idem, Ibidem*, p.59-60.

<sup>71</sup> NORA, P. *Op. cit.*, 1993, p.19.

<sup>72</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1992, p.204 (grifo do autor).

<sup>73</sup> Ver tabela 6, em apêndice.

acompanhadas por uma localização espaço-temporal, ligando-os a um evento histórico, formando assim a trama tecida por Achylles a partir da qual narra o nascimento, a filiação, e os fatos de sua vida adulta. Ao retratar Rafael Pinto Bandeira, “um vivo exemplo de coragem, de lealdade e de singular ardor cívico”,<sup>74</sup> por exemplo, o escritor delineia os atributos encontrados no personagem que caracterizam a identidade regional,

O território do Rio Grande nunca teve donatário ou *senhor feudal*, e d’ahi, naturalmente, o rijo espírito de independência e liberdade que faz do gaúcho um *typo* á parte na família brasileira: altivo, leal, insubmisso e belicoso – e de que nos dá formoso modelo o preclaro heróe viamonense.<sup>75</sup>

O tom elogioso da narrativa é constante, como indicarei a seguir. Esta característica é percebida já na revista do *Parthenon*, da qual considero Achylles herdeiro não só do estilo, como da maneira de visualizar na biografia dos “homens illustres” exemplos de conduta e ação para as novas gerações do presente. Esta herança da tópica da exemplaridade do passado se reflete da mesma forma nos aspectos destacados por Achylles nos seus biografados. É possível perceber nela os contornos da identidade regional que vinha sendo construída desde o final do século 19. Assim, como destaca Luciana Boeira, “observa-se aqui [...] um grande orgulho na figura do homem rio-grandense, sempre tido como valente e heróico defensor tanto de sua província como do Estado imperial brasileiro”.<sup>76</sup> É importante destacar, portanto, que Achylles atua dentro de um processo de construção identitária do rio-grandense que o antecede (voltarei a esse aspecto adiante). Por ora, analisarei a maneira utilizada por Achylles para representar esse passado com base na concepção retórica de constituição e enunciação de um discurso epidíctico, para, a partir dela, chegar à exemplaridade com a qual reveste seu relato.

Ao partir da obra aristotélica de caracterização da retórica, Olivier Reoul identifica três gêneros de discurso, classificados de acordo com o seu auditório e sua finalidade.<sup>77</sup> Para os antigos, em contraste com os debates políticos e judiciários, nos quais há um combate entre dois adversários defensores de teses contrárias, o discurso epidíctico se diferencia por se tratar de “um orador solitário que, com frequência, nem sequer aparecia perante o público, [...] apresentava um discurso ao qual ninguém se opunha, sobre matérias que não pareciam

<sup>74</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1916, p.11.

<sup>75</sup> *Idem, Ibidem*, p.7.

<sup>76</sup> BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e Literatura: a formação do Panteão Rio-grandense e os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.18.

<sup>77</sup> REBOUL, O. *Op. cit.*, 2004, p.47.

duvidosas [...]”.<sup>78</sup> Seu auditório representava o papel de espectador, e a finalidade consistia na exaltação de valores comuns.

De acordo com Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca os discursos epidícticos constituem uma parte central da retórica, uma vez que reforçam a “disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta”.<sup>79</sup> Ou seja, no gênero epidíctico o autor identifica e reforça valores partilhados pelo público, e cria, dessa forma, um sentimento de identidade entre os ouvintes e o objeto do discurso, seja ele a cidade, um sujeito, um comportamento, etc.<sup>80</sup> Mas o responsável pela censura ou pelo elogio deve partilhar com o público os valores que defende.

A própria concepção desse gênero oratório [...] fará com que seja praticado de preferência por aqueles que, numa sociedade, defendem os valores tradicionais, os valores aceitos, os que são objeto de educação [...] nele o orador transforma facilmente em valores universais, quando não em verdades eternas, o que, graças à unanimidade social, adquiriu consistência.<sup>81</sup>

Esse parece ser o caso de Achylles Porto Alegre. Os prefácios dos seus livros são lidos aqui, portanto, como proêmios de um discurso epidíctico, pois eles comportam um aspecto de salvaguarda da memória do Rio Grande do Sul, no qual o elogio dos aspectos ligados ao passado é o tom recorrente do relato, e conformam, portanto, os valores agregados à representação da identidade regional.

Entretanto, mais do que partilhar dos valores do auditório, no gênero epidíctico o orador deve gozar de reconhecimento por parte do público, pois

<sup>78</sup> PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.53-54. Eduardo Sinkevisque resume bem os principais elementos da retórica aristotélica: “A Retórica aristotélica trata desse gênero [o epidíctico] como sinônimo de demonstrativo, cujo paradigma é o discurso festivo, em honra de pessoa que deve ser celebrada, predominando a exibição de virtuosismo verbal, com funções, previstas, encomiásticas de louvor e de censura, as quais têm por tema os atos e as circunstâncias, ao contrário da outra variante em que se prescreve o vitupério. O gênero epidíctico trabalha com a *quaestio finita*, matéria (discurso) que se refere a pessoas individualizadas e a circunstâncias particulares de tempo e espaço, e com a *quaestio infinita*, matéria que se refere a uma classe ou personagens típicos e a circunstâncias típicas de tempo e espaço. No epidíctico, realiza-se atribuição de caracteres, caráteres (*éthos*), a partir de tópicos gerais (*quaestio infinita*) aplicada no tratamento de um particular (*quaestio finita*)”, SINKEVISQUE, Eduardo. “Breve relação sobre o **Tratado Político** (1715) de Sebastião Rocha Pita ou uma *notícia* dividida em quatro *anatomias*”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2º semestre, 2000, p.76.

<sup>79</sup> PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.55-56.

<sup>80</sup> “[...] a argumentação do discurso epidíctico se propõe aumentar a intensidade da adesão a certos valores, sobre os quais não pairam dúvidas quando considerados isoladamente, mas que, não obstante, poderiam não prevalecer contra outros valores que viessem a entrar em conflito com eles. O orador procura criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, valendo-se do conjunto de meios de que a retórica dispõe para amplificar e valorizar”, PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005: 56-57.

<sup>81</sup> PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005: 57. Reboul afirma que o discurso epidíctico “visa persuadir de um valor fundamental, unindo uma argumentação mais ou menos rigorosa a um testemunho que engaja o autor [...]”, REBOUL, O. *Op. cit.*, 2004, p.146.

Como o que vai dizer não suscita controvérsia, como nunca está envolvido um interesse prático imediato e não se trata de defender ou de atacar, mas de promover valores que são o objeto de uma comunhão social, o orador [...] deve, assim, possuir um prestígio reconhecido [...] para poder servir, amparado na autoridade pessoal, aos valores defendidos.<sup>82</sup>

Segundo Michael Pollak, existem alguns marcos ou pontos invariantes da memória: “é como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças”.<sup>83</sup> Assim, ao promover valores que são comuns aos seus leitores, Achylles é capaz de trabalhar na solidificação dessa memória, sem necessariamente por em risco a identidade regional dominante, sustentada por ela. Esta é uma característica do que Pollak denomina de trabalho da própria memória em si, “[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”.<sup>84</sup> Se partirmos do *Parthenon Litterario* – ou de outros atores sociais que se debruçaram sobre a o processo de formação da identidade do rio-grandense – como um dos agentes que atuam sobre a delimitação dos elementos constituintes da memória local, a escrita de Achylles poderia ser encarada como um trabalho de manutenção da memória coletiva e da identidade regional, fruto de um conjunto de investimentos ao longo do tempo que são responsáveis por dotá-la de unidade, continuidade e coerência.<sup>85</sup>

A trajetória de Achylles como homem de letras no Rio Grande do Sul seria condição suficiente para autorizá-lo como autor de tais discursos de exaltação do passado. Não obstante, o escritor reafirma nos prefácios sua posição privilegiada de intelectual, construindo textualmente as condições de enunciação de um discurso não só de exaltação, mas “sincero”, calcado no caráter testemunhal da sua representação, que ele pretende história. Segundo Angela de Castro Gomes, com as transformações ao longo do século 19, que produziram a emergência do individualismo moderno,

<sup>82</sup> PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.58.

<sup>83</sup> POLLAK, M. *Op. cit.*, 1992, p.201.

<sup>84</sup> *Idem, Ibidem*, p.206.

<sup>85</sup> *Idem, Ibidem*, p.207. Angela de Castro Gomes igualmente destaca o caráter permanente de constituição e afirmação da identidade: “Processos de construção de identidade, como se sabe, além de inconclusos e permanentes, remetem sempre a dimensões simbólicas, envolvendo a invenção, a divulgação, a imposição e a adesão de um grupo a ideias, valores, crenças, ideologias, etc., que são operacionalizados e/ou materializados em instituições, rituais, festas, símbolos, etc. Uma das dimensões particularmente caras à análise do historiador, nesse complexo processo, é a produção de um ‘passado comum’ ao grupo: a constituição de referenciais que lhe assegurem uma ‘origem’ e lhe garantam ‘continuidade’ no tempo [...]”, em GOMES, Angela de Castro. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p.29-30.

[...] a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as idéias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos [...]. A verdade, nesse contexto sociocultural, não mais se esgota em uma ‘verdade factual’, objetiva, una e submetida à prova (científica e/ou jurídica) [...] A verdade passa a incorporar um vínculo direto com a subjetividade/profundidade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos.<sup>86</sup>

Este é mais um aspecto identificado na análise dos textos de Achylles: a sinceridade atribuída à escrita. Conforme afirmei anteriormente, creio que o escritor rio-grandense muitas vezes embasa seu relato na verdade da experiência. De acordo com Beatriz Sarlo, o testemunho está ligado à experiência de maneira indissociável. Para ela, “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração [...]”.<sup>87</sup> Seu caráter testemunhal, portanto, é reforçado com a afirmação da sinceridade com a qual reveste o texto.<sup>88</sup> O uso frequente, pelo autor, da menção ao coração, ratifica essa atribuição. Assim lemos em *Homens do Passado*, de 1922,

No meu coração só ha logar para o amor. [//] Assim eu posso olhar serenamente para o passado, tanto para o que está muito distanciado dos meus dias como para o que eu tambem vivi. [...] O leitor que desfolhar este meu novo livro verá á farta que não minto.<sup>89</sup>

No entanto, dizer que escreve com sinceridade não é o único meio ao qual Achylles recorre para garantir a credibilidade do relato. O autor gaúcho indica que outras pessoas de sua geração podem dar testemunho da verdade e da sinceridade com as quais ele representa o passado.<sup>90</sup> Sua narrativa, dessa forma, elabora provas intrínsecas ao texto, que dependem da confiança depositada naquilo que o autor atesta pela sua escrita, mas ao mesmo tempo sugere ao leitor que outros personagens do passado podem confirmar a verdade do seu relato. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, um argumento de autoridade é reforçado pela

<sup>86</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. IN: \_\_\_\_\_ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.13-14.

<sup>87</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p.24.

<sup>88</sup> No prefácio de *Jardim de saudades*, Achylles diz: “Prosa feita sem esforço, ‘currente calamo’ ella tem o valor da sinceridade”, PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1921, p.5.

<sup>89</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1922b, p.8. Outra menção ao coração pode ser lida já em 1910, no prefácio de *Contos e perfis*. Achylles também caracteriza seus trabalhos como pedaços de si que dá a conhecer pela escrita, como no texto preliminar de *Paizagens mortas*, e *Noites de luas*, de 1923.

<sup>90</sup> “Ainda existem, felizmente, e com que doçura no coração o digo! – muitos individuos da minha geração, quasi todos meus amigos, que conheceram as figuras e as paizagens que eu descrevo, e que darão testemunho da verdade e sinceridade com que faço arte na minha litteratura evocativa”, PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1922, p.III.

referência a outras autoridades que testemunham a seu favor.<sup>91</sup> Mas é importante notar que esses personagens permanecem desconhecidos, e a legitimidade que o autor quisera externa à escrita consiste em um artifício textual, que não necessariamente remete a elementos externos ao texto.<sup>92</sup> Assim, o testemunho de Achylles exige que

[...] seus leitores ou ouvintes contemporâneos aceitem sua veracidade referencial, pondo em primeiro plano argumentos morais apoiados no respeito ao sujeito que suportou os fatos sobre os quais fala. Todo testemunho quer ser acreditado, mas nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se pode comprovar sua veracidade; elas devem vir de fora. [...] o testemunho pede uma consideração em que se misturam os argumentos de sua verdade, suas legítimas pretensões de credibilidade e sua unicidade, sustentada na unicidade do sujeito que o enuncia com a própria voz, pondo-se como garantia presente do que diz [...].<sup>93</sup>

Outra característica comum encontrada nos livros de Achylles é a paixão que o autor declara pelo seu ofício.<sup>94</sup> No livro de 1912, intitulado *Folhas caídas*, Achylles Porto Alegre apresenta a obra como uma coletânea de textos publicados “em diversas epochas” da sua vida.<sup>95</sup> Para justificar o fato de não haver retrabalhado os textos para a edição do livro, afirma que o autor deve respeitar a primeira inspiração que acompanha as obras de arte: “Posso estar em erro, posso cometer uma heresia dizendo isto, mas é, a minha opinião, exposta francamente com a pureza de sentimentos de quem ama com paixão o seu officio”.<sup>96</sup> Ou seja, o afeto nutrido pela sua prática de “prosador” lhe confere a virtude necessária para emitir um juízo “puro” sobre o passado, o que realça o atributo de sinceridade delegado ao relato.

<sup>91</sup> PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Op. cit.*, 2005, p.351. Destaco o fato de se tratarem aqui de autoridade testemunhais, apoiadas em sua dimensão fiduciária, e não de autoridades intelectuais.

<sup>92</sup> Nesse sentido, Achylles Porto Alegre se vale da dimensão fiduciária inerente ao relato testemunhal, evocada na abertura do capítulo através das palavras de P. Ricoeur. A afirmação “eu vi” daquele que lembra cria no interlocutor a expectativa de se defrontar com um relato verdadeiro, fidedigno daquilo que foi. E como se o fato de “lá ter estado” não fosse o suficiente, à possível dúvida quanto à veracidade do que enuncia é rebatida com a alusão ao outro, “se meu testemunho não for o bastante, pergunte a outra pessoa”.

<sup>93</sup> SARLO, B. *Op. cit.*, 2007, p.37. É imperativo destacar a filiação que liga as reflexões de Beatriz Sarlo ao contexto específico da redemocratização da Argentina, após um longo período de regime militar no país. Assim, os testemunhos que a autora analisa e crítica se referem a sua emergência como prova jurídica nos julgamentos que apuraram os crimes de Estado cometidos durante o período ditatorial. Posteriormente, ocorre uma difusão desses relatos no âmbito público, no qual reivindicam prerrogativas de verdade, negando a possibilidade de crítica, baseados na singularidade de experiência traumática. É esse o motivo pelo qual a autora se refere à experiência como “suportada”. A especificidade da análise não me parece, contudo, inviabilizar que suas reflexões sobre a autoridade do testemunho sejam pensadas para o caso de Achylles Porto Alegre. Afinal, é pela sua inserção no passado narrado como testemunha das transformações no Rio Grande do Sul (urbanas, políticas, culturais, etc.) e da experiência com personagens do passado que legitima sua narração como relato verdadeiro.

<sup>94</sup> “E valha-nos também o amor ao trabalho, ao trabalho bom e útil, que é sempre suave, mesmo quando se o exerce sob uma nevoa de maguas. [//] E é este o meu caso”, PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1922, p.II.

<sup>95</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Folhas caídas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1912, p.3.

<sup>96</sup> *Idem, Ibidem*, p.4.

A série pedagógica de Achylles se inicia com o livro *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, dedicado a Protásio Alves, em 1916. Já no ano seguinte, em 1917, o livro ganha uma segunda edição ampliada. No prefácio da primeira edição, o autor inicia declarando a quem sua obra se destina: “as ultimas gerações [que] não conhecem grande parte dos nossos patricios mais illustres”.<sup>97</sup> Sua função, enquanto narrativa, é “prestar um serviço á minha terra” e, para isso o autor afirma, então, “colleccionar traços ligeiros da vida dos nossos homens notáveis”. O aspecto educativo que o autor atribui a sua obra fica claro nas linhas seguintes: “Este livro, póde-se, pois, considerar como destinado *exclusivamente* á educação civica dos nossos jovens patricios, que encontrarão, em suas páginas, belos exemplos dignos de serem imitados”.<sup>98</sup> Ou seja, as biografias que seguem como conteúdo da obra argumentam pelo exemplo a ser seguido. O *topos* da história exemplar, aliás, remonta ao trabalho realizado no âmbito da *Sociedade Parthenon Litterario*, da qual o autor fez parte, inclusive como biógrafo.<sup>99</sup>

Numa obra dedicada aos abusos da memória – ligada, portanto, às preocupações contemporâneas com os seus usos –, Tzvetan Todorov faz uma distinção entre memória literal e memória exemplar.<sup>100</sup> Ao retomar as reflexões de Todorov, Marieta de Moraes Ferreira identifica a primeira como uma memória sacralizada, ao passo que a segunda é pensada como memória banalizada. A sacralização da memória consistiria no

[...] isolamento de uma lembrança, negando-se a possibilidade de interlocução entre o passado e o presente. [...] Aquele passado fica cristalizado e passa a ser alvo de rituais relacionados à afirmação da identidade do grupo. Esse processo impede o esquecimento, mas também pode dificultar o trabalho de reelaboração da memória.<sup>101</sup>

A sacralização, pensada nestes termos, não pode ser transposta para a forma como Achylles trabalha com a memória. O seu testemunho está repleto de diálogos entre o passado e o presente. O fato de Achylles apresentar sua série como um conjunto exemplo para a “mocidade estudiosa” permite encarar a sacralização da memória de forma diferenciada da qual aponta a autora, a partir de Todorov, uma vez que ela é submetida a uma reapropriação tanto no ato de escrita, como posteriormente, no momento da recepção. Entretanto, ao

<sup>97</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1916, p.4.

<sup>98</sup> *Idem, Ibidem*, (grifo meu).

<sup>99</sup> BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009.

<sup>100</sup> TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000, p.31.

<sup>101</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. “Oralidade e memória em projetos testemunhais”. In: LOPES, Antonio Herculano *et alli* (orgs). *História e linguagens. Texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.199.

imprimir a memória em livros que destina à educação dos jovens rio-grandenses, Achylles opera uma cristalização do passado recordado. Se encararmos a educação como uma prática de socialização não só de conhecimento, mas de costumes e valores socialmente aceitos, percebe-se então que a memória do passado, presente no relato de Achylles, atua na formação e na afirmação da identidade regional. Desta forma, Achylles visa impedir o esquecimento e configurar uma estrutura de valores calcados na tradição, num processo que o antecede e que também o ultrapassa,<sup>102</sup> e que possui uma força simbólica inegável, que só será combatida pela academia a partir da década de 1980.<sup>103</sup>

Já em relação à banalização da memória, Marieta Ferreira afirma que “[...] o presente passa a ser lido como repetição do passado. As lembranças são trazidas a todo o momento e os acontecimentos do presente são assimilados a partir do prisma de um evento do passado”.<sup>104</sup> Esse seria então o principal aspecto ligado a construção de um passado exemplar, do qual Achylles vale-se para a justificação do seu trabalho.

Não me occupo dos vivos: só evoco o nome sagrado dos mortos, em sua maioria quasi esquecidos pela ingratidão criminosa da Patria. [//] E faço isso, com tanto mais amor aos assumptos historicos, quando é certo que, hoje, um dos lemmas da Republica é que – ‘os mortos cada vez mais, e mais governam os vivos’.<sup>105</sup>

Assim, o cronista legitima sua opção quanto ao tema da obra pelo acordo que constrói com o leitor em relação ao valor do passado. Tomada por Achylles como um pressuposto, pois se trata de um fato (“é certo que...”), a importância do passado se impõe ao público, criando as condições pelas quais pode dar sequência ao seu relato.

No prefácio da segunda edição do livro, Achylles justifica a ampliação da obra, mediante ao “acolhimento benévolo” da primeira tiragem. O autor escreve sobre a satisfação em iniciar e concluir o trabalho, uma vez que “o resultado da minha primeira tentativa veio revelar-me a predilecção de meus patricios por esta especie tão util quão agradável de

<sup>102</sup> Vale reafirmar que Achylles não é o único agente do enquadramento dessa configuração identitária. Ele é pensado aqui como mais um ator num processo de construção da memória coletiva que o precede, e que depois dele segue atuante na conformação de uma identidade cristalizada do gaúcho heróico.

<sup>103</sup> Esse movimento é realizado pela auto-intitulada historiografia crítica, interessada em desconstruir aquilo que consideravam como o “mito do gaúcho”, produto de uma ideologia de classe hegemônica, através da sua contraposição com a “realidade concreta”. Nesta corrente interpretativa se destacam a coleção publicada pelo Mercado em 1980, sob a direção de Décio Freitas, e também os trabalhos de Marlene Medaglia Almeida (*Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense: inovações e recorrências do discurso oficial (1920-1935)*). Dissertação (Mestrado em Sociologia). PPG em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 1983) e Ieda Gutfreind (*A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1992).

<sup>104</sup> FERREIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.199.

<sup>105</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1916, p.4, grifo meu. A passagem em destaque marca um aforismo de Auguste Comte e uma referência às teorisa cientificistas das quais o autor estava, como veremos, ciente.



leitura”.<sup>106</sup> A exclusividade atribuída à função pedagógica na primeira edição – seu caráter útil, portanto –, não é mais a única finalidade que Achylles delega ao seu livro. O prazer proporcionado pela leitura do texto – o fato de causar deleite ao leitor –, ganha espaço entre as virtudes que o escritor elenca para o seu trabalho. Abre-se, então, o espaço para o aspecto literário da escrita de Achylles.

A meu ver, o testemunho é sempre uma reconstrução e não restituição do real, seja ele passado ou presente. Neste sentido, a experiência narrada é fruto de trabalho reflexivo e cognitivo, uma vez que o texto, no caso do testemunho de Achylles, é o resultado de estratégias literárias de confecção das narrativas com vistas a proporcionar uma leitura agradável ao mesmo tempo que verdadeira. Contudo, apesar de identificar na obra de Achylles esse trabalho minucioso sobre a forma, como poeta que foi, é preciso destacar que a ação de colocar em palavras uma experiência da qual foi sujeito em outro tempo é, sem dúvida, um ato de representação tanto da experiência como da memória, uma vez que, colocadas por escrito, adquirem características de continuidade e unicidade (ausentes, por definição, no ato que lhe deram origem),<sup>107</sup> sobre as quais o escritor é capaz de criar os artifícios responsáveis por uma leitura que cause prazer.

Uma das características que Genette identifica nos prefácios é a tópica da modéstia a qual os autores recorrem. Como procuram assegurar, através da persuasão, a boa leitura da obra desde o prefácio sem poder elogiar seu próprio estilo, os autores preferem, muitas vezes, destacar a importância do assunto, menosprezando sua capacidade em abordá-lo.<sup>108</sup> Essa estratégia retórica é conhecida como *cleuasma*, na qual o escritor, trabalhando seu *êthos*, assume um caráter humilde visando conquistar a confiança e o interesse do leitor. Achylles se utiliza fartamente desse artifício ao longo de toda sua escrita, como a seguir

De facto, a primeira tiragem deste despretencioso (*sic*) livrinho foi rapidamente esgotada (em pouco mais de um anno) sem os reclamos bombasticos que quasi sempre precedem e succedem a publicações entre nós de quaesquer generos litterarios. [//] *Homens illustres do Rio Grande do Sul* apresentou-se sem ruido. Não se fez preceder de nenhuns annuncios e noticias espalhafatosos, nem depois de publicado saiu a solicitar encomios á imprensa ou applausos á critica. [//] Apresentou-se em público e seguiu o seu destino, certo de que, na sua modéstia, attingiria ao objectivo visado [...].<sup>109</sup>

<sup>106</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917. 2ed., p.5.

<sup>107</sup> SARLO, B. *Op. cit.*, p.45-51.

<sup>108</sup> GENETTE, G. *Op. cit.*, 2002, p.201.

<sup>109</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1917, p.5 (grifo do autor).

O objetivo pedagógico da obra é apresentado, como aponte, em conjunto com a estética da sua narrativa.<sup>110</sup> Por fim, afirma que o sucesso do livro levou-o ao segundo empreendimento. É, portanto, por gozar de acolhimento e sucesso, devido à utilidade e leitura agradável do livro, que se justifica a ampliação da obra.

A segunda parte da série, *Vultos e factos*, de 1919, é dedicada “ao grande brasileiro, indefectível republicano e gloria do Rio Grande do Sul, Sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros”.<sup>111</sup> Assim como no prefácio da segunda edição de *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, Achylles apresenta o livro aos seus “patricios sem arruidos nem reclamos”.<sup>112</sup> Novamente o escritor gaúcho destaca a função pedagógica da obra e o público visado ao afirmar que “como os trabalhos anteriores do auctor, *Vultos e factos* destina-se á mocidade estudiosa [...]”.<sup>113</sup> Repete-se a tópica do “útil e agradável” que divide a finalidade da narrativa, mas o público ganha o acréscimo dos leitores de idade mais avançada, a quem procura persuadir através da sugestão da possibilidade de uma boa leitura.

Achylles volta a indicar a sua humildade, pois “sabem todos que me conhecem: não aspiro glorias litterarias”.<sup>114</sup> Ao propor um acordo quanto a sua imagem baseada no conhecimento comum, o autor cria para si a representação de pessoa modesta. Esse acordo é importante uma vez que busca estabelecer uma comunicação simpática ao leitor. O texto segue assim: “Meus livros de versos tiveram applausos quasi unanimes da alta critica do paiz e do estrangeiro. Dei-me por bem recompensado. Tive orgulho do meu trabalho. E é esta minha gloria unica”.<sup>115</sup> Achylles, portanto, não busca a glória, pois já a alcançou, como faz questão de mostrar ao leitor. Logo, no mesmo movimento em que se apresenta como escritor humilde, e aproxima o leitor do seu relato, informa este sobre seu reconhecimento como poeta, o que lhe confere credibilidade como narrador, prerrogativa para o discurso epidíctico, como tentei demonstrar. Assim, o prestígio alcançado nas obras de “literatura de imaginação” agora o amparam como autor já consagrado pela crítica, que se vale desse reconhecimento

---

<sup>110</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>111</sup> Apesar da ruptura dos irmãos Apelles e Apollinario com os republicanos que viriam a formar o Partido Republicano Rio-grandense, Achylles guarda uma relação mais próxima com o governo do Estado, com a dedicatória demonstra. Uma ressalva, porém, se faz necessária, as biografias publicadas nas trilogias pedagógicas do autor são, em sua maioria, de membros do antigo Partido Liberal, ainda durante o Império, alguns dos quais porém, iriam se agrupar na oposição ao PRR, como Gaspar Silveira Martins.

<sup>112</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.5.

<sup>113</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>114</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>115</sup> *Idem, Ibidem.* É interessante perceber na passagem a diferenciação estabelecida por Achylles entre a literatura de imaginação e o trabalho que oferece ao público. A distinção revela que o conteúdo da sua narrativa se ancora para além da mera imaginação. A obra que prefacia apresenta características, portanto, que a afastam da literatura baseada na imaginação do autor.

para instruir através do passado e não só para deleitar.<sup>116</sup> Desta forma, o autor angaria respeito e confiança do leitor, importantes para dar o respaldo necessário à seleção dos personagens e dos acontecimentos de outrora a serem apresentados, e que constituem, pelas características destacadas, a identidade rio-grandense. Achylles, então, caracteriza sua obra como nobre e patriótica, o que destaca seu esforço de construção de uma identidade a partir da apresentação dos valores que encarnam o nacional, representados no texto pelo exemplo dos homens ilustres que ele conheceu e de quem dá notícia. Quanto ao destino da obra, diz

Deposito-a, jubiloso, ás mãos de meus patricios. Ella saiu do meu coração em demanda de corações amigos que a acolham e a acarinhem. [//] Si assim succeder, estarei pago do meu esforço em pról de minha querida terra natal.<sup>117</sup>

O coração é na cultura ocidental reconhecidamente o órgão ligado à paixão. Escrevendo que seu trabalho “saiu” do coração, o autor demanda do leitor o mesmo sentimento durante a leitura. Logo, Achylles deseja ser lido e acolhido, e para isso trabalha com o *pathos* do público, criando as disposições, por ele indicadas, para a leitura.

*Através do Passado*, livro de 1920, é dedicado à memória da filha Aracylia, e encerra a trilogia educativa de Achylles Porto Alegre. No prefácio, quase como uma continuação da dedicatória, o cronista lamenta a perda da filha, e informa que o livro “foi, pois, escripto entre lagrimas e, por isso, costou-me mais que os dois anteriores”.<sup>118</sup> Portanto, foi uma obra trabalhosa, que ele caracteriza como “trabalho de historia, de reminiscencia e, não raro de evocação”, e que “requeria tranquilidade de espirito, ausencia de pezares, mingua de cuidados, – coisas estas que, infelizmente, me faltavam na occasião”.<sup>119</sup> A partir destas palavras, é possível perceber que Achylles trata de maneira indistinta a história e a memória, acessada pelas reminiscência e evocações, prescrevendo que as duas sejam trabalhadas com rigor, imparcialidade e apatia.

A relação entre história e memória possui uma historicidade própria que configura “[...] seu estado presente, constituído em sua especificidade ao longo de um tempo prolongado, [que] só se faz inteligível quando se integra em um processo multissecular do

---

<sup>116</sup> “Hoje escrevo para instruir, quando antigamente escrevia para deleitar”, PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.5.

<sup>117</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>118</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.3.

<sup>119</sup> *Idem, Ibidem*, p.4.

qual constitui um resultado provisório”.<sup>120</sup> Esse aspecto variável ao longo do tempo dos laços entre a história e a memória também é apontado por Jacy Alves de Seixas, que identifica contemporaneamente uma subordinação da segunda à primeira.<sup>121</sup> De acordo com Krzysztof Pomian, o afastamento entre as duas práticas se deu somente no século 18 europeu, com a progressiva disciplinarização da história.<sup>122</sup> O caso de Achylles, neste sentido, é interessante uma vez que nele encontramos uma escrita da história que se confunde com a memória, ao mesmo tempo que adota estratégias literárias na sua fase escriturária. Logo, é possível perceber em seu trabalho a especificidade da relação construída pelo escritor entre história e memória. Nele vemos uma memória posta por escrito e encontramos características comuns à memória e à história. Da memória ele retém a multiplicidades de narrativas e da história o ato de inscrição.

O autor, contudo, apesar da morte de Aracylia que tornou o trabalho dificultoso, alcança seu objetivo, “ainda assim, pude levar a cabo minha tarefa, e ao entregar ao publico este livro, que é o terceiro da série neste genero [...]”. Fica explícito, no trecho, a forma como o escritor encara o trabalho ao qual dedica seus últimos anos de vida: uma tarefa, palavra que remete à noção de dever, um dever com o passado.

Assim, a escrita da história de Achylles Porto Alegre, de acordo com o prefácio, é permeada pela lembrança. A alusão à ausência das paixões durante a elaboração de um discurso histórico, mais uma prescrição do que uma realidade de sua escrita, se confunde com a evocação da memória. O testemunho deveria ser história “descarnada” nas crônicas de Achylles, mas não necessariamente o escritor dá conta das suas exigências. O presente da escrita lhe serve de justificativa para a falta.

\*\*\*

Procurei aqui, através da leitura dos prefácios de Achylles Porto Alegre, entender como se dá a produção do narrador autorizado do passado do Rio Grande do Sul, e quais são as características pelas quais ele é legitimado como tal. Dessa forma, entendo que as memórias narradas nas crônicas e biografias de Achylles são um recorte de fatos, personagens

<sup>120</sup> POMIAN, Krzysztof. “De la historia, parte de la memoria, a la memoria, objeto de historia”. In: \_\_\_\_\_. *Sobre la historia*. Madrid: Cátedra, 2007, p.175.

<sup>121</sup> SEIXAS, M. *Op. cit.*, 2002, p.39.

<sup>122</sup> POMIAN, K. *Op. cit.*, 2007, p.201-207. Neste sentido, a cisão percebida contemporaneamente entre história e memória é o resultado de longo processo de especialização da história enquanto disciplina, o que não invalida a referência às reflexões de Paul Ricoeur – sobre a memória como solo de enraizamento da história –, uma vez que, ao herdar da memória suas aporias (a saber, a representação presente de algo ausente e a sua fidelidade), a história constrói as condições epistêmicas de enunciação de um discurso verdadeiro sobre o passado, a partir da operação historiográfica.

e lugares que enquadram a história regional sob um determinado olhar, sob uma determinada perspectiva, inseparáveis do projeto pedagógico que o autor, como professor e republicano, explicitamente advoga para sua obra. A própria seleção dos atores e dos eventos do passado, realizada pelo cronista, torna possível a compreensão do que, nas suas narrativas, são matérias passíveis de se tornarem história, que têm por finalidade a construção da identidade da brasileira e rio-grandense em torno de valores que são apresentados como consensuais. A identidade regional é construída ao redor da imagem do republicanismo, apresentado nos valores defendidos na Revolução de 1835, dos exemplos dos seus defensores no passado e no presente, sejam eles militares, políticos ou propagandista, como, de fato, Achylles foi. Para além de republicano, o rio-grandense é herói militar, defensor da fronteira nacional, guerreiro honrado em contraposição ao espanhol, inimigo traiçoeiro. Mas, além disso, os rio-grandenses são também afeitos às letras. Possuem uma intelectualidade primorosa, da qual Achylles destaca, entre outros, a si mesmo como representante.

A partir da análise, percebeu-se, que não é somente a dimensão fiduciária do testemunho o recurso que garante a legitimidade sobre o passado relatado. Nos prefácios dos seus livros de crônicas, Achylles informa ao leitor sobre os atributos que lhe conferem autoridade como narrador autorizado do passado: idade avançada, do que decorre experiência; prestígio como poeta reconhecido no país e no exterior; sinceridade do relato; amor pelo ofício de “prosador”. Logo, o prestígio que desfruta como homem de letras é acionado e reforçado pelo seu discurso, num artifício textual de atribuição de legitimidade a si mesmo.

“Assim, no início de um empreendimento que pretende levar da lembrança para a História está um ato de confiança em uma experiência que se pode entender como uma experiência primordial nesse campo, isso é, a experiência do reconhecer”.<sup>123</sup> O ato de confiança é crer que o relato da testemunha está baseado na experiência que ela afirma ter vivido perante o interlocutor. Essa afirmação tem como efeito suspender a suspeita sobre o relato. Em seus textos, além de se afirmar testemunha, Achylles se constrói como autoridade diferenciada pela idade (que serve como garantia para o amplo repertório de experiências relatadas), pela trajetória como homem de letras (que lhe garante reconhecimento e prestígio), pelo amor ao ofício e pela sinceridade (que lhe permite falar com isenção sobre o passado). Ao longo de seu esforço de construção da legitimidade do seu testemunho sobre o passado, Achylles atua como um agente no processo de solidificação da memória do Estado, que trabalha na manutenção da estabilidade da identidade regional. Ele é, dessa forma, um ator

---

<sup>123</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2000, p. 733.

profissionalizado do enquadramento da memória, que exerce um trabalho de controle da imagem do passado.

Uma imagem do passado que é herdada. Ela flutua de acordo com o momento em que é articulada, de acordo com o momento em que é expressa (a imagem é do presente para o passado, e se atualiza, portanto, a cada rememoração). Mas como afirmou Henry Rousso, “somos todos inocentes em relação ao passado, mas somos, apesar de tudo, todos culpados”.<sup>124</sup> A herança não tem valor em si, ele é atribuído por quem herda, segundo o autor, mas também por quem “delega” um passado como legado.

O escritor rio-grandense atribui como objetivo da obra fornecer exemplos de conduta para as novas gerações. Sua narrativa resgata do esquecimento homens considerados “illustres”. Mas na sua ânsia em apresentar-se, em legitimar-se como testemunho do passado, Achylles localiza a si mesmo em meio ao passado do Rio Grande do Sul, criando não só um lugar para a memória regional, mas também o seu lugar nela.

Portanto, a análise partiu dos prefácios, nos quais o historiógrafo/literato constrói e reforça para si e para seu público as condições de enunciação de uma narrativa sincera e fiel sobre o passado. Numa escrita em que o conteúdo e forma recebem um tratamento equivalente, no intuito de ser útil e agradável ao leitor, Achylles salva, através da memória, aquilo e aqueles que não deveriam ser esquecidos.

---

<sup>124</sup> ROUSSO, Henry. “Usos do passado na França de hoje”. In: SIMON, Olga Rodrigues de Moraes von (org). *Os desafios contemporâneos da história oral 1996*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1997, p.26.

## Capítulo 2

### **“Nos longinquos, formosos tempos em que eu fazia litteratura de imaginação”: representação do passado e escrita literária**

Achyllès deixa claro nos prefácios da trilogia pedagógica seu intuito: instruir e, não menos importante, agradar. É o que revela no paratexto introdutório “Ao Leitor”, nas primeiras páginas da segunda edição de *Homens illustres do Rio Grande do Sul*: “[...] o resultado da minha primeira tentativa veio revelar-me a predilecção de meus praticios por esta especie tão util quão agradável de leitura”.<sup>1</sup> Tal como se lê no segundo volume da trilogia, *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*, o qual o escritor destina “á mocidade estudiosa”, sem deixar, contudo, de “conter leitura, quiçá util e attraente para os de mais proveccta idade”.<sup>2</sup> Agradar, portanto, através da escrita que pretende “concorrer suave e docemente, sem empolas de estylo artificioso” à educação das novas gerações de rio-grandenses.<sup>3</sup>

O trabalho de Achyllès possui, portanto, uma dupla intencionalidade que o encaminha para uma escrita que se coloca sob a responsabilidade de falar a verdade sobre o passado instrutivo sem perder, contudo, o prazer que a leitura agradável deveria proporcionar ao leitor.<sup>4</sup> Uma representação comprometida com a fidelidade ao referente, o passado, mas que se vale da longa experiência do autor como literato na produção do texto. A presença de figuras retóricas como ornamento é apenas um dos traços deixados pelas estratégias de uso da linguagem que se destacam, “*Linda é a gloria de certo, mas quasi sempre, não é sem transpôr abyssmos, sem deixar nos caminhos rastros de sangue, pedaços de coração, diluvios de lagrimas, que se consegue alcançal-as, corôada de estrellas, no esplendor do triumpho*”.<sup>5</sup> Ao lançar mão desse tipo de recurso, Achyllès, como é recorrente, traça reflexões sobre o ato de escrita.

---

<sup>1</sup> PORTO ALEGRE, Achyllès. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917, 2ed., p.5.

<sup>2</sup> PORTO ALEGRE, Achyllès. *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919, p.5.

<sup>3</sup> PORTO ALEGRE, Achyllès. *Op. cit.*, 1917, p.5.

<sup>4</sup> Faço notar que a vontade de instruir e agradar não são, por isso, incompatíveis entre si, ao contrário. É preciso ser agradável para bem instruir. As intencionalidades são, assim, convergentes. Contudo, não deixo de notar que, ao mencionar suas duas intenções, Achyllès pareça dar o mesmo peso às tarefas que se propõe, sem submeter o prazer estético ao ímpeto pedagógico da obra.

<sup>5</sup> PORTO ALEGRE, Achyllès. *Op. cit.*, 1919, p.159, grifos meus.

Não gosto de escrever quando vejo o céu cinzento, quando a lua escassamente entra pelas janellas do meu gabinete. [//] Sinto-me outro, entretanto, quando a claridade inunda em borbotões o aposento onde trabalho, *como se os jorros de luz, cahissem sobre mim, como as linguas de fogo, que desceram do céu para illuminar os apóstolos.* [//] Não vejam n'esta figura de rhetorica que aqui encaixo, como uma rodinha de artifício, uma velleidade de presumpçoso escriptor, mas *um leve adorno para ataviar a phrase ensossa* de um pobre rabiscador de aldeia, que nunca sonhou em sua vida com as glórias capitólicas.<sup>6</sup>

A composição do texto é marcada pela introdução constante disso que o escritor chama de “leve adorno”, com o objetivo de oferecer à frase ou ao parágrafo efeitos literários capazes de provocarem deleite.<sup>7</sup> Trata-se de uma escrita que habita, portanto, o território das formas híbridas, uma vez que, “tendo uma primeira inscrição reconhecida” no campo da história, admite, “por seu tratamento específico da linguagem, uma inscrição literária”.<sup>8</sup> Quando, em 1922 (dois anos após publicar o terceiro livro da série pedagógica, *Através do passado: chronica e historia*), Achylles lança *Homens do passado* – no qual apresenta novas biografias instrutivas –, o autor descreve a relação que ele estabelece com a linguagem na construção da sua escrita: “Escripto, como os outros, ao correr da penna, mesmo dia a dia, este livro não desmente todavia *o carinho que voto á Arte.* [//] *Como nos versos da minha mocidade,* eu ponho na prosa da minha idade provecta um *cuidado ardente pela forma e pelo estylo*”.<sup>9</sup> Mesmo os trabalhos escritos ao “correr da penna”, como as crônicas e as biografias que produz, não deixam de apresentar isso que é uma característica do trabalho de Achylles: a preocupação com a forma e o estilo.

Tomo como ponto de partida para compreensão do entrelaçamento da representação do passado com as formas de escrever herdadas da prática literária as reflexões de Achylles sobre a escrita dispersas por sua obra. A partir desses fragmentos pretendo compreender, em

<sup>6</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Á beira do caminho*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925a, p.24, grifo meu.

<sup>7</sup> Temístocles Cezar aponta a carência de regras claras que definam as fronteiras entre a história e a literatura, e atenta para o uso, por Gonçalves de Magalhães, de figuras poéticas que “não somente interferem na narração histórica, mas também lhes conferem sentido; o poeta faz ver, através dos sentimentos que ele exprime na ordem do texto, a história. Ele tem portanto a capacidade de adaptar sua maneira de escrever às cenas descritas [...]”, em CEZAR, Temístocles. “Presentismo, memória e poesia. Noções de escrita da história no Brasil oitocentista”. In: PESANVENTO, S. J. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 43-80, p.74.

<sup>8</sup> COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.352. “Para tanto, será preciso que se reconheça *a permanência da eficácia das marcas da primeira, ao lado da presença suplementar da segunda*”, em *Idem, Ibidem* (grifo do autor). Ou seja, será preciso que o texto seja primeiramente reconhecido como um trabalho de história, no qual as estratégias de uso da linguagem, de forma suplementar, permitam sua inscrição literária.

<sup>9</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens do passado. História*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922b, p.10, grifo meu. É importante lembrar que a coluna de crônicas publicada por José de Alencar no *Correio Mercantil*, em 1854, tinha o título de *Ao Correr da Pena*, expressão por vezes utilizada por Achylles para caracterizar a dedicação votada à feitura das suas crônicas.



primeiro lugar, o estatuto da crônica, tomado como gênero de fronteira. Esse passo será importante na compreensão de como se configura em Achylles essa forma híbrida de escrita, na qual a referencialidade e o uso criativo da linguagem coabitam o espaço textual sem conflito aparente. Partindo desses indícios deixados pelo escritor em seus textos, aponto para uma possível aproximação entre o tipo de produção escrita presente na série pedagógica – composta por crônicas, biografias e memórias – e a “litteratura de imaginação” em Achylles. Será possível notar, então, que, para além de uma simples distinção entre os gêneros, baseada na presença ou não da fantasia, eles convergem em pelo menos um aspecto.

## 2.1 “A chronica leve, subtil, alada [...]”: um gênero entre duas tradições de escrita

Quando, em 1925, publicava no livro *Á beira do caminho* o texto “A chronica”, Achylles definiu e caracterizou o gênero pelo qual se tornaria famoso.<sup>10</sup> Seu estilo era leve, mas já tivera sua época, tendo sido esquecida pelos periódicos regionais.

A chronica leve, subtil, alada como que foi banida de todos dos velhos habitos da imprensa indigena, como um vestuario que passou da moda. [//] Ninguem, agora, a cultiva, ninguem mais lhe consagra, siquer, uns momentos de ocio. [//] E, entretanto, a chronica, entre, nós, já teve a sua época, a sua florescia, a sua idade de oiro.<sup>11</sup>

A linguagem empregada na crônica era de “[...] estylo despretençioso, como si estivesse de perna trançada, a cavaquear entre amigos, perto de uma janella aberta, para o jardim, em uma noite branca de luar”.<sup>12</sup> Uma escrita ligeira, portanto, na qual estavam presentes estratégias de uso da linguagem oriundas da prática jornalística e literária. O aspecto marcante, contudo, seria a versatilidade com a qual o gênero abordava os mais diversos assuntos. A crônica era sujeita a uma ampla gama de temas aos quais seus autores se propunham, “Era apenas uma pequena moldura, onde se adaptavam, perfeitamente, todos os assumptos, todos os aspectos da vida, apanhados em flagrante”.<sup>13</sup> Ela seria um gênero versátil: “*Tudo servia* então para ser encaixilhado nessa leve tela, onde tu e eu, pela manhã, depois de uns goles de café, passavamos, anciosos, os olhos picados de curiosidade”. A

<sup>10</sup> “Na história da crônica no Rio Grande do Sul, Aquiles Porto Alegre [...] aparece como renovador desse gênero”, MONTEIRO, Charles. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. *Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Rio de Janeiro, 2001, pp. 35-41, p.36.

<sup>11</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.158.

<sup>12</sup> *Idem, Ibidem*, p.159.

<sup>13</sup> *Idem, Ibidem*, p.158.

crônica aceitaria, assim, todo tipo de conteúdo, “[...] de tudo finalmente colhia-se o thema para *as variantes da chronica*”,<sup>14</sup> o que lhe permitia discorrer inclusive sobre o passado.<sup>15</sup>

Nota-se que Achylles faz referência às “variantes da chronica”, chamando atenção para a multiplicidade de formas que o gênero poderia assumir.<sup>16</sup> Isto se deve, em parte, a um problema semântico relativo à definição de crônica, uma vez que a um conceito se sobrepõe outro: à crônica enquanto relato cronológico do passado é sobreposta a crônica na acepção moderna, jornalística e literária, ligada ao cotidiano, que se populariza no Brasil a partir do século 19. A palavra faz referência, portanto, a dois gêneros distintos em língua portuguesa (o que não acontece, por exemplo, no caso inglês, *chronicle*, francês, *chronique*, e espanhol, *cronica*, que fazem referência apenas aos relatos históricos, sendo os gêneros literários correspondentes designados por outros termos, como *essay* no caso inglês, e *feuilletons* no francês).<sup>17</sup> Essa variação da definição de crônica pode mesmo ser percebida na maneira como o autor emprega a noção ao longo das suas obras, fazendo ora referência à crônica relato ora à crônica literária. Assim, às estreitezas impostas por uma definição que busca captar a crônica como um todo, proponho que a partir das características da obra de Achylles seja formulada uma concepção de crônica que oriente a análise.

Se a própria delimitação dos diversos gêneros literários se mostra frágil e incerta, qualquer definição abstrata de crônica terá sempre, como limite, a concretude de cada um desses pequenos artigos. [...] Ao invés de conceituar a crônica de modo unívoco, cabe enfrentar a sua especificidade, em um procedimento que radicalize a busca de sua historicidade, ao mesmo tempo

<sup>14</sup> *Idem, Ibidem*, p.159, grifo meu.

<sup>15</sup> Depois de recordar o “Só, este livro agonico, de tão fundo e pungente scepticismo” de Antonio Nobre, “o amargo pessimista”, no qual o poeta fala na “dôr do pensamento” (p.99), Achylles passa a “philosophar” sobre o que o referido autor diz sobre a vida do escritor, “O assumpto, seja suave ou escabroso, é sempre uma cruz para o escriptor. [//] Si, zurzindo o vicio, elle prêga moral, vão procurar nugas na sua vida e desancam o ‘moralista’. Si escolhe themas de essencia religiosa, lapidam o ‘santarrão’. Si por fazer estylo e embasbacar o burguez, tece um hymno deonysiaco, enforcam o ‘libertino’. [//] E, dest’arte, o escriptor é sempre o alvo mirado. [//] E’ claro que, para isso, é preciso que elle tenha talento”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Noites de Luar*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923b, p.101.

<sup>16</sup> Como aponta parte da literatura que trata da crônica, é “[...] perigoso e tentador [o] caminho das definições e das classificações, sempre demasiado estreitas para abarcar a riqueza deste gênero polimórfico, tanto pela diversidade de suas concretizações no exercício constante e sempre renovado dos cronistas quanto pela variedade de suas metamorfoses no tempo”, NEVES, Margarida de Souza. “História da crônica. Crônica da história”. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p.15-31, p.17.

<sup>17</sup> Assim, a diferença percebida entre as duas acepções de crônica mencionadas se deve ao fato de a palavra designar, em língua portuguesa, dois gêneros de escrita diferentes. O primeiro é caracterizado como um gênero literário/jornalístico; já o segundo como um relato de acontecimentos históricos. Ver o verbete crônica de MOISÉS, Massaud & PAES, José Paulo (orgs). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987, p.129-130; e, igualmente COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante (dir). *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Globo Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, v.1, 2001, p.559.

em que se mostre atento aos complexos mecanismos narrativos que a constituem.<sup>18</sup>

Em primeiro lugar, Achylles fala da crônica que está ligada ao jornal: “Num canto do jornal, em baixo, em cima, no meio da columna, a chronica apparecia alacre, ruidosa, e, ás vezes, trazendo uma nota de saudosa melancholia”.<sup>19</sup> Entretanto, as crônicas que aparecem na série pedagógica (e mesmo as publicadas posteriormente) tem como veículo (seu suporte) não o jornal, efêmero.<sup>20</sup> Ao contrário, é no livro, perene, que o escritor imprime a sua escrita. As consequências desta discrepância são importantes para compreender a crônica em Achylles.<sup>21</sup> Diferentemente do público visado pelo jornal, seus livros se direcionam a outra espécie de leitor, àquele interessado (ou que deveria se interessar, como a “mocidade estudiosa”) no passado da cidade e do estado; mas, sobretudo, o suporte do livro proporciona maior duração ao texto, conferindo-lhe, portanto, atributos de perenidade,<sup>22</sup> aspecto decisivo para a trilogia pedagógica, na qual Achylles objetiva a produção e a manutenção de um passado a ser perpetuado através da escrita.

Em segundo lugar, a crônica tem, em Achylles, uma acepção que a aproxima de um relato cronológico dos acontecimentos do passado.<sup>23</sup> Assim, se identifica como objeto diletto

<sup>18</sup> CHALHOUB, *et alli* (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005, p.17.

<sup>19</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.158. Para os organizadores do livro *História em cousas miúdas*, dedicado à análise desse gênero de escrita, a crônica está, no final do século 19 e início do 20, ligada ao jornal: “Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, [...]. Sem pretensão à perenidade, [...] elas se aproximam, na sua concepção, do caráter desprezioso e datado de uma notícia de jornal. [...] afirma-se o caráter passageiro dessa literatura com data de validade”, CHALHOUB, S. *et alli* (orgs.), *Op. cit.*, 2005, p.9-10. Segundo Sandra Pesavento, “na sua acepção contemporânea”, a crônica é “[...] aquela narrativa curta, difundida pelos jornais, frente a um mundo transformado pela modernidade e pelos meios de comunicação de massa [...]. Nesta instância, a crônica é aquele artigo de consumo diário, rápido e preciso, que se apresenta como produto a ser consumido por um público leitor de jornal.”, PESAVENTO, Sandra. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. *História UNISINOS*. São Leopoldo: UNISINOS, v. 8, n. 10, 2004, p.61-80, p.63. Esta descrição da crônica é acompanhada também por Margarida de Souza Neves, que caracteriza a crônica moderna nos seguintes termos em relação ao suporte: “Na maioria das vezes seu primeiro suporte físico são as efêmeras folhas de um jornal, e não a perenidade das páginas de um livro”, NEVES, M. *Op. cit.*, 2001, p.20.

<sup>20</sup> “A leitura da crônica de jornal não é feita para durar e, assim como é consumida, pode, por sua vez ser esquecida”, PESAVENTO, “Crônica. A leitura sensível do tempo”. *Anos 90*. Porto Alegre: UFRGS, n.7, 1997, p.31.

<sup>21</sup> Ainda que, em sua grande maioria, as crônicas publicadas pelo autor em seus livros sejam curtas, como as encontradas no jornal.

<sup>22</sup> É necessário destacar que, em alguns livros, como *Folhas caídas*, de 1912, e *Flôres entre ruínas*, de 1920, Achylles reúne e faz publicar crônicas lidas pela primeira vez em periódicos locais. Mas o ato de transpor o trabalho de um veículo ao outro, do jornal ao livro, é mesmo indicativo da intenção de perenidade com a qual reveste seu trabalho.

<sup>23</sup> Hayden White vê na cronologia, princípio organizador do discurso, um vínculo da crônica com os anais, em WHITE, Hayden. *El contenido de la forma. Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992, p.31.

dessa variante da crônica o tempo.<sup>24</sup> Mas, enquanto a literatura sobre o gênero vê principalmente o presente<sup>25</sup> como tempo da crônica (ligada ao jornal), e, neste, o cotidiano,<sup>26</sup> em Achylles, a crônica publicada em seus livros, ao contrário, não fala do cotidiano, mas do passado.

A concepção da crônica como relato cronológico se evidencia quando afirma que “Desde a fundação até á actualidade, a chronica de Porto Alegre está escripta sem falhas, póde dizer-se”.<sup>27</sup> Achylles dá a entender, assim, que o relato das coisas passadas da cidade não possui lacunas. Desta forma, os espaços, as práticas, os personagens e os acontecimentos encontram o seu lugar nessa temporalidade linear produzida pela crônica, na qual a escrita opera como instrumento de alocação desses elementos do passado numa ordem de sucessão (não necessária, nem causal) desde a “fundação” em direção a “actualidade”. Essa sucessão não ofereceria, porém, uma explicação, de acordo Paul Ricoeur.<sup>28</sup> Ou seja, ela não ofereceria uma resposta, construída através dos modos de encadeamento entre fatos do passado, a uma pergunta previamente elaborada. Walter Benjamin já observara que é a história quem está encarregada de oferecer explicações para os fatos e acontecimentos que toma para si, ao

---

<sup>24</sup> NEVES, M. *Op. cit.*, 2001, p.21-22. Em outro texto, Margarida Neves identifica a crônica como “gênero colado ao tempo”: “[...] a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. [...] a crônica aparece como portadora por excelência do ‘espírito do tempo’”, NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CANDIDO, A. *et alli. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992, p.82. Ou ainda, como aponta Sandra Pesavento, a crônica seria “uma leitura sensível do tempo”, PESAVENTO, S. *Op. cit.*, 2004, p.63.

<sup>25</sup> “Assim, a crônica, tal como a literatura, a pintura, a fotografia, é testemunho de si próprio, ou seja, do tempo presente de sua feitura, que faz perceber e qualificar o real desta ou daquela forma”, PESAVENTO, S. *Op. cit.*, 2004, p.66; e também Margarida Neves, ao falar dos cronistas cariocas, identifica-os como “narradores do tempo vivido, por eles como por seus leitores [...]”, NEVES, M. *Op. cit.*, 1992, p.77.

<sup>26</sup> NEVES, M. *Op. cit.*, 1992, p.76.

<sup>27</sup> PORTO ALEGRE. Achylles, *Op. cit.*, 1920, p.5.

<sup>28</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 193. Segundo o autor, é no plano da explicação/compreensão que a história marca mais fortemente sua autonomia em relação à memória, uma vez que “Explicar é, em geral, responder à pergunta ‘por que’ por meio de uma variedade de utilizações do conector ‘porque’”. Sendo assim, Ricoeur destaca a necessidade de “deixar aberto o leque dessas utilizações” do conector explicativo, e ainda de “manter a operação historiográfica na vizinhança dos procedimentos comuns a todas as disciplinas científicas”, que se caracteriza pelo recurso “a processos de modelização submetidos ao teste da verificação”, o que representaria “um corte epistemológico em relação à memória e à narrativa comum”, *Idem, Ibidem*, p.193-194. Ou seja, a história se afasta da memória, da narrativa comum e, porque não, da crônica ao procurar responder a um problema colocado ao passado por meio de um tratamento dos fatos que privilegia modelos explicativos capazes de serem submetidos à prova, passíveis de verificação. Algo diverso do que ocorre com as crônicas, as biografias e as memórias de Achylles Porto Alegre, que não lança ao passado uma pergunta a qual visa responder se utilizando deste tipo de procedimento. Seu objetivo é uma descrição e não uma explicação (uma descrição pedagógica porque exemplar, que não carece de explicação, mas sim de persuasão).

contrário da crônica, tomada nessa acepção, que objetiva apenas inseri-los no fluxo do tempo.<sup>29</sup>

Portanto, ao se referir ao transporte público outrora utilizado em Porto Alegre, Achylles é capaz de identificar que ele ocupa um lugar na crônica da cidade: “O nome desta viação [maxambomba] ficou para sempre ligado à chronica da cidade velha”.<sup>30</sup> O mesmo acontece com o Theatro São Pedro.<sup>31</sup> Ao referir-se à primeira peça ali encenada, dirigida por João Ferreira Bastos “de luminosa memoria na chronica do nosso theatro antigo”,<sup>32</sup> Achylles encontra o lugar do evento na sucessão dos acontecimentos que, em conjunto, compõem a crônica do Theatro. Esse conjunto de relatos particulares, essas crônicas dispersas que tomam por objeto diferentes elementos do passado, são capazes de, reunidas, chegar a compor uma crônica maior, a da cidade de Porto Alegre.<sup>33</sup> Segundo Maria da Glória de Oliveira, a essa característica do gênero estaria ligado o rechaço da crônica como representação “histórica” do passado (em autores como Capistrano de Abreu e von Martius), devido a sua “incapacidade de conferir coerência, unidade e inteligibilidade aos acontecimentos narrados”.<sup>34</sup>

Falando ainda do Theatro São Pedro, Achylles faz a correção da data da fotografia oficial da sua fachada, e, valendo-se da retificação, justifica uma reescrita da história da cidade de Porto Alegre, pois “até oficialmente ha conhecimentos errados acerca do panorama da cidade”. Assim, “não será pois de estranhar que o mesmo succeda com respeito á velha

---

<sup>29</sup> “O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna”, pois estes estão livres do “ônus da explicação verificável”, uma vez que a “base da sua historiografia está no plano da salvação, de origem divina, indevassável em seus desígnios”. Assim, a explicação “é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exatos de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas”, em BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.197-221, p. 209.

<sup>30</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.29.

<sup>31</sup> Inaugurado em 1858, o Theatro São Pedro se localiza no centro da capital, Porto Alegre, e foi responsável por abrigar diferentes atividades culturais ao longo do século 19. Manteve-se ativo até 1973, quando foi fechado para reformas. Em 1984, o Theatro foi reaberto e tombado pelo patrimônio histórico.

<sup>32</sup> *Idem, Ibidem*, p.6-7.

<sup>33</sup> Adiante pretendo retomar esse sentido da crônica como relato particular e articulá-lo com a noção de história presente nos trabalhos de Achylles, afim de tentar estabelecer uma resposta para a distinção que o autor menciona entre história e crônica.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006, p.78. De acordo com Hayden White “[...] a *doxa* do *establishment* historiográfico moderno supõe que há três tipos de representação histórica – os anais, a crônica e a história propriamente dita –, a imperfeita ‘historicidade’ de dois dos quais se evidencia em seu fracasso em captar a plena narratividade dos acontecimentos de que tratam”, em WHITE, H. *Op. cit.*, 1992, p.20. A narratividade seria responsável pela construção da coerência, unidade e inteligibilidade, segundo o autor.

chronica da nossa encantadora e gloriosa ‘urbs’”.<sup>35</sup> Ainda que a crônica esteja “escripta sem falhas”, persistem, contudo, “conhecimentos errados” acerca do passado, aos quais o autor se dedica a corrigir. A dúvida sobre data de fundação da cidade, porém, envolta em debate pelos interessados das coisas do passado, foi “liquidada por historiographos e chronistas interessados na materia”.<sup>36</sup> Achylles parece indicar, portanto, a existência de uma diferença entre aquilo que ele chama de “historiographos” e o “chronista” ao dar-lhes nomes distintos.<sup>37</sup> Essa distinção não é estranha ao período, e foi constituída e consolidada com a afirmação da história enquanto disciplina acadêmica. Está presente em Benedetto Croce, que procura estabelecer a verdadeira distinção entre história e crônica, em *Teoria e storia della storiografia*, de 1916. Para isso ele elenca as diferentes formas pelas quais se procurou distinguir os dois gêneros de escrita. Em primeiro lugar, a distinção foi procurada numa diferença de qualidade dos fatos que cada uma tomava para si como seu objeto. Assim, os fatos individuais foram atribuídos à crônica e os gerais à história. Os privados à crônica, os públicos à história. Os fatos importantes à história, e à crônica os não-importantes. Além disso, haveria outros tipos de consideração, como a relação íntima entre os eventos na história e a desconexão que aparece na crônica, uma ordem lógica na primeira, a ordem puramente cronológica da segunda, a penetração da história no âmago dos eventos e a limitação da crônica à superfície ou ao exterior desses.<sup>38</sup>

Mas, apesar da distinção, o historiador e o cronista se debruçam, de acordo com Achylles, sobre o passado e operam correções no conhecimento até então aceito. O cronista (e, por conseguinte, o produto da sua escrita) realiza uma prática muito próxima a do historiador.<sup>39</sup> Desta forma, não há problema para Achylles colocá-los lado a lado em termos

<sup>35</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.7.

<sup>36</sup> *Idem, Ibidem*, p.8.

<sup>37</sup> A precariedade da institucionalização da história no alvorecer da República no Brasil, os variados gêneros aos quais se dedicavam os homens de letras e a missão civilizadora que atribuíam a si mesmos fez, por vezes, confluir em um mesmo autor, como é o caso de Achylles, trabalhos de crônica e história.

<sup>38</sup> Essas são, contudo, distinções falaciosas, segundo Croce. Elas colocam a diferença entre história e crônica na concepção do que interessa e do que não interessa. “A verdade é que a crônica e a história não são distinguíveis como duas formas de história, mutuamente complementares, ou como sendo subordinadas uma a outra, mas como duas atitudes espirituais diferentes. História é crônica viva, crônica é história morta; história é história contemporânea, crônica é história passada; história é principalmente um ato de pensamento, crônica um ato de vontade”, em CROCE, Benedetto. “History and Chronicle”. In: GARDINER, Patrick. *Theories of History*. New York: Free Press, 1966, p.230-231. A diferença entre os gêneros estaria, para o autor, ligado à atitude do historiador com o passado. Se esse passado é vivo, ou seja, se esse passado é capaz de ser revivido pelo pensamento e responder às demandas do presente, então falamos em história viva e contemporânea. Mas se, ao contrário, essa história é apenas um relato distante e estéril, incapaz de fazer reviver o passado, falamos de história passada, crônica, cujo único interesse é salvar o passado do esquecimento.

<sup>39</sup> Tal como notara Capistrano de Abreu: “Um homem inteligente disse um dia que a história não era a crônica. O cônego Felipe aprovou a idéia, aparou-a, dividiu-a em pedaços e distribuiu-a por vinte e quatro colegas. Desde

equivalentes no que toca à representação do passado.<sup>40</sup> Por isso, quando apresenta a discussão sobre a quem pertencera a vitória na batalha de Ituzaingo (1827), entre as tropas brasileiras e argentinas, durante a Guerra da Cisplatina (1825-1828), o autor sustenta o argumento de que a vitória fora brasileira baseado na “palavra de alguns historiographos”, a quem cita. E conclui,

A’ vista desta ligeira exposição, tão clara quão exacta em suas premissas e conclusões, haverá ainda que ouse afirmar a nossa completa derrota e estupenda victoria do exercito argentino, como o fazem abertamente os historiadores do Prata? Quando, porém, ainda restassem quaesquer sombras de duvida, máo grado *as narrativas dos historiographos, chronistas e escriptores citados*, viria em auxilio de nossa opinião o depoimento de uma testemunha occular, que, tendo, como official, tomado parte na acção, melhor que ninguem estaria apto dara (*sic*) dizer a verdade sobre aquelles successos.<sup>41</sup>

Na elaboração do argumento que atribui a vitória do Brasil, Achylles enuncia, num primeiro momento, dar a palavra aos “historiographos” a quem transcreve. Ao final da exposição, entretanto, se refere a essas narrativas como produzidas tanto por “historiographos” como por “chronistas”, e até mesmo por “escriptores”. Parece não existir, no autor, uma delimitação de espaços de atuação especializados e específicos para esses diferentes produtores de narrativas sobre o passado. Seus trabalhos são evocados e tratados com simetria enquanto textos que representam o passado, superados, na enunciação da verdade sobre “aquelles successos”, apenas pela testemunha ocular. Nesse sentido, a crônica toma uma acepção que a aproxima da história, a tal ponto que Achylles lhe nega a participação da “fantasia”.

Temos a convicção de que o leitor ‘sabido’ encontrará nesta páginas coisas que desconhecia. Procuramos fazer trabalho novo. Todavia, em alguns pontos historicos e em outros de chronica, tivemos de ‘citar’ e mesmo ‘transcrever’. [...] Ha aqui, garantimol-o, muita coisa nova. *A fantasia, porém, não colaborou nisto.*<sup>42</sup>

---

esse tempo, a cada obra histórica que aparece, ouvem-se estas palavras pronunciadas em um tom entre o malicioso e banal: *a história não é a crônica. É fácil dizê-lo, pelo menos é mais fácil do que determinar com precisão onde começa uma e onde acaba outra*, ou mostrar um livro que possua exclusivamente um destes caracteres”, em Capistrano de Abreu apud OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p. 76, grifo meu.

<sup>40</sup> Essa equivalência entre os gêneros evidenciada em Achylles é, de outra maneira, proposta por Hayden White. “[...] considero os anais e a representação histórica das crônicas não como histórias imperfeitas que convencionalmente se consideram que são, mas sim como produtos particulares de possíveis concepções da realidade histórica, concepções que constituem alternativas, mais que antecipações falidas do discurso histórico consumado que a história moderna supostamente encarna”, em WHITE, H. *Op. cit.*, 1992, p.21-22. Assim, enquanto em Achylles identifico uma simetria entre história e crônica, White enxerga na crônica e nos anais, ao contrário, uma alternativa a história moderna, pautada, segundo ele, pela narratividade.

<sup>41</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1919, p.194-195, grifo meu.

<sup>42</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.44-45, grifo meu.

O trabalho de Achylles de representação do passado se pretende relato fiel, verdadeiro, negando a colaboração da fantasia, e além disso, nele os “pontos históricos” se misturam a “outros de *chronica*” de forma que, aparentemente, não é possível identificar de maneira clara os seus limites (ainda que eles sejam enunciados).

Retomando as menções de Achylles nas quais alude a distinção entre a crônica e a história, proponho uma possível delimitação dos seus campos de atuação. Para isso, me valho da explicação de Reinhart Koselleck acerca do gradual declínio do uso do termo *Historie* em favor de *Geschichte* (história), no caso da língua alemã, ao longo do século 18. A definição tradicional de *Historie* estava ligada a noção de história como mestra da vida, e significava predominantemente relato, narrativa de algo acontecido, que a vinculava a uma diversidade de histórias particulares (de um personagem, de um reino, de uma cidade, etc.). Já o termo *Geschichte*, que originalmente fazia referência apenas ao acontecimento (aquilo que aconteceu), sofre um deslocamento lexical, passando designar também o seu relato.<sup>43</sup> O uso da nova expressão ganha força, a ponto de adquirir um novo caráter: falava-se, então, “da história em si e para si, da história pura e simplesmente – ou seja, da história”,<sup>44</sup> de maneira que o conceito se condensa em um coletivo singular (ou seja, se antes era usado no plural para significar um conjunto de exemplos particulares, o novo uso condensa o significado no singular, a história).<sup>45</sup>

O que é importante ressaltar, para o caso de Achylles, é a aproximação que se pode fazer entre a crônica por ele produzida e o termo alemão *Historie*, devido ao laço que ambos compartilham com a noção da história como mestra da vida. Nesse sentido, proponho que para Achylles a crônica possa ser entendida como uma história particular, uma vez que ela mantém uma relação direta, nas primeiras décadas do século 20, com a concepção da história como arcabouço de fragmentos modelares de passado (da mesma forma que a biografia, como veremos).<sup>46</sup> Ao passo que à noção de história estaria reservada, acredito, às narrativas do

---

<sup>43</sup> O mesmo acontece, segundo Koselleck, com o termo *Historie*, que para além do significado de relato, acrescenta o sentido de acontecimento: “Um empresta seu colorido ao outro”. O termo, no entanto, cai em desuso, juntamente com a noção de *historia magistra vitae*, ao qual estava ligada, pela emergência de um novo espaço de experiência e de um novo horizonte de expectativa decorrente das transformações pelas quais passava a Europa central no período. KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p.48-54.

<sup>44</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.49.

<sup>45</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.50. A emergência do conceito de *Geschichte* como coletivo singular é concomitante com o surgimento da filosofia da história, com a qual teve como perspectiva comum “[...] a destruição da idéia do caráter modelar dos acontecimentos passados, para perseguir em lugar disso a singularidade dos processos históricos e a possibilidade de sua progressão”. *Idem, Ibidem*, p.54.

<sup>46</sup> Desta forma, é possível afirmar uma permanência do *topos* ainda muito tempo depois da sua dissolução.



passado que para além do relato particular se preocupam com a coerência, a unidade e a inteligibilidade dos acontecimentos narrados, para retomar a crítica apontada à crônica no século 19.<sup>47</sup> Ainda que os textos de Achylles tornem difícil a tarefa de identificar quais sejam os pontos de história e os outros de crônica, meu esforço de delimitação procura tornar possível dizer em que elas são escritas diferentes, tomando por base o uso que o autor delas faz. A forma simétrica como Achylles se refere aos historiógrafos e aos cronistas se compreende, então, como o reconhecimento por parte do autor dos limites do seu trabalho de representação do passado, que valendo de trabalhos alheios, assim como do testemunho, seu e dos outros, procura apenas constituir relatos instrutivos. Ou seja, a simetria coloca as especificidades das representações do passado operadas pela história e pela crônica a serviço do caráter pedagógico do empreendimento.

Porém a crônica, enquanto gênero, suporta também a fantasia, elemento que caracteriza a linguagem ficcional, juntamente com a imaginação. É o que se lê na biografia do General Bento Martins de Menezes, o barão de Ijuí.

Em torno do seu nome não se crearam lendas, os thuriferarios de todos os matizes, que nunca faltam á ilharga dos grandes homens, não lhe teceram apologias campanudas, nem encomios grandiloquos; *os chronistas bisbilhoteiros não o fizeram jamais heróe de novellas fantasiosas, nem de chronicas imaginarias.*<sup>48</sup>

No entanto, esse gênero tão polimorfo, que em Achylles assume aspectos de texto jornalístico, ligado ao cotidiano, por vezes mero relato cronológico, que chega a assumir um *status* simétrico ao do discurso histórico, mas que também é espaço de expressão imaginária (ficcional, portanto), esse mesmo gênero é capaz de representar o passado com fidelidade: “A’s vezes, evocava-se uma reminiscencia fugitiva, entre os nevoeiros do passado quasi extinto, e a chronica reproduzia, *sem um falha, sem uma sombra, com uma nitidez encantadora*, a scena que fôra arrancada ao esquecimento”.<sup>49</sup> A crônica é para Achylles o

---

<sup>47</sup> Embora não haja, na obra de Achylles, uma justificativa para o enquadramento que proponho da noção de história, acredito que ele seja possível e pertinente, uma vez que, como veremos, a separação entre os termos se dava justamente pelo caráter narrativo que a história era capaz de atingir. Da mesma forma, R. Koselleck afirma que da história, “Passou-se a exigir [...] uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer à luz – em lugar de seqüências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, a fim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna”, em KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p. 51.

<sup>48</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1919, p.7, grifo meu.

<sup>49</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.159, grifo meu. Sobre a verdade da evocação, entendida como trabalho de busca por uma lembrança: “[...] uma busca específica de verdade está implicada na visão da ‘coisa’ passada, do *que* anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca de verdade específica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é no momento do reconhecimento, em que culmina o

depositário que acolhe a memória evocada e dada a ler.<sup>50</sup> Mais do que isso, é depositário fiel,<sup>51</sup> capaz de transpor para escrita um passado tal como ele foi (na visão do autor), ambição máxima do historiador. Vemos, assim, que a crônica em Achylles se coloca ao lado da memória no resgate e preservação do passado fugidio, contra a passagem do tempo que carrega em si o esquecimento. Sua escrita é, portanto, uma transposição das coisas vistas e vividas ao papel: “E assim vou, a largos e nervosos traços, escrevendo as minhas reminiscências, menos por fazer obra artística que por gozar o doce perfume do passado, trasladando para o papel as almas e as coisas vistas e vividas, que a memória encerra, como uma urna de saudades”.<sup>52</sup> O par memória (veiculada pela crônica) e história se atualiza pela escrita do autor rio-grandense no esforço e criação e manutenção de um passado regional e nacional.<sup>53</sup> Mais do que isso: a evocação que a crônica fielmente transforma em texto e visa a educação coloca o passado próximo ao vivido, à experiência do autor, e contribui, por esse meio, para romper com a exterioridade do relato histórico.<sup>54</sup>

A história, contudo, organiza os acontecimentos de tal forma que eles são agrupados, encadeados e postos em relação uns com os outros. De acordo com Hayden White, as histórias só alcançam um “efeito explicativo graças ao êxito em criar histórias de *simples* crônicas” através da operação de “urdidura de enredo”, que consiste na “codificação dos fatos contidos na crônica em forma de componentes de *tipos* específicos de estruturas de enredo [...]”.<sup>55</sup> Desta forma,

---

esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. [...] Chamemos de fidelidade essa busca da verdade”, em RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.70.

<sup>50</sup> “A ameaça da perda gera uma busca pelo passado, reforçando raízes, consagrando mitos de origens e produzindo o esforço de lembrar. Estamos, neste ponto, diante do processo da anamnese, deste trabalho voluntário de memória, que busca lutar contra o esquecimento”, PESAVENTO, S. *Op. cit.*, 2004, p.72.

<sup>51</sup> Tal como P. Ricoeur afirma ser a ambição/preensão da memória. *Op. cit.*, 2007, p.40.

<sup>52</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Serões de inverno*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1923, p.9.

<sup>53</sup> Sobre a relação da história e da memória na criação e consolidação de um passado criador de uma memória nacional ver DOSSE, François. *A história*. Bauru: EDUSC, 2003, p.275-277.

<sup>54</sup> A proximidade da memória e a exterioridade da história são relações levantadas pelo sociólogo Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p.73-74. P. Ricoeur retoma a relação para pensar de que forma a exterioridade da história progressivamente se torna familiar através do vínculo transgeracional: “Essa familiarização consiste num percurso iniciático, através dos círculos concêntricos constituídos pelo núcleo familiar, pelas camaradagens, amizades, relações sociais dos pais e, mais do que tudo, pela descoberta do passado histórico por intermédio da memória dos ancestrais”, em RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.405. Para Ricoeur, é o fenômeno da memória transgeracional que assegura a transição entre história aprendida e a memória viva. Nesse sentido, a rememoração da sua geração que Achylles dá a conhecer aos mais novos tem um caráter de familiarização da exterioridade da história pela vivido da memória. Ver também DOSSE, F. *Op. cit.*, 2003, p.280-282; DOSSE, F. *A história e as ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2004, p.169-172.

<sup>55</sup> A afirmação restritiva de H. White deve ser relativizada. A história enquanto disciplina não opera apenas no nível da representação, pensada como terceira fase da operação historiográfica. O nível documental e a produção de explicação são fatores essenciais e complementares à produção do conhecimento histórico: “Assim, será

Os acontecimentos são *convertidos* em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça.<sup>56</sup>

Essas técnicas de composição, responsáveis por transformar a história em narrativa, presentes no século 19, não fazem parte do universo da crônica, segundo H. White. Por mais que o gênero aspire à narratividade, não é capaz de alcançar o “fechamento narrativo”, pois, “mais que concluir a história, em geral [a crônica] a encerra simplesmente”, e, assim “deixa as coisas sem resolver ou, ainda, as deixa sem resolver de forma similar à história”.<sup>57</sup>

Para que uma narração de acontecimentos seja considerada ‘histórica’, seu registro não deve ser feito apenas dentro do quadro cronológico de sua ocorrência original, mas também *narrado*, isto é, dotado ‘de uma estrutura, uma ordem de significado, que não possui como mera seqüência’.<sup>58</sup>

Efetivamente, as crônicas de Achylles Porto Alegre não possuem essas características atribuídas às narrativas. Tomadas em si, uma a uma, elas não possuem uma ordem de significado para além da mera seqüência e do registro do passado a ser perpetuado e imitado.<sup>59</sup> A falta de fechamento narrativo da crônica aparece, então, como um sintoma ou indício da falta/ausência do segundo nível da operação historiográfica, na qual são articuladas

---

fortemente enfatizado o fato de que a representação no plano histórico não se limita a conferir uma roupagem verbal a um discurso cuja coerência estaria completa antes de sua entrada na literatura, mas que constitui propriamente uma operação que tem o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso histórico”, RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.248.

<sup>56</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: USP, 2001, p.100. O autor destaca, desta forma, a diferença que separa a narrativização da cronicalização: “O essencial é que a narrativização produz um significado bastante diferente do que produz a cronicalização. E o faz impondo uma forma discursiva aos acontecimentos que compreende sua própria crônica por meios de natureza poética [...]”, isto é, o código narrativo se produz de forma criativa, mais do que forma meramente intuitiva. WHITE, H. *Op. cit.*, 1992, p.61.

<sup>57</sup> WHITE, H. *Op. cit.*, 1992, p.21. Desta forma, “[...] a crônica não é uma narrativa, ainda que contenha o mesmo conjunto de fatos que seu conteúdo informativo, porque um discurso narrativo tem uma realização diferente a de uma crônica. Sem dúvida a cronologia é um código que compartilham tanto a crônica como a narrativa, mas a narrativa utiliza também outros códigos e produz um significado bastante diferente do de qualquer crônica”. *Idem, Ibidem*, p.60.

<sup>58</sup> OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.78.

<sup>59</sup> “A crítica de Capistrano [a Varnhagen] remete diretamente a algumas observações propostas no plano de escrita da história do Brasil de Martius, acerca da *forma* que esta deveria assumir para atender às exigências de uma ‘verdadeira historiografia’. Neste caso, deveriam ser excluídas as obras demasiadamente marcadas por ‘certo espírito de crônicas’. Martius aponta, então, aqueles aspectos que prejudicariam o ‘interesse da narração’ e confundiriam o entendimento do leitor: ‘um grande número de fatos e circunstâncias insignificantes, que com monotonia se repetem, e a relação minuciosa até o excesso de acontecimentos que desvaneceram sem deixarem vestígios históricos’”. OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.77.

as explicações.<sup>60</sup> A trilogia pedagógica de Achylles, porém, não pode ser analisada tomando-se as crônicas uma a uma, sob o risco de encará-las como uma dispersão de crônicas não comunicantes isoladas em sentido e função em si mesmas. Ao assim proceder, perde-se a unidade que o autor procura conceder às crônicas e às biografias e que seus prefácios procuram informar: resgatar do passado regional, ainda que (por vezes) como simples registro, acontecimentos e personagens dignos de memória, que em conjunto constituem um passado comum brasileiro e rio-grandense. Ainda que tomadas isoladamente as crônicas e as biografias tenham uma finalidade (relatar um acontecimento, narrar uma vida), quando colocadas lado a lado, sob o suporte de um livro, tomam um novo sentido capaz de auferir unidade e coerência à dispersão de textos.

Não sendo a crônica uma narrativa, como é a história (de acordo com Hayden White), nem por isso a construção do texto obedecia menos às regras de estilo. Essa aparece como uma das preocupações constantes de Achylles: “Escrevendo, entretanto, para o povo, todo meu esforço – si no correr da penna póde admittir-se esforço – assenta em eu escrever o mais claro possível dentro da maior correção”.<sup>61</sup> Na sua obra é possível, então, perceber aquilo que a literatura sobre o gênero da crônica jornalística e literária indica como uma de suas características marcantes: a linguagem simples, próxima ao coloquial, que aproxima o autor do seu leitor e cria as condições de aceitação e compreensão do texto.<sup>62</sup> Mas, apesar de Antônio Candido ver a crônica como um gênero menor ligado ao jornal, próximo do leitor por ser literatura ligeira e despreziosa, feita às pressas e sem cuidado, para o consumo diário e

---

<sup>60</sup> Michel de Certeau identifica como uma imposição da representação escriturária (enquanto terceiro nível da operação historiográfica) à prática (caracterizada por P. Ricoeur como o nível da explicação/compreensão) o fechamento. Enquanto à pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim. Assim, ela deve ser plena, pois ela “preenche ou oblitera as lacunas que constituem, ao contrário, o próprio princípio da pesquisa, sempre aguçada pela falta”, em CERTEAU, M. “A operação historiográfica”. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.65-119, p.94. Não se trata, porém, do fechamento ao qual se refere H. White, uma vez que este se refere ao fechamento narrativo, e não da pesquisa. Para H. White, “Se toda narração plenamente realizada [...] é uma espécie de alegoria, aponta a uma moral ou dota os acontecimentos, reais ou imaginários, de uma significação que não possuem como mera sequência, parece possível chegar a conclusão de que toda narrativa histórica tem como finalidade latente ou manifesta o desejo de moralizar sobre os acontecimentos dos quais trata”, em WHITE, H. *Op. cit.*, 1992, p.38.

<sup>61</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1922b, p.10.

<sup>62</sup> PESAVENTO, S. *Op. cit.*, 1997, p.32. Em relação à linguagem utilizada, era importante: “A cumplicidade construída entre o autor e o público quanto aos temas e questões a serem discutidos”, uma vez que era fundamental a construção de códigos compartilhados entre autor e público que viabilizassem a comunicação entre eles, CHALHOUB, S. *et alli* (orgs.), *Op. cit.*, 2005, p.11. A linguagem coloquial, devido a qual se estabelece “uma atmosfera de intimidade entre o leitor e o cronista” é mencionada no verbete “crônica”, em MOISÉS, Massaud & PAES, José Paulo (orgs). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987, p.130. Assim como em COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante (dir). *Op. cit.*, v.1, 2001, p.562, em que “o estilo do cronista deve tender para as formas simples e, sobretudo, para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo. Por esse modo haverá sempre possibilidade de um diálogo mais ou menos permanente entre o cronista e o leitor [...]”.

com o intuito de divertir,<sup>63</sup> para os organizadores do livro *História em cousas miúdas* a elaboração literária está presente na escrita da crônica.

Ao participar dos debates do tempo, [os cronistas] não deixavam de lado as artes de seu ofício, tratando de fazê-lo com os cuidados próprios da escrita literária. Definir um campo temático, elaborar um ponto de vista narrativo e delimitar formas próprias de escrita eram meios de o escritor esboçar um perfil para suas crônicas.<sup>64</sup>

É o que se lê em Achylles, apesar das suas afirmações sobre a escrita ligeira. Em *Paizagens mortas*, publicado em 1922, referindo-se ao trabalho do poeta, que se debruça sobre uma estrofe, afirma que “ao terminal-a, pensa que o fez num vôo ligeiro de aza na gloria do espaço luminoso”. No entanto, “Vae consultar o relógio, e verifica que gastou nisso alguns pares de horas”. Esse exemplo é comparado ao trabalho do prosador, “O mesmo acontece com o prosador, que é lapidario da forma e amoroso do estylo”.<sup>65</sup> Aqui, as afirmações de trabalho despreocupado, ligeiro e espontâneo ganham uma conotação diferente. O trabalho torna-se semelhante ao do poeta que gasta pares de horas burilando uma estrofe.<sup>66</sup> Achylles esclarece, “É que no trabalho intelectual, mais do que em qualquer outro, o tempo passa céleramente”, sugerindo uma dedicação e preocupação explícitas com a forma e o estilo.<sup>67</sup> Assim, a prolixa atuação de Achylles como letrado na virada do século encontra seu lugar no empreendimento pedagógico do autor em idade avançada.

<sup>63</sup> CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp.23-29.

<sup>64</sup> CHALHOUB, S. *et alli* (orgs.), *Op. cit.*, 2005, p.13.

<sup>65</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Paizagens mortas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p.I.

<sup>66</sup> A título comparativo, é interessante destacar a maneira como o autor caracteriza o trabalho do historiador. Na crônica “A fundação da cidade de Rio Grande”, publicada em *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*, Achylles apresenta, em nota (único texto no qual o autor se utiliza do recurso), uma controvérsia: “Ha um ponto de controversia na historia da fundação da cidade do Rio Grande. O dr. Moreira Pinto, cuja vida inteira consagrou ao estudo das cousas da nossa patria, diz que o brigadeiro Paes levara, do arraial do Estreito, moradores para fundar a povoação do Rio Grande. Contra esta affirmativa, protesta, num interessante trabalho, publicado no Almanak de 1898, o nosso illustrado patricio Alfredo Ferreira Rodrigues, que se entrega, desde ha muito, com louvavel empenho a essas penosas investigações”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1919, p.161-162, nota 2. Aqui se destaca a forma como Achylles caracteriza a pesquisa: ela se refere às coisas da pátria e é penosa, quase alheia às afirmações de uma escrita ligeira. A caracterização converge com aquela apresentada em *Através do passado*, de 1920: “A história de nossa formosa cidade tem sido bellamente e longamente traçada e mesmo retraçada por espiritos de eleição que a este glorioso e lindo trato da terra gaúcha estão ligados pelo berço ou pelo coração e que, por isso, lhe deram largas e proveitosas horas de estudo, meditação e carinhoso cuidado”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.5. O trabalho de historiador requer dedicação, erudição, reflexão, mas igualmente “cuidado”. O tratamento dos aspectos do passado envolve, então, minúcia, carinho.

<sup>67</sup> “De certa forma, esta expressão [“falta de aptidões artísticas”] sugere um preocupação corrente e explícita dos historiadores do século XIX com as questões de ‘estilo’, ou seja, com aqueles aspectos mais formais e especificamente literários da escrita da história”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.78, nota 66.

As crônicas de Achylles encaradas como gênero de fronteira,<sup>68</sup> e, desta forma, espaço de escrita da história em amálgama com as estratégias literárias de composição, foge das formas como a história tem abordado o gênero.<sup>69</sup> A referência de Achylles à crônica nos dois sentidos que a palavra assume em língua portuguesa (ou seja, crônica relato e crônica literária) não é, na minha opinião, mero acaso ou desatenção. Ao uso indiferenciado do termo, corresponde um uso concomitante da crônica como relato histórico, representação do passado portanto (na qual a figura do testemunho e da inserção da memória são os principais garantidores da verdade do relato), e da sua feição literária, ligada ao jornal, da qual Achylles (como homem de letras), pelo uso não ordinário que faz da linguagem, se vale para tornar a escrita agradável e prazerosa. Amálgama na fronteira, portanto. União da dupla intencionalidade (falar a verdade sobre o passado de maneira agradável), no texto que está no limite entre dois campos.<sup>70</sup> Mas, apesar da presença das estratégias de composição, que são a consequência da preocupação com a forma e o estilo, a crônica, tal como as biografias e as memórias presentes no projeto pedagógico do autor, diferem em relação àquilo que ele chama

---

<sup>68</sup> Como aponta Charles Monteiro, “As crônicas de Aquiles Porto Alegre se situam entre duas tradições de escrita sobre a cidade de Porto Alegre, uma tradição literária [...] e uma historiográfica [...]. Essa ambigüidade entre literatura e história de suas crônicas apresentava-se, tanto na matéria narrada, oscilando entre o relato histórico, a opinião política e a informação, quanto na forma da crítica compreendê-la e enquadrá-la no campo da literatura ou da história. [...] Entretanto, eu destacaria que tanto a prática profissional quanto a produção escrita de Aquiles Porto Alegre colocam-se num ponto de intersecção da literatura com a história. Pois, apesar de Aquiles ter tematizado o cotidiano da cidade e pretendido, às vezes, escrever a história da cidade, ele fez isso valendo-se de procedimentos literários, embora, em certos momentos, a sua preocupação com a veracidade dos fatos e as referências a outros autores aproximem-no do campo histórico”, em MONTEIRO, C. *Op. cit.*, 2001, p.36.

<sup>69</sup> Nas perspectivas mais recentes da história a abordagem tem sido variada. No livro *História em cousas miudas*, a crônica é tratada como fonte para uma história social, pois é pensada como testemunho do tempo vivido, que tem como principal marca tratar das “cousas ínfimas” do cotidiano, em CHALHOUB, S. *et alli* (orgs.), *Op. cit.*, 2005, p.9-12. Noutra perspectiva, mais preocupada com a construção da memória coletiva da cidade através da crônica, encontram-se os trabalhos de Margarida Neves, em NEVES, M. *Op. cit.*, 1992 e 2001; e Charles Monteiro, em MONTEIRO, C. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, 2004, p.81-96. Neles, as transformações do espaço urbano devido às obras de modernização, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, na virada do século 19 para o 20, são a origem de crônicas voltadas à crítica ou ao elogio do progresso, ou provocam um tom saudosista em relação à velha cidade que se perde. Do ponto de vista da “nova história cultural”, Sandra Pesavento pensa a crônica como fonte narrativa apropriada para o estudo do imaginário de uma época, uma vez que a crônica seria íntima da cultura popular, e campo preferencial de análise para recuperar as formas passadas de representação da realidade, em PESAVENTO, S. *Op. cit.*, 1997, p.34-36.

<sup>70</sup> Stephen Bann notara já em Mably, no século XVIII, a convergência entre história e literatura: “Embora esteja bem consciente de que a história é diferente do romance, ele [Mably] vê todas as vantagens em combinar as qualidades dos dois gêneros. [...] Evidentemente, para Mably, é a ‘obra de arte’, com seus efeitos prazerosos e moralmente elevados sobre o leitor, o primeiro critério pelo qual um história deve ser julgada”, em BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994, p.56-57.

de “litteratura de imaginação”.<sup>71</sup> Como vimos, nesta estaria presente a fantasia, enquanto naquelas esta característica estaria ausente.

## 2.2 “Prosa leve, mas escorreita, melodiosa”: imaginação e fidelidade na escrita

Seria justo perguntar-se, a essa altura, se a diferença entre a “litteratura de imaginação” e a prosa pedagógica de Achylles não residiria simplesmente na afirmação da fidelidade e da verdade da segunda (marcando, desta forma, a oposição entre os dois gêneros de escrita, uma vez que a primeira estaria envolta em fantasia). Esta, porém, não é a distinção estabelecida pelo autor, pois para Achylles, o literato deve também obedecer aos princípios da fidelidade.

Em 1884, Achylles publica seu livro de poesias, intitulado *Illuminuras*. Nele, ao que tudo indica, o autor procura demarcar um afastamento em relação ao paradigma romântico já a partir da epígrafe.<sup>72</sup>

Querer instituir como unica verdadeira qualquer das escolas litterarias com exclusão das outras affigura-se-nos o mesmo erro que seria, em architectura, prescrever o mesmo estylo para todos os monumentos. [//] Vastissima é a esphera da litteratura; tem por seu todo o domminio do bello; ha margem para todos os generos.<sup>73</sup>

<sup>71</sup> A passagem que dá título ao capítulo está presente no prefácio de *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*. “Nos longiquos, formosos tempos em que eu fazia *litteratura de imaginação*, perseguindo a bôrboleta azul da Esperança ou a abelha de ouro da Illusão, ainda me animavam pruridos (talvez vaidade minha) de atingir á Gloria. [...] Hoje escrevo para instruir, quanto antigamente escrevia para deleitar”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1919, p.5.

<sup>72</sup> O romantismo estava muito presente nas páginas da revista do Parthenon Litterario, periódico então recentemente retirado de circulação (1879) no qual Achylles publicou diversos poemas, além de crônicas e biografias. A defesa do ideal romântico foi perseguido principalmente por Apollinario Porto Alegre, irmão de Achylles, que publicava então sob o pseudônimo de Iriema, em LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, 2004, p.112-133. “A revista desta associação [Parthenon Litterario], além de ecoar tanto os modelos cívicos do IHGB como a memória da experiência republicana rebelde do passado da província, também tornou-se o principal meio de expressão do nacionalismo literário romântico entre os rio-grandenses”, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.343.

<sup>73</sup> Lucio de Mendonça *apud* PORTO ALEGRE, Achylles. *Illuminuras*. Porto Alegre: Typographia do Jornal do Commercio, 1884, sem página. Luiz Costa Lima também destaca o vasto alcance da literatura, devido à heterogeneidade do termo, que não possui um sentido unívoco. COSTA LIMA, L. *Op. cit.*, 2007, p.348: “[...] não se confundindo a literatura nem com a atualização do imaginário, nem com o cuidado criador com a linguagem [...], a literatura tampouco se confunde com a ficção”. Assim, “litteratura é o nome sobressalente que se reserva para os textos que não cabem nas distinções discursivas atuais”, ainda que a maior parte dos textos literários sejam formados por modalidades ficcionais. Para além da ficção, portanto, “à literatura pertencem os textos oscilantes, sem classificação discursiva absoluta”. *Idem, Ibidem*, p.382. Vê-se, no entanto, que L. Costa Lima discorda que a literatura se restrinja ao domínio do belo, definição, que para os homens de letras da época, era comum, mas que a vinculava ao universo das belas-artes, submetida, portanto, aos princípios da retórica.

O prefácio do livro enfatiza esse afastamento, uma vez que, como afirma, Achylles escreve “sem preferencias de escola” literária: “Não sei se o livro que hoje submetto ao criterio da publicidade está de inteira harmonia com a orientação que os principes das letras buscam dar à poesia moderna”.<sup>74</sup> Achylles também se desvincula do que chama de “onda do fanatismo dos que entendem que a verdade esthetica só existe n’um determinado ideal, em cujo altar vergam os joelhos e levam as offerendas da adoração”.<sup>75</sup> O escritor rio-grandense afirma que a poesia e todas as artes “deve[m] ter a mais ampla liberdade em suas manifestações”, pois “Determinar á poesia um unico objectivo, circumscrevendo-a a um circulo de ferro, é sujeitar o pensamento humano a doloroso captiveiro”.<sup>76</sup> Assim, se afirma liberto do círculo de ferro, seguindo “as tendências de sua indole”. O então poeta se pretende livre do doloroso cativo que para ele os dogmatismos dos movimentos literários representavam. Consequentemente, pensava estar livre das “verdade[s] esthetica[s]” que acompanham cada um deles.<sup>77</sup>

No entanto, a sequência do prefácio viria a delimitar a apregoada liberdade de manifestação, “A natureza, a indole, as paixões, o meio em que se vive, tudo isto influe e prepondera sobre a imaginação creadora do artista”. A seguir, ele explica.

O pintor que nasceu entre os montes cobertos de gelo, n’uma atmospha pesada de nevoeiros, não póde desenhar, *com fidelidade*, a esplendida natureza do equador que elle desconhece, inundada de luz, com a luxuriante vegetação a bracejar no azul do firmamento, como querendo avassalar os dominios do infinito.<sup>78</sup>

Logo, o gelo dos montes que cercariam o pintor influiriam e preponderariam sobre sua imaginação criadora, impossibilitando-o de desenhar fielmente uma paisagem tão avessa a sua, como a equatorial. Desta forma, procura justificar suas escolhas em relação às paisagens por ele pintadas, recorrendo (como é frequente) à metáfora do poeta como pintor.<sup>79</sup> “Assim explica-se o pendor que tive para pintar algumas paisagens da terra natalicia, as scenas intimas do lar e tudo quanto artisticamente impressionava o meu espirito”. Achylles parece assim ter optado trilhar o caminho que é fiel aos seus sentimentos e a sua inspiração,

---

<sup>74</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1884. O prefácio do livro composto por duas páginas não estão numeradas. Como vimos na introdução e no primeiro capítulo, Achylles é reconhecido como um dos primeiros poetas rio-grandenses a assimilar a “poesia moderna”, nome pelo qual era caracterizado o movimento parnasiano.

<sup>75</sup> *Idem, Ibidem*, 1884, sem página.

<sup>76</sup> *Idem, Ibidem*, sem página.

<sup>77</sup> O afastamento efetuado por Achylles Porto Alegre do paradigma romântico se dá pela aproximação com a escola parnasiana, porém não sem guardar resquícios do movimento que tão fortemente marcou a atuação literária do Parthenon.

<sup>78</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1884, sem página, grifo meu.

<sup>79</sup> “E como minhas telas são pequeninas, denominei-as – Illuminuras”, em *Idem, Ibidem*, sem página.



destacando, desta forma, a legitimidade dos seus versos enquanto expressão de sua índole, mas também da natureza, do meio em que vive e dos seus costumes: “Posso ter seguido caminho errado; mas não me arrependo: escrevi sempre como sentia, sem fazer violencia á minha inspiração”.<sup>80</sup>

O destaque dado à influência de fatores externos no trabalho criativo do poeta, como vimos, é encontrado novamente na crônica *Suggestivo*, publicada no livro *Á beira do caminho*, de 1925.

O que nos cerca e tudo o que vemos têm uma poderosissima influencia sobre o nosso delicado temperamento artistico. [//] A visinhança de um Campo Santo com as suas arvores sombrias e melancolicas a chorarem sempre, o aspecto tristonho da morada dos mortos, a solidão que alli paira e nos lembra a todo instante a idéia de além-tumulo, transformaria, completamente, de um dia para outro, o mais espiituoso chronista que vivesse a rir e a gracejar de tudo. [//] Transplantaee para o cimo de uma montanha, entre espessas brenhas, a vivenda de um poeta que tenha levado toda a sua existencia a cantar entre os muros da cidade, que elle irá, pouco a pouco, afazendo-se áquelle doce viver dos campos e dando aos seus versos uma expressiva feição bucolica. [//] *O meio dá-nos uma outra natureza*.<sup>81</sup>

Achylles acredita, portanto, na ação que o meio (caracterizado nas passagens como a paisagem, mas também as cenas íntimas do lar) realiza sobre a inspiração e o estilo do poeta. Assim, o autor permite perceber que o ideário romântico propagado pelos homens de letras da segunda metade do século 19 era ainda atuante no Rio Grande do Sul mesmo com o surgimento de outros movimentos literários.<sup>82</sup> Assim como para o movimento romântico a originalidade da literatura brasileira estava vinculada ao aproveitamento da natureza americana, pressuposto indispensável para a consecução de uma literatura nacional, se fazendo presente no texto, em Achylles, a paisagem também se faz presente, e está para além do texto, naquilo que move o estilo e a adequação da escrita do poeta ao seu entorno, fonte da

<sup>80</sup> *Idem, Ibidem*, sem página. A referência de Achylles à inspiração aparece novamente em “A dôr do pensamento”, crônica publicada em *Noites de luar*, de 1923: “Não raro, o escriptor está no melhor do seu trabalho e entra-lhe em casa um importuno, que o vae arrancar ao seu labor honrado e pacifico. [//] São idéas que se perdem, por que a producção litteraria interrompida, quando reatada não readquire mais *aquelle calor de inspiração e belleza esthetica* que porventura teria antes da interrupção. [//] Quando se escreve, os pensamentos se succedem uns aos outros atropelladamente, e com tanto mais intensidade e effeito empolgante quanto maior fôr a expontaneidade com que nascem”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1923a, p.103, grifo meu.

<sup>81</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.25, grifo meu.

<sup>82</sup> Ao analisar a crítica literária rio-grandense, Carlos Baumgarten identifica nela um acompanhamento muito próximo das tendências românticas dos principais centros culturais do Brasil. “[...] os críticos sulinos, a exemplo do que já vinha ocorrendo em nível nacional, enfatizam o aproveitamento da natureza brasileira como critério para a avaliação das obras literárias então produzidas. Nesse sentido, maior mérito tinham os textos em que era flagrante a presença da paisagem americana, contribuindo para a diferenciação e afirmação da literatura nacional”, BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p.77.

sua inspiração.<sup>83</sup> O autor seguia, então, em pelo menos um aspecto os valores literários românticos, acompanhando o ensaio crítico praticado no Rio Grande do Sul.

A valorização do local, sem dúvida um dos alicerces da crítica romântica brasileira, é encampada pelo ensaio crítico sulino. Debruçando-se sobre a realidade que conheciam, – o Rio Grande do Sul, seu homem e seu cenário – , os críticos gaúchos inscreveram a Província no âmbito das reflexões teóricas-críticas do Romantismo.<sup>84</sup>

Nesse sentido, é importante destacar que Achylles considera a série pedagógica, e portanto as crônicas e as biografias, um gênero de literatura, como fica claro na *Nota final*, do livro *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*, no qual o autor, falando de livros dedicados à educação, afirma que “Não abundam os livros deste genero de litteratura”.<sup>85</sup> Assim se percebe que a concepção de literatura que orienta Achylles está muito próxima daquela apontada por Baumgarten como característica do ensaio crítico rio-grandense do final do século 19, de caráter amplo, “abarcando praticamente toda a produção das chamadas ciências humanas”.<sup>86</sup> A extensão da literatura também é apontada por Luiz Costa Lima ao analisar a crítica acerca de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

<sup>83</sup> “[...] a questão da originalidade aparece vinculada a um tópico que considera a literatura como expressão do clima e dos costumes”. BAUMGARTEN, C. *Op. cit.*, 1997, p.80. Pode-se objetar que a influência do meio no trabalho do artista é decorrente do movimento naturalista no Brasil, que aparece em território nacional a partir de 1850. Entretanto, essa corrente literária carrega em si uma visão cientificista da ação da natureza sobre o homem, baseada em “métodos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e personagens”. Para o movimento, “[...] o escritor deveria adotar o método do cientista, no estudo e apresentação do ‘homem natural’, sujeito a leis físicas, químicas e biológicas” numa visão determinista da natureza e do meio, em COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante (dir). *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Globo Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, v.2, 2001, p.1137, verbete Naturalismo. Para o Romantismo, a noção de natureza carrega também o potencial de agir/atuar sobre o escritor, mas não ao nível de uma determinação, e sim da inspiração: “Pela ênfase dada à inspiração, como guia supremo da criação literária, o Romantismo estabeleceu um padrão que [...] se entronizou em norma estético-literária que dominaria grande parte de nossa atividade literária”. O movimento romântico brasileiro se dirige, então, para fontes de inspiração nacional e local, valorizando a “cor local” e o pitoresco, “procurando, em virtude do princípio relativista de que o *homem varia conforme os tempos e lugares*, captar a sua verdade na diversidade exterior e interior – costumes, sentimentos, linguagem – que o tornam típico”. Desenvolve-se então um “*estado de comunhão ou correspondência*” entre a paisagem e o estado de alma dos escritores, pois é a regra romântica do relativismo que ressalta a adaptação à situação local, em COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante (dir). *Op. cit.*, v.2, 2001, p.1398-1405, verbete Romantismo, grifos meus. Ao meu ver, o caso de Achylles está mais próximo da inspiração da paisagem, como ele mesmo afirma, que à determinação da natureza, oriunda do Naturalismo.

<sup>84</sup> BAUMGARTEN, C. *Op. cit.*, 1997, p.87.

<sup>85</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1919, p.205. A concepção de história como gênero literário foi notada também por Luciana Boeira: “Assim, a história do período não foi somente uma fonte fecunda de inspiração, mas também um gênero literário. Como os literatos, os historiadores seguiram modelos e formaram escolas. Como os pintores, quiseram eles obter a ‘cor local’ e, como os poetas, criaram imagens e lendas”, em BOEIRA, Luciana. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.16.

<sup>86</sup> BAUMGARTEN, C. *Op. cit.*, 1997, p. 88. “[...] o conceito de literatura, em circulação no Rio Grande do Sul, diz respeito ao conjunto da produção das ciências humanas e, nessa medida, reproduz um fato corrente no ensaio crítico brasileiro do século XIX [...]”. *Idem, Ibidem*, p.93.

Pelo visto, entre nós, ainda no final no século XIX e durante grande parte do XX, não se havia assimilado muito bem por que história e ficção pertenciam a campos diversos. Ao contrário, tornando literatura e ficção equivalentes, era mais fácil manter a convergência entre história e literatura. Para tanto, era suficiente que o historiador fosse capaz de atualizar o potencial da língua em construções incomuns da linguagem. Esse potencial, na verdade, já não era definido puramente por um critério retórico – o uso rico da língua –, mas por sua combinação com a força emotiva.<sup>87</sup>

Sendo assim, em Achylles o relato de representação do passado e a “litteratura de imaginação” são, nessa perspectiva, gêneros literários que, ligados ao ideal romântico, procuram inspiração na paisagem local e nos costumes, aos quais os textos devem se adequar com vistas à persuadir o leitor de que compartilhavam um passado comum.<sup>88</sup> Essa atenção com a adequação entre escrita e inspiração (paisagem/costumes) apontam para uma efetiva preocupação com a fidelidade da escrita, presente, como se vê, em ambos os campos de atuação do autor rio-grandense, o histórico e o literário/poético.<sup>89</sup> Para isto contribui o fato de que neste período, tanto a história quanto a literatura voltavam a sua atenção para o estudo, construção e divulgação da identidade nacional.<sup>90</sup> De acordo com Alexandre Lazzari, a forma como os rio-grandenses das últimas décadas do século 19 e das primeiras do século 20 pensaram a relação de pertencimento ao Brasil está ligada a um dos diversos modos como a nação foi retratada:

Este modo é o do paradigma historiográfico e literário que representa uma nação formada pela diversidade e vigor de suas raças e regiões, onde a integração do homem à natureza local produziu histórias, tipos humanos e

<sup>87</sup> COSTA LIMA, L. *Op. cit.*, 2006, p.381.

<sup>88</sup> “Ora, dentro do projeto romântico, a literatura seria a manifestação privilegiada para a constituição desse patrimônio a ser partilhado no qual se projetaria uma imagem sem rasuras da nação, capaz de neutralizar todos os impasses na integração dos respectivos súditos em uma consciência ‘nacional’”, em OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História). PPG em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009, p.132.

<sup>89</sup> Numa crônica publicada em *Através do passado*, Achylles comenta um fato ocorrido durante um concurso no qual a prova escrita de português consistia em descrever uma fábrica de tecidos. “Só se pôde escrever bem sobre um assumpto, quando se tem pleno conhecimento do mesmo”, pois “Quanto mais singelo o assumpto, quanto mais vulgar, tanto melhor para se poder verificar o merecimento de uma prova escripta, por isso na simplicidade reside não raro a belleza das coisas”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.96. Isso nos leva a compreender como o autor entende beleza: estilo simples; mas, mais importante, reforça a noção de a escrita é melhor quando se verifica a adequação entre o assunto/tema e o escritor.

<sup>90</sup> Luciana Boeira nota que, no século 19, “Ao mesmo tempo em que os romances foram adquirindo um sentido instrutivo, com necessidades de darem “lições de história”, as revistas [literárias] e seus narradores serviam como manual histórico e instrutivo”, em BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.14. Da mesma forma, A. Lazzari afirma que o empreendimento do Parthenon Litterario estava orientado para a consecução de uma literatura cujo “[...] o desafio maior para aqueles jovens professores e funcionários públicos deveria ser inspirarem-se na história, costumes e crenças ‘autênticas’ e ‘originais’ do Rio Grande para inventar uma literatura que acrescentasse as peculiaridades da província de São Pedro à própria originalidade do ‘caráter nacional’ brasileiro como um todo”, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.95.

costumes singulares que se costuram para formar o todo da experiência brasileira.<sup>91</sup>

A recorrência de Achylles Porto Alegre à metáfora do escritor como pintor tem, nesse contexto, uma significação importante. Ela remete à noção de *cor local*, recurso narrativo derivado da arte pictórica do século 18, que tem sua origem no romantismo, e que alude a necessidade do uso das cores próprias ao objeto descrito/narrado.<sup>92</sup> Quando usada pelos historiadores, a noção se refere à questão da veracidade do texto histórico, “A idéia geral é a de que os quadros históricos devem ser *pintados* com as verdadeiras cores do passado”. A vida e a realidade retratada devem ser fielmente reproduzidas. O artista se atribui dons de observador ilimitados, capazes de apreender a realidade em toda sua multiplicidade. A linguagem não é um obstáculo para ele, que é capaz de transcrever tudo o que viu.<sup>93</sup>

Achylles conheceu a noção e a empregou em ocasião do texto que relata alguns aspectos do passado da cidade de Porto Alegre: “Embora sempre se possam dizer coisas novas sobre velhos temas, em historia, que é o nosso caso, não se pôde desprezar o que já está escripto com côr local e a tintas vivas”.<sup>94</sup> O que segue é a citação longa (que ocupa três páginas) de um trecho da obra do Dr. Sebastião Leão, “um amoroso e paciente investigador das nossas coisas antigas”, sobre a chegada dos casais açorianos. A citação de Sebastião é descritiva, enumerativa, na qual o autor lista as famílias recém chegadas, seus sobrenomes, a procedência, o local de instalação e o destino nos primeiros anos de ocupação. É importante ressaltar o fato de Achylles caracterizar essa narrativa áspera como escrita em cor local, uma vez que nela a ênfase é dada à descrição pormenorizada do assentamento das famílias açorianas. O uso da noção de cor local, contudo, remete também ao uso criativo da linguagem, no qual as figuras retóricas são parte importante na produção de um texto que possa ser admirado pelo seu valor estético. Logo, o conceito proporciona uma abertura da escrita à imaginação, e também agrega ao texto valor poético, servindo “como uma das

<sup>91</sup> LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.19. Da mesma forma, M. da Glória Oliveira destaca que a identificação dos caracteres genuinamente nacionais “chega-se ao padrão historiográfico que circunscreverá o valor da literatura por sua utilidade para o Estado e como instrumento destinado à pedagogia cívica dos seus súditos [do Império]”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.122.

<sup>92</sup> CEZAR, Temístocles. “Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX”. *História UNISINOS*, vol.8, n. 10, julho-dezembro, 2004a, p.11-34, p.20. Para M. da Glória Oliveira, “A preocupação com a forma com que a exposição histórica deveria ser arquitetada levaria Barante e outros historiadores do Oitocentos a buscarem na pintura e no romance, modelos para a reprodução da *cor local*. Esse será o recurso e o instrumento com que se tentará imprimir as marcas da verdade e da vida ‘fielmente reproduzida’ na narrativa histórica”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.49.

<sup>93</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2004a, p.20-21.

<sup>94</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.13.

premissas da organização da narrativa”.<sup>95</sup> Portanto, após a rígida descrição de Sebastião Leão, na qual se destacam a precisão das informações, Achylles irá acrescentar um toque estético ao texto.

São estes os prodromos da fundação de Porto Alegre. Choupanas de taquaras, ripas, barro, e colmo, erguendo-se aqui e ali, na pressa do colono em construir o seu abrigo. Era o duro trabalho do machado, fazendo derrubadas e da enxada e do fogo, cavando e aplainando o terreno para o começo de um mundo e o principio de muitas grandes vidas. Era a lucta do ser inteligente com a natureza viva mas inconsciente. Era o esforço da esperança abrindo as portas para o futuro. E, rapidamente, Porto Alegre floresceu, quasi como um milagre.<sup>96</sup>

Assim, o uso da imaginação e do trabalho sobre a linguagem como instrumento para captar a atenção do leitor, Achylles, tal como os historiadores do século 19, encontra na cor local “um meio de cativar seus leitores através de uma história que seja verdadeira e agradável de ler”.<sup>97</sup>

No entanto, deve-se ressaltar a diferença entre o estilo e a cor local.<sup>98</sup> O primeiro, assim como a imaginação, é uma dimensão subjetiva da atividade do historiador. Ele não é uma característica do historiador, mas do escritor. O estilo pertence ao caráter e ao indivíduo, e não é, portanto, uma característica atribuída à disciplina ou às suas escolas.<sup>99</sup> “[...] é preciso que o historiador escreva de *maneira mais facil e mais propria de exprimir os seus pensamentos, as suas ideias, e os seus sentimentos*”, sendo o estilo dividido em uma parte material (“*as regras da linguagem, a sua feitura, e as suas necessidades*”) e outra subjetiva (que depende da inspiração, e é “o segredo da intelligencia, e o mysterio do escriptor”).<sup>100</sup> Segundo Peter Gay, contudo, o estilo é ao mesmo tempo forma e conteúdo, “[...] a maneira se encontra indissolavelmente ligada à matéria; o estilo molda e é por sua vez moldado pelo conteúdo”.<sup>101</sup> Desta forma, as seleções operadas por Achylles na escolha dos conteúdos da

<sup>95</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2004a, p.23. O uso da noção de cor local por Achylles reflete o caráter incipiente do processo de disciplinarização da história, algo que é percebido na historiografia da primeira metade do século 19, como destaca Temístocles Cezar: “A *cor local* é apenas um dos recursos narrativos da história, sobretudo na primeira metade do século XIX, daqueles historiadores para quem a história ainda não está plenamente divorciada da sua dimensão literária, artística ou filosófica, ou seja, no momento em que a história não era ainda uma disciplina científica ou apenas ‘conhecimento sobre ela mesma’, como dizia Droysen”, em CEZAR, T. *Op. cit.*, 2004a, p.23-24.

<sup>96</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.16-17.

<sup>97</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2004a, p.23-24. Ver, do mesmo autor, “Livros de Plutarco: biografia e escrita da historia no Brasil do século XIX”. *Métis*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 73-94, jan./jun. 2003, p.79.

<sup>98</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003.

<sup>99</sup> *Idem, Ibidem*, p.80.

<sup>100</sup> Pereira da Silva *apud* CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.80.

<sup>101</sup> GAY, Peter. *O estilo na história*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.17. Ainda segundo P. Gay, a partir do estudo do estilo o historiador é capaz de colher indícios válidos sobre o

sua escrita são, ao mesmo tempo, condicionantes da escrita e retrabalhadas por ela, pelo uso criativo da linguagem.

Para além da dimensão criativa que o uso da cor local pressupõe, existe ainda o aspecto da verdade e da fidelidade do relato que o texto deve veicular. A importância atribuída à verdade no relato do passado está presente das crônicas e biografias de Achylles, que ora a sustenta pela afirmação do caráter testemunhal do relato, ora sobre as diversas menções às fontes das quais se utiliza. Uma das suas crônicas, publicadas em *Á beira do caminho*, de 1925, intitulada *Palavras ôcas*, traz algumas reflexões de Achylles sobre a expressão da verdade. Nela, Achylles apresenta sua crítica ao livro do Dr. Fabio de Barros, detendo-se, sobretudo, no prefácio da obra analisada, *Pagina que explica o livro*. Nelas o Dr. Fabio afirma:

Isto posto, informo-te, leitor amigo, que o espirito do chronista é como um espelho a reflectir gestos e attitudes do mundo onde vive. [//] ‘As cousas reproduzidas nada accrescento de meu, como, do seu, nada ajunta o espelho ás suas imagens. Dou-as taes quaes as vi ou taes quaes se confirmaram em minha retina. Nem, siquer, intrometti, nos escriptos que vão adiante, conceitos ou comentarios propios, e, ainda os que mais pareçam mareados por um sello pessoal, reuñem fielmente opiniões já de outros formuladas, senão expressas’.<sup>102</sup>

Achylles credita ao Dr. Fabio de Barros uma “especie de receio” em “attenuar a responsabilidade que lhe possa caber” pelos comentários redigidos acerca da sociedade da época.<sup>103</sup> Vale mencionar a transparência que o cronista é capaz de imprimir à linguagem, segundo o autor, tornando possível a sua anulação enquanto intermediário, descrevendo as coisas tais quais as viu, demonstrando, assim, que não só Achylles comungava da ideia de ser o escritor capaz de transformar a realidade em texto sem prejuízos ou perdas de sentido,

---

passado, fornecendo informações sobre a cultura do escritor. “Em parte idiossincráticos e em parte convencionas, em parte escolhidos e em parte impostos por pressões inconscientes, profissionais ou políticas, os recursos do estilo literário são igualmente instrutivos, nem sempre pelas respostas conclusivas que dêem, mas pelas questões fecundas que levantam acerca das intenções centrais e interpretações gerais do historiador, o estado em que se encontra sua arte, as crenças essenciais de sua cultura – e, quiçá, os vislumbres que capta seu objeto”. *Idem, Ibidem*, p.20-21.

<sup>102</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.54.

<sup>103</sup> Em *Serões de inverno*, de 1923, Achylles afirma, no prefácio, que ele também se preocupa com as “verdades amargas” que se encontram nas suas crônicas. Seu livro “É uma obra simples e honesta, e toda a vez que fui forçado a dizer algumas coisas verdadeiras um tanto amargas, revesti o pensamento de forma delicada e estylo cauteloso, em que a acrimonia da phrase mantem o recato que, na rua como nas salas, é o distinctivo das pessoas bem educadas, com habitos de sociedade”, PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1923, p.9-10. A verdade, no entanto, vem envolta pela cautela do estylo e a delicadeza da forma, virtudes distinctivas de um intelectual bem afeito aos hábitos sociais.

significado e conteúdo.<sup>104</sup> Apesar disso, Achylles discorda em pelo menos um ponto do cronista a quem faz a crítica:

Repito, não penetro no sentido exacto desta ‘Pagina que explica o livro’, porquanto tenha para mim que o escriptor só reproduz o que sente e se conforma com o seu ‘eu’, e, portanto, afirma, ou o que aberra da sua essencia moral ou cultural, e, neste caso, refuta ou nega.<sup>105</sup>

Achylles afirma, desta forma, que prevalece, no trabalho do cronista, a responsabilidade em seleccionar e reproduzir somente aquilo que se conforma com a sua “essência moral ou cultural”, ou seja, aquilo que é adequado reproduzir e dar a ler à sociedade, fazer perpetuar através da escrita.

Depois de repetir a frase do Dr. Fabio de Barros, que compara o cronista com o espelho (“[...] o espirito do chronista é como um espelho a reflectir gestos e attitudes do mundo onde vive”), Achylles complementa: “Ora, sendo assim, ao invéz de quebrar-se o espelho que os reflecte – corrijam-se ou evitem-se os gestos e attitudes que não podem ser reflectidos e vistos pelos olhos de todo o mundo”.<sup>106</sup> Para ele, o escritor deve refletir como espelho somente aquilo que deve ser visto e imitado pela sociedade que ele deseja produzir, numa clara acepção do intelectual como guia ou educador. Essa passagem mostra que o objeto do escritor é uma seleção operada na realidade com vistas a um projeto de sociedade, tal como foram os escritos publicados na série pedagógica de Achylles, o que, segundo A. Lazzari, está de acordo com o ideal de escritor romântico, presente entre os partenonistas, de que o literato paira em uma esfera superior a qual corresponde uma missão civilizadora.<sup>107</sup>

Assim, através da noção de cor local vemos interagir em Achylles imaginação e fidelidade, a primeira como recurso criativo da linguagem, a última ligada tanto ao passado

---

<sup>104</sup> O prefácio de *Paizagens mortas* também faz alusão à verdade das cores do passado: “Eu evóco sitios, que já não são actualmente como o eram e como eu agora os pinto, com côres singelas, é certo, mas com verdade absoluta”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1922, p.III. A verdade, pois, da sua narrativa, não é verificada fora do discurso, pelo contrário. É por ele, através de uma pintura de cores singelas, que se chega a verdade absoluta. A validade do discurso do cronista que viveu numa paisagem que não existe mais, e portanto não pode ser verificada tal como ele a narra, é garantida exatamente pelo fato de que quem a expõe a vivenciou.

<sup>105</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1925a, p.54-55.

<sup>106</sup> *Idem, Ibidem*, p.55.

<sup>107</sup> LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p. 91. A análise de N. Sevcenko das obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto aponta que, mesmo no período republicano a missão do literato era ainda encarada como atividade de ação sobre a sociedade, sua condução, mais precisamente: “Dos textos de ambos o que sobressai, portanto, é uma concepção de literatura e da atividade intelectual em que se apagam as fronteiras tradicionais entre o homem de letras e o homem de ação, entre escritor profissional e o homem público, e entre o artista e a sua comunidade. Assim metamorfoseados em escritos-cidadãos, esses autores despontavam para um dupla ação tutelar: sobre o Estado e sobre a nação”, em SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.283. Ver igualmente BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.91, onde a autora identifica o ímpeto pedagógico do Parthenon Litterario.

quanto ao meio, à paisagem. A premissa de que também a literatura de imaginação seja fiel (à sua maneira) à inspiração, à paisagem, aos costumes e ao meio a coloca no mesmo plano de sujeição da escrita ao referente. O que poderia então fazer operacional a distinção marcada pelo autor entre a série pedagógica e a literatura de imaginação? A resposta talvez possa ser esboçada recorrendo a P. Ricoeur na tentativa por ele empreendida em diferenciar a lembrança da fantasia. Segundo Ricoeur, o enigma da presença em imagem da ausência é um aspecto comum tanto à fantasia quanto à memória, pois ambas são capazes de visualizar (tornar presentes) imagens que não estão lá. É, contudo, a marca de anterioridade da memória que a separa da fantasia,<sup>108</sup> “Com a memória, ao contrário da fantasia, a marca do antes e do depois é depositada sobre a coisa evocada”.<sup>109</sup> Sendo assim, ainda que a receita da fidelidade seja prescrita a ambas escritas, a marca do passado da série pedagógica é seu caráter distintivo, de forma que o uso da imaginação como recurso criativo não é suficiente para lhe apagar a anterioridade.

No entanto, se a lembrança é uma imagem, como não confundi-la com a fantasia? P. Ricoeur então propõe, no limite do empreendimento que da memória conduzirá à história, “um ato de confiança na experiência do reconhecimento”. À imagem-lembrança somos capazes de reconhecer como do passado, e não temos nada melhor que nos assegure sobre sua fidelidade a não ser o sentimento de adequação entre imagem evocada e a coisa lembrada. Transpondo a reflexão para o objeto de análise, vê-se que a série pedagógica de Achylles se diferencia da literatura de imaginação também pela confiabilidade que a memória e o testemunho demandam, que está na origem do pacto de leitura firmado com o leitor. A representação do passado e a fantasia se distinguem, assim, “pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e o leitor. Embora não formulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor”.<sup>110</sup>

Diferentemente do pacto entre um autor e um leitor de ficção que se baseia na dupla convenção de suspender a expectativa de qualquer descrição de um real extralingüístico e, em contrapartida, reter o interesse do leitor, o autor e o leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos, encadeamentos, personagens que existiram realmente

---

<sup>108</sup> RICOEUR, P. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé”. *Annales HSS*, julho-agosto 2000, n. 4, p.731-747, p.732: “Essa duplicação entre a memória propriamente dita e a reminiscência, entre a simples presença de uma lembrança ao espírito na sua evocação espontânea, e sua busca mais ou menos trabalhosa e bem sucedida, ofecere a oportunidade de apontar a marca da anterioridade [...] da coisa passada [...]. Mais fortemente: nos lembramos ‘sem as coisas’, mas ‘com o tempo’”.

<sup>109</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>110</sup> *Idem, Op. cit.*, 2007, p.274.



anteriormente, isto é, antes que tenham sido relatados, o interesse ou o prazer de leitura resultando como que por acréscimo.<sup>111</sup>

A literatura de imaginação, com a qual colabora a fantasia (o que a aproxima do relato ficcional, mas nele não se encerra, como vimos), mesmo fiel não produz sobre o leitor a mesma demanda que a confiabilidade da memória e do testemunho que estão na base do empreendimento de representação do passado que a série pedagógica representa. As crônicas, mas também as biografias e as memórias, são, portanto, diferentes da literatura de imaginação pela marca da anterioridade e pela confiança exigida de que ali, para além da fidelidade como adequação, está a fidelidade para com o passado, ou seja, que aquilo que vai escrito são as coisas tais como aconteceram, um espelho da realidade, como acreditava Achylles Porto Alegre.

---

<sup>111</sup> *Idem, Ibidem*, p.289.

## Capítulo 3

### **“Belos exemplos dignos de serem imitados”: biografia e as marcas temporais da escrita**

Apesar de não haver publicado nenhum texto específico sobre o assunto, o conceito de história em Achylles Porto Alegre se desvela ao longo da leitura de sua obra. São nas biografias e nas crônicas do autor que encontramos reflexões que permitem compreender não só a função que ele delega a sua escrita, mas igualmente como ele concebe a disciplina histórica. Vê-se então o passado articulado em torno de personagens que são selecionados e têm suas vidas narradas pelo caráter modelar que o autor nelas identifica. Essas vidas exemplares encadeiam uma noção de história ligada a um profundo enraizamento na tradição como repertório moral dos modos de ser e agir do homem. O que se lê, no entanto, é uma acumulação de temporalidades a primeira vista díspares que perpassam a todo o momento sua escrita: para além do exemplo, o tempo linear do progresso e o tempo da memória. Todos coabitam uma escrita, que, apesar de caótica, procura organizar a experiência do tempo de um homem de letras criado na tradição da história mestra da vida no século 19, que é confrontado pelas transformações que o progresso, como realidade empírica e discursiva, impõe.

#### **3.1 “[...] varões dignos de Plutarcho”: a biografia e a escrita da história**

As primeiras amostras da prática da escrita biográfica em Achylles apareceram no período em que ele ocupava as fileiras da *Sociedade Parthenon Litterario*. Na revista do *Parthenon*, Achylles deu início à publicação daquele que, na velhice, seria o gênero mais recorrente do seu trabalho, ao lado da crônica.

As biografias de “homens illustres” que Achylles escreveu e publicou nos livros dedicados à educação cívica das novas gerações do Rio Grande do Sul possuem uma centralidade fundamental na compreensão da sua escrita da história uma vez que é no fazer biográfico que o autor evidencia sua visão da exemplaridade do passado. Para entender esses textos biográficos escritos por Achylles proponho, em primeiro lugar, uma breve retomada das discussões atuais sobre o “retorno” (dentre uma série de outros retornos) da biografia como gênero histórico. Feito isso, volto minha atenção para a prática biográfica no século 19

no panorama nacional, na qual Achylles foi iniciado e da qual será um propagador na primeira vintena de anos do século 20. Depois de analisar de que forma os exemplos de personagens que encarnam virtudes são relatados para servirem de modelos do ser rio-grandense no seio da nação, caracterizarei os textos biográficos publicados por Achylles na sua trilogia pedagógica, situados eles também na fronteira entre a história e a literatura.

\*\*\*

A partir da década de 1980, com a crise do paradigma estruturalista, a história vivencia uma série de retomadas de perspectivas relegadas às margens da disciplina durante a vigência da chamada história social influenciada pelo grupo de historiadores ligados ao projeto dos *Annales*. É nessa conjuntura historiográfica que se assinala a volta da história política, das preocupações com a narrativa, do papel da ação do sujeito face à sociedade, e, dentre elas, o “retorno” da biografia.

Essas retomadas de perspectivas de análise até então não predominantes no campo da história são encaradas pelos seus proponentes não como um retorno de práticas historiográficas estigmatizadas desde a década de 1930 (estigma para qual muito contribuíram os fundadores dos *Annales*), sob as alcunhas de “história tradicional”, “história positivista” ou ainda “escola metódica”. É reivindicada uma profunda renovação de cada um desses campos em nome de uma “nova” abordagem, com “novos” olhares sobre “novos” objetos de pesquisa. Seus “retornos” são, portanto, relativos, já que se procura romper em grande medida com suas práticas “tradicionais”, suas heranças. Trata-se, sobretudo, de uma abordagem que problematiza o passado.

Dentre esses “retornos”, pretendo destacar brevemente aqui o que trata da biografia. Os historiadores apontam para uma efetiva renovação do gênero, relativa às temáticas abordadas e também às concepções teóricas e metodológicas que as orientam.<sup>1</sup> Diferentemente da “biografia tradicional” que é caracterizada como ligada a um modelo de história eminentemente político-militar, que se caracteriza pela apologia ao biografado e pela enumeração cronológica dos fatos,<sup>2</sup> a renovação do gênero está inserida em um processo de transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina.<sup>3</sup> Assim como os demais

<sup>1</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografias históricas: o que há de novo?”. In: SEBRIAN, Raphael; FERREIRA, Ricardo; ANHEZINI, Karina; PIRES, Ariel. (orgs.). *Leituras do Passado*. Campinas: Pontes, 2009, p.73-82, p.74.

<sup>2</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema”. In: \_\_\_\_\_ (org). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p.49.

<sup>3</sup> *Idem, Ibidem*, p.51.

“ressurgimentos” desse período, a biografia incorpora às suas reflexões a preocupação com a narrativa e o texto que dão forma a uma vida e também com a exigência de uma problemática (um problema) de pesquisa.<sup>4</sup> Outra característica apontada é a incorporação de novos sujeitos biografáveis (não só elite política, social e cultural), que acompanha a ampliação do campo dos atores históricos (a chamada “história vista de baixo”).<sup>5</sup> Significativa também é a compreensão de que a biografia não pode instaurar a unicidade e a continuidade de um indivíduo que é, antes de tudo, fragmentado em diferentes identidades que se confundem e sobrepõem não só ao longo de uma trajetória, mas também na vida cotidiana. A tentativa de imprimir continuidade e sentido para uma vida não passa, segundo essa perspectiva, de uma ilusão.<sup>6</sup>

Esse é um panorama contemporâneo do debate acerca do gênero. A biografia, contudo, é uma escrita mutável no tempo e sua prática se modifica de acordo com o grau de proximidade com a história.<sup>7</sup> Já no final do século 19, no período em que a história se constituía como disciplina autônoma e com pretensões científicas tanto no Brasil quanto na França, a biografia caiu em desuso pelos historiadores que passaram a considerá-la “um gênero menor, mais próximo do anedótico e do antiquarismo dos amadores”.<sup>8</sup> Diferente é a prática desse gênero de escrita de um intelectual formado no século 19 numa distante província do Império brasileiro. Para Achylles Porto Alegre a relação entre história e biografia ainda era muito próxima.

Achylles opera sua narração de vidas sob o signo do que os historiadores contemporâneos caracterizam como “tradicional”.<sup>9</sup> No entanto, é preciso ir além dessa caracterização apressada e compreender o gênero biográfico numa conjuntura intelectual em

<sup>4</sup> SCHMIDT, B. *Op. cit.*, 2009, p.75.

<sup>5</sup> *Idem, Ibidem*, p.76-7.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.

<sup>7</sup> “As relações entre biografia e história têm, portanto, uma historicidade que se caracteriza por distanciamentos, mas também por aproximações, por trocas e contribuições mútuas”, em CEZAR, Temístocles. “Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX”. *Métis*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p.73-94, jan./jun. 2003, p.73. No trabalho de M. da Glória Oliveira, as biografias são pensadas como “modos de elaboração da experiência do passado, integrados ao processo mais amplo de constituição de um regime de escrita da história no Brasil oitocentista. Nessa perspectiva, história e biografia não devem ser tomadas como gêneros puros ou inalteráveis em suas disposições, mas como formas discursivas historicamente condicionadas por diferentes práticas e tradições letradas”, em OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Tese (Doutorado em História). PPG em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009, p.26-27.

<sup>8</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Biografia e regimes de historicidade”. *Métis*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p.57-72, jan./jun. 2003, p.61.

<sup>9</sup> A biografia tradicional é caracterizada na maioria das vezes como superficial, anedótica, meramente cronológica e que dá particular atenção aos grandes homens.

que ocorria a disciplinarização da prática historiadora em torno de um objetivo, e como, a partir da narração de uma vida, igualmente se narra o passado. Assim, deve-se considerar que, no século 19, biografia e história estavam relacionadas na tarefa de escrever a história da nação.<sup>10</sup> No século da história, a disciplina se volta para as civilizações, ao progresso da nação, ao povo, às instituições. O biografado aparece como a encarnação do povo, da nação. O indivíduo é aquele que representa algo maior que ele. As biografias passam a falar dos grandes homens da nação, ao final do século 19, e fazem parte do processo de construção do panteão nacional. O personagem cuja vida é narrada é aquele responsável por escrever uma gloriosa página da biografia da nação. A centralidade concedida à figura dos grandes personagens é um traço marcante da historiografia no século 19, que se dá em detrimento da apreensão dos processos históricos gerais.<sup>11</sup>

Ao abordar o projeto biográfico proposto por Januário da Cunha Barbosa, em 1839, no IHGB e sua relativa efetivação nas páginas da revista do instituto na primeira metade do século 19, Temístocles Cezar afirma que

[...] esta primeira organização biográfica integra-se à escrita da história do Brasil. Ela auxilia na criação de uma ordem do tempo, o tempo da nação, e na definição de um espaço de atuação: o território brasileiro. Nem um nem outro, contudo, estavam totalmente constituídos. Biografia e história fazem parte, portanto, de um mesmo plano nacional”.<sup>12</sup>

É preciso levar em consideração que essa afirmativa se refere a meados do século 19 no Brasil. Contudo, é possível considerá-la válida para o *Parthenon Litterario*, instituição literária rio-grandense fundada em 1868 e comprometida com a escrita da história na esfera regional.<sup>13</sup> Se considerarmos, como proponho, que a formação de Achylles como homem de

<sup>10</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.74. Temístocles Cezar enumera ainda como objetivo comum da história e da biografia a busca por “marcas de cientificidade”, o que não se aplica ao caso de Achylles. O autor, que não possuía formação superior, foi pouco afeito às teorias cientificistas em voga na época, tais como o positivismo, spencerianismo ou as teorias de Hippolyte Taine (apesar de algumas menções ao longo da obra darem mostra de que as conhecia).

<sup>11</sup> OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.119.

<sup>12</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.75. Da mesma forma Angela de Castro Gomes concorda que “A história, desde o século XIX, foi postulada como uma disciplina-chave para a ‘invenção/imaginação’ de identidades nacionais, o que então se fazia pela produção de memórias de grandes homens e fatos, inscrevendo-as nos currículos escolares”, em GOMES, Angela de Castro. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p.61.

<sup>13</sup> Em sua análise do processo que chamou de panteonização da história rio-grandense, Luciana Boeira afirma que “Fazia-se necessário, dessa maneira, mostrar ao país quem eram essas valorosas figuras defensoras das fronteiras meridionais do Império. Foi assim que o Instituto regional, buscando inspiração no próprio IHGB, teve a idéia de publicar em sua revista biografias de homens ilustres. Na associação matriz, a publicação de biografias dos notáveis do Império, além de contribuir para a gênese de uma galeria de heróis, tão cara a um Estado nacional em formação, era uma maneira de fornecer às gerações futuras os exemplos de grandeza moral e heróica provenientes do passado, o que permitiria à história cumprir seu papel pragmático, pois, no IHGB, a

letras se dá nessa agremiação, não causa estranhamento verificar a validade dessa conjugação da história e da biografia ainda nas primeiras décadas do século 20 em suas obras.<sup>14</sup>

Portanto, é o sentimento de patriotismo que leva o cronista a oferecer ao público seus retratos que se juntariam à tarefa de compor uma história nacional pela valorização do elemento regional: “Quanto mais nos adiantamos nesta patriótica tarefa de trazer, da sombra, para a luz da história, os homens da nossa terra, que não devem ficar no olvido, mais nos convencemos de que o Rio Grande do Sul é um riquíssimo minereio de caracteres e corações”.<sup>15</sup> Sua escrita biográfica opera sob o signo da memória na luta contra o esquecimento. Como Achylles afirma, seu trabalho procura dar mostras de homens do passado para que eles sirvam de exemplo para as novas gerações de rio-grandenses. Essa prática de escrita e representação se liga àquilo Temístocles chamou de *retórica da nacionalidade*.<sup>16</sup>

Um discurso persuasivo, portanto, de construção da nação e do sentimento de pertencimento a uma comunidade pela partilha de um passado em comum.

O Rio Grande do Sul, que o verbo quente e arrebatador de Barbosa Lima chamou um dia, a ‘Jerusalem dos eleitos’, oferece, realmente, uma soberba galeria de homens illustres em todos os infinitos e complexos ramos da actividade humana. [...] Physica, moral e intellectualmente, a terra gaúcha póde orgulhar-se de ter tido e ter filhos de incomparavel valor.<sup>17</sup>

Um passado que se constrói, como se vê, em torno das personagens que compõem as narrativas históricas. Como na biografia do general Menna Barreto, comandante das tropas

---

história era mestra da vida”, em BOEIRA, Luciana. 2009. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.18-19.

<sup>14</sup> Nesse sentido é importante destacar o levantamento realizado por Alexandre Lazzari a respeito da publicação de biografias nas páginas da revista do Parthenon Litterario: “Entre os 658 títulos publicados nos dez anos de existência da Revista, 58 são relativos a biografia, os quais, excluindo as repetições e séries de um mesmo personagem, referem-se a 40 nomes de indivíduos considerados exemplos notáveis de conduta pública. Considerando exclusivamente o que foi publicado em prosa, as biografias compõem um total de 13% de 448 títulos da revista. Mais do que a relevância percentual, elas indicam a possibilidade de compreender os valores políticos que norteavam os parthenonistas e o modo como concebiam uma identidade peculiar para a província do Rio Grande no contexto brasileiro”, em LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, 2004, p.67-68.

<sup>15</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Através do passado (chronica e historia)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920, p.137. Luciana Boeira destaca que o Parthenon Litterario já havia dado corpo à iniciativa patriótica de retratar o heroísmo rio-grandense em seu panteão que “deveria ser, a um só tempo, regional e nacional”, em BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.95.

<sup>16</sup> Em sua análise da prática biográfica nas páginas da revista do IHGB, o autor afirma que “Os estudos biográficos, contidos nos trabalhos desses autores, também têm por meta criar o exemplo, o exemplar, integrado à retórica da nacionalidade, discurso historiográfico e político extremamente persuasivo desenvolvido ao longo do século XIX, tanto no IHGB como fora dele, tanto na história como na literatura”, em CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.75, grifo no original.

<sup>17</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.154.

legalistas (imperiais) durante a Revolução Farroupilha, na qual Achylles apresenta um exemplo de um desses personagens que são os atores da história e que encarnam e representam valores dignos de imitação,

E desde 1805 até 1845 o marechal Menna Barreto expôz a vida em defeza da patria e das velhas instituições. [//] E, assim, servindo ao paiz com a maior dedicação, acabou seus dias, a 5 de setembro de 1856, o illustre general, cuja vida inteira é uma bella pagina de patriotismo.<sup>18</sup>

O patriotismo, mesmo em oposição aos farroupilhas que alimentavam a ideia republicana no Rio Grande do Sul (da qual o cronista é partidário), é defendido por Achylles através da biografia do general.<sup>19</sup> Não importa que o rio-grandense biografado tenha sido um soldado imperial durante a Revolução Farroupilha, contanto que tenha sido aguerrido na defesa da pátria. A inscrição do rio-grandense como herói da pátria, por exemplo, indicaria a intenção de criar/reforçar uma memória comum, pela representação de um passado partilhado, dos rio-grandenses com a nação brasileira. A mesma província que produzira a “Revolução de 35” e lutava contra o Império, era capaz de gerar no seu seio defensores da nação.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que os personagens retratados por Achylles são também encarnações de virtudes e de valores a serem imitados.<sup>20</sup> Esta é uma das características marcantes da escrita biográfica, como afirma François Dosse.<sup>21</sup> Este longo percurso no qual as histórias de vidas atuam como uma coleção de virtudes transmitidas com a finalidade de serem imitadas tem como marco importante a figura de Plutarco, evocada, de passagem, por Achylles no prefácio do livro *Homens do passado* (e que dá título ao subcapítulo).<sup>22</sup>

<sup>18</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919, p.56.

<sup>19</sup> Luciana Boeira destaca que “[...]o grande homem caro à época seria, necessariamente, um patriota, pois sua própria história auxiliava, ao final das contas, a um objetivo maior, o da escrituração das páginas gloriosas da biografia da nação”, em BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.20.

<sup>20</sup> Segundo Angela de Castro Gomes, o livro de Silvio Romero, *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*, de 1890, “era um livro de história do Brasil [...] concebido segundo a indicação, então muito acreditada, de que a biografia, a vida dos grandes homens, era um dos caminhos mais seguros para o aprendizado das virtudes cívicas e da história de um povo”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.111.

<sup>21</sup> “A situação do gênero na esfera do juízo, a partir do qual avaliamos esta ou aquela atitude com a finalidade de transmitir valores edificantes às gerações vindouras, é um aspecto fundamental que reencontramos ao longo do percurso histórico do gênero biográfico”, em DOSSE, François. *Desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009, p.123.

<sup>22</sup> “Nas figuras que apresento não vejo sinão varões dignos de Plutharco, tanto pela grandeza de caráter como pela singularidade da acção”, em PORTO ALEGRE, Achylles, *Homens do Passado*. História. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p.8. Segundo M. da Glória Oliveira, “A referência a Plutarco [...] deve ser compreendida como parte do esforço dos letrados brasileiros em associar o uso do passado, pela via dos exemplos biográficos, a finalidades políticas do presente. As biografias dos brasileiros ilustres, à maneira das

As vidas escritas por Plutarco são encaradas por François Hartog como mais próximas de uma filosofia moral, e não de uma escrita da história, que fazem do leitor um espectador.<sup>23</sup>

Nossa alma, escreve Plutarco, tem, por natureza, ‘o desejo de aprender e de contemplar’. É preciso, então, apresentar a ela espetáculos dignos de sua atenção, direcionando-a para o belo e para o útil. [...] No entanto, ‘a beleza moral nos atrai de uma maneira ativa: ela nos suscita imediatamente um ímpeto que nos leva à ação [...]’.<sup>24</sup>

Assim, o que justifica e apresenta o “ponto de aplicação” da biografia em Plutarco, segundo Hartog, é a produção da imitação no leitor, através de um discurso persuasivo, tal como se vê em Achylles.<sup>25</sup> Aquilo que importa, aquilo que é instrutivo são, com efeito, as maneiras de enfrentar as diversas circunstâncias e as resoluções que são tomadas.<sup>26</sup>

O que Plutarco faz não é tanto o elogio deste ou daquele indivíduo, mas a glorificação de certo número de virtudes encarnadas nas vidas que conta. O que ele acompanha não é a evolução do caráter do herói ao longo da existência e sim a maneira como as virtudes são postas à prova em diferentes contextos. Nesse sentido, interessa-o menos a singularidade do percurso individual que a exemplificação da eficácia de uma virtude ou a extensão dos desastres resultantes de determinado vício.<sup>27</sup>

Achylles, no entanto, não é Plutarco. Suas biografias, apesar de uma certa ênfase nas virtudes que os seus biografados encarnam, se preocupam, e de maneira acentuada, com a trajetória dos personagens.<sup>28</sup> Essa característica talvez fique mais saliente nas histórias de vida dos militares. Suas carreiras são narradas também a partir das suas promoções e dos seus feitos militares. O general Tito Escobar, biografado por Achylles em *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*, é apresentado como exemplo de austeridade,

---

vidas dos varões antigos, teriam função pragmática de servir como modelos de conduta e estímulo à imitação”, em OLVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.56.

<sup>23</sup> HARTOG, François. “Plutarque entre les Anciens et les Modernes”. In: PLUTARQUE. *Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001, p.9-49, p.13.

<sup>24</sup> HARTOG, F. *Op. cit.*, 2001, p.14.

<sup>25</sup> A imitação de um tipo ou de um personagem aparece na biografia de Felipe Benicio de Freitas Noronha. Nela, estar em contato com indivíduos que encarnam determinadas características é suficiente para que essas sejam absorvidas. No seu retrato, Achylles afirma de Felipe Noronha teria, pelo contato, “herdado” os traços do “verdadeiro” gaúcho: “Ali [em Encruzilhada, cidade do interior do Rio Grande do Sul], na pittoresca aldeia serrana passou a sua infância e grande parte da sua mocidade, em contacto com o nosso gaúcho, num tempo em que ainda existia este nosso typo livre, altivo e independente, e de ahi o ter Felipe Noronha, pesar da sua educação ‘citatina’ e convívio social, conservado toda a sua vida uma verdadeira alma gaúcha” PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.160.

<sup>26</sup> HARTOG, F. *Op. cit.*, 2001, p.15.

<sup>27</sup> DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.131.

<sup>28</sup> Em Plutarco, ao contrário, segundo Dosse, “Trata-se de uma lição moral que se pretende sugestiva para não importa qual leitor [...]. Para além da singularidade dos percursos relatados, o que ele almeja é a encarnação dos valores abstratos [...]”, em DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.129.



Riquíssima de militares é a brilhante galeria dos homens illustres do Rio Grande Sul. [//] A este numero pertence o general Tito Pedro Escobar, cujo nome ficou, com luzimento excepcional, na opulenta Historia da patria gaúcha. [...] Sua austeridade ficou para exemplo de velhos e novos, e a sua magnifica figura salienta-se na Historia Militar brasileira como uma das mais sympathicas, brilhantes e modelares. Que os presentes e os vindouros conservem e idolatrem a sua memória, bem digna da immortalidade.<sup>29</sup>

Fica evidente, inclusive, que se trata, como na maioria dos casos, de um elogio ao biografado e não só de uma contemplação de suas virtudes.<sup>30</sup> Mas, para além dos valores destacados, Achylles também acompanha, numa narrativa de sucessão cronológica, a trajetória militar do general, através das suas promoções,

[...] bem cedo, aos 17 annos, assentou praça. Foi a 24 de dezembro de 1872 [...] Em 25 de maio de 1878 foi promovido a alferes. A tenente, em 4 de janeiro de 1886. A capitão em 1.º de março de 1890. A major, por actos de bravura, em 1897. A tenente-coronel, em 19 de março de 1904. A coronel a 5 de dezembro de 1909. A general de brigada, em 9 de março de 1912. A general de divisão em 12 de janeiro de 1918.<sup>31</sup>

Preocupado com a autenticidade da narrativa, em traçar uma espécie de linha do tempo, ainda que sucinta, que se inicia no nascimento do biografado para só se encerrar com a sua morte, Achylles se diferencia do cânone que Plutarco representava no Brasil oitocentista em termos de escrita biográfica.<sup>32</sup>

Logo, há, em Achylles, uma sobreposição do aspecto moral da biografia à trajetória do sujeito biografado. Seria nesse entrecruzamento em que estariam inseridas suas biografias, em que os feitos e atitudes aparecem como reveladores das virtudes e valores morais a serem expostos.<sup>33</sup> Nesse sentido, para além da certeza da capacidade da biografia em descrever o

<sup>29</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.38-39.

<sup>30</sup> A biografia como reveladora de uma moral “[...] na verdade, renunciava à exaustividade e à veracidade individuais para buscar um tom mais didático, acrescentando às vezes paixões e emoções ao conteúdo tradicional das biografias exemplares, a saber, os feitos e as atitudes do protagonista”, em LEVI, Giovanni. “Os usos da biografia” In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.167-182, p.172.

<sup>31</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.38.

<sup>32</sup> De acordo com T. Cezar, “[...] os modelos historiográficos do Brasil no século XIX eram [...] ainda mais dependentes da cultura clássica, cujas referências continuam válidas e atuantes, do que da história científica (metódica ou positivista)”, logo a historiografia brasileira “reflete certos desacordos: ela não tem unidade, nem fidelidade epistemológica”, em CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.83-84. Assim, ao analisar a referência de Pereira da Silva, autor de *Plutarco Brasileiro*, Cezar diz que, “O uso de Plutarco, de seu nome, e de alguns de seus pressupostos temáticos solidificam as notícias biográficas de Pereira da Silva com a força dos argumentos de autoridade que a tradição clássica tem o hábito de conferir à escrita da história no século XIX”, *Idem, Ibidem*, p.81-82.

<sup>33</sup> “A sorte geral da humanidade muito nos interessa, e nossa sympathia mais vivamente se abala quando se nos conta o que fizeram, o que pensaram, o que soffreram aquelles que nos precederam na scena do mundo: é isso o que falla á nossa imaginação, é isso o que resuscita, por assim dizer, a vida do passado, e que nos faz ser

que é significativo em uma vida,<sup>34</sup> existe uma grande confiança do biógrafo na sua capacidade de identificar quais virtudes são significativas a ponto de fazerem parte da sua seleção que visa compor a história da pátria, assim como na sua capacidade de enumerar quais são os personagens que melhor as encarnam. Essa parece ser uma prerrogativa cabível, dentre outras, que acompanham a prática historiadora no Oitocentos, tal como nota Cezar em sua análise sobre Pereira da Silva,

De uma certa maneira, Pereira da Silva corrobora a pluralidade de concepções, que se nota no interior do IHGB, para se definir aquilo que é ou deve ser um historiador. [...] Todas essas figurações do historiador refletem-se na escrita da história. Assim, após ser ‘examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, mas a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador narrar e descrever ainda, e de par com a narração e a descrição julgar e moralisar’.<sup>35</sup>

O historiador, nessa perspectiva, não só estabelece os documentos que contêm a verdade, como lhes faz a crítica, narra e descreve o passado, assim como julga os atos e moraliza a ação do indivíduo narrada, aprovando ou reprovando-a. Nesse sentido, são múltiplas suas atribuições, e Achylles parece querer cumpri-las com afinco.

É desta forma que, antes de narrar os acontecimentos da vida do marechal José Bernardino Bormann, Achylles destaca as virtudes que lhe conferem o caráter modelar: “O marechal José Bernardino Bormann foi um rio-grandense illustre pela bravura, pelo character, pela intelligencia e pelos dotes de coração”.<sup>36</sup> Seu relato se inicia pelos aspectos que tornam uma vida objeto da sua seleção. Nesse sentido, Achylles é não só narrador da trajetória de “homens illustres”, tais como o marechal, mas é também juiz de suas vidas. Julga-lhes os méritos, as virtudes, os grandes feitos.<sup>37</sup>

As biografias escritas por Achylles diferem daquelas que normalmente são caracterizadas como biografias tradicionais, pois elas introduzem um personagem/sujeito/ator

---

presentes ao espectáculo animado das gerações sepultadas. Só desta arte a história póde offerecer importantíssimas lições [...]”. *Januário da Cunha Barbosa apud OLIVEIRA, M. Op. cit., 2009, p.46.*

<sup>34</sup> LEVI, G. *Op. cit., 2006, p.172.*

<sup>35</sup> Pereira da Silva apud CEZAR, T. *Op. cit., 2003, p.79.* De acordo com M. da Glória Oliveira, “Para eternizar as vidas e os feitos dos cidadãos notáveis, caberia ao historiador nomeá-los, julgá-los, emitindo o seu juízo como um ‘austero sacerdote da verdade’”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit., 2009, p.39.*

<sup>36</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit., 1920, p.126.*

<sup>37</sup> A partir da obra de Pereira da Silva, Cezar enumera quais seriam “as condições gerais e elementares” que operam a seleção dos sujeitos biografados: a glória, a virtude, a inteligência, o heroísmo e o patriotismo. CEZAR, T. *Op. cit., 2003, p.82.* Essas são características que também são encontradas nos biografados de Achylles Porto Alegre.

diferente do grande vulto.<sup>38</sup> Este obviamente predomina no conjunto das biografias escritas, mas não é o único elemento presente, uma vez que se abrem espaços também para os “typos populares”.<sup>39</sup> Se refere aqui não a gente miúda, mas aos protagonistas que operam nos bastidores.

No drama da vida ha nomes que fazem ruido e outros que ficam na penumbra, não porque o papel destes ultimos fosse apagado ou de pouco relevo, mas porque estava na sua indole o retraimento. [//] Ao numero destes pertenceu o major José Rodrigues de Freitas, um rio-grandense que honrou a terra que lhe deu berço.<sup>40</sup>

Seus biografados são todos rio-grandenses, ainda que alguns tenham desenrolado suas vidas longe do estado. Logo, é sua origem o fator importante que atribui a presença destes entre os selecionados por Achylles.<sup>41</sup> Os exemplos são baseados também no desempenho das atribuições dos biografados. Suas trajetórias são ligadas, majoritariamente, à vida pública (sendo poucos os casos nos quais a vida privada se apresenta claramente ao leitor, a não ser alusivamente).<sup>42</sup> Os funcionários do governo, por exemplo, são modelos de dedicação ao bem público. O farmacêutico Firmiano Antonio de Araujo teve papel de destaque, segundo Achylles no combate à cólera,

Recordal-os, neste momento [os serviços prestados durante o período em que a doença assolava a cidade], é pagar uma divida de honra, que a ingratidão popular facilmente olvidou, não se lembrando de collocar o seu nome no cunhal de uma rua, em retribuição dos beneficios que elle prestou desinteressadamente, quando outros gosam dessa alta distincção, sem que se saiba por que cargas d’agua.<sup>43</sup>

<sup>38</sup> Segundo Benito Schmidt, a biografia de perfil tradicional se ocupa em grande medida de personagens de destaque social, “Como se sabe, os biógrafos tradicionais voltavam-se, via de regra, para aqueles homens a quem se atribui o fazer da história, os *grandes vultos*”, em SCHMIDT, B. *Op. cit.*, 2000, p.52.

<sup>39</sup> As figuras retratadas/biografadas por Achylles não são todas famosas por seu nome no Rio Grande do Sul. Nos seus livros também aparecem pessoas que não tiveram seus nomes gravados na história do estado, mas que Achylles se esforça em incluir. Essa é uma característica notada por A. Lazzari na revista do *Parthenon Litterario*, na qual os membros propunham e realizavam uma galeria socialmente diversificada de sujeitos das virtudes nacionais. Assim, a presença de professores vindos de setores médios da sociedade porto-alegrense “influenciava algum, ainda que limitado, alargamento social do panteão rio-grandense” ainda que predominasse a elite política e militar como exemplos de conduta, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.84.

<sup>40</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.67.

<sup>41</sup> O que marca uma diferença significativa em relação às biografias publicadas na revista do *Parthenon*, na qual podem ser encontradas biografias de personagens de destaque na literatura nacional nascidos em outras províncias do país.

<sup>42</sup> Lazzari identifica que na revista do *Parthenon Litterario* também são destacados os exemplos de conduta pública, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.69.

<sup>43</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.186.

Achylles afirma que, “A morte tem o poder de ir apagando, com o correr do tempo, a lembrança dos que desaparecem na sombra dos tumulos”.<sup>44</sup> A biografia aparece, então, como um repositório que pretende produzir a presença da ausência decorrente da morte.<sup>45</sup> Por isso o trabalho do escritor rio-grandense consiste em resgatar do passado, em meio aos regressos rememorativos, personagens da história da pátria regional.

Nestes meus repetidos regressos ao passado, folheando livros ou visitando tumulos, encontro ás vezes velhas amizades, que despertam em mim saudades adormecidas e reaccendem em minha memoria lembranças apagadas, reavivando-as com todo o fulgor e fragancia, que só os annos moços nos dão. [...] Assim, ao escrever, agora, no alto da pagina o nome de Estacio Francisco Pessôa, voltei imaginariamente, a uma longinqua e florida estancia de minha existencia, quando moço, na opulencia e gloria do meu sonho, tinha nelle, tambem moço e sonhador, um dos admiradores mais entusiastas dos meus versos romanticos.<sup>46</sup>

Mas é, sobretudo, o objetivo prático do texto biográfico que é fundamental: as biografias têm caráter pedagógico e por isso devem ser exemplares:<sup>47</sup> de virtudes, de orientação para “o bem”, de patriotismo, de lealdade, de amizade, de desprendimento, etc.<sup>48</sup> Nesse sentido, o grande homem não é somente aquele rio-grandense que ditou os rumos de uma guerra, de um estado ou de um país, ele é sobretudo, em Achylles, aquele que durante toda a sua vida dá mostras de virtudes passíveis de se tornarem objeto de imitação, tais como Aurelio Bittencourt, “Altamente compenetrado dos seus deveres e responsabilidades, Aurelio de Bittencourt foi um funcionario publico que póde servir de modelo aos que de alma e coração queiram se consagrar á espinhosa e tão mal vista vida burocratica”.<sup>49</sup> O grande homem não é grande, então, apenas pelo posto que ocupa ou pelos seus feitos, ele é grande pelas virtudes das quais Achylles presta testemunho. Seus relatos biográficos são, dessa forma, reveladores de uma moral, expressa pelas virtudes destacadas em seus biografados.<sup>50</sup>

<sup>44</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Flôres entre ruinas*. Porto Alegre: Graphics Wiedemann & Cia, 1920a, p.107.

<sup>45</sup> “A morte gera a escrita num universo lutuoso que busca assimilar a presença perdida. O ausente faz com que se escreva sobre abismo onde o corpo real desapareceu e a escrita se deixa levar pelo desejo de recuperar o corpo no âmbito da ausência” DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.52.

<sup>46</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p. 171.

<sup>47</sup> Exemplaridade aqui aparece então na sua dupla acepção: o exemplo direto de uma situação concreta, e o exemplar em seu aspecto modelar, que orienta a imitação que o discurso epidíctico deseja provocar.

<sup>48</sup> Sobre Bento Gonçalves: “A mocidade do presente e do futuro deve tomal-o por exemplo, porque como diz Helps: ‘Os heroicos exemplos dos tempos passados são em grande parte a origem da coragem de todas as gerações e os homens realisam as empresas mais arriscadas levados pelo exemplo dos bravos de outr’ora’”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1916, p.25.

<sup>49</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.85.

<sup>50</sup> Na análise empreendida por Angela de Castro Gomes acerca da produção de conhecimento histórico no período de transição do regime monárquico ao republicano, tanto no contexto brasileiro como no português, a

A narrativa biográfica de Achylles Porto Alegre molda a vida do biografado, ela é um ato de criação da coerência, da unicidade, da continuidade e, no seu caso, do sentido (na sua acepção vetorial) de uma trajetória plural. A biografia é para o autor rio-grandense uma lição moral, um modelo, quando apresenta teleologicamente o sentido de uma vida fadada ao sucesso, sentido esse a ser imitado.<sup>51</sup> Na vida de Aurélio Bittencourt encontramos essa característica da escrita de Achylles, que afirma

Aurelio Virissimo de Bittencourt foi um desses raros espiritos que, mesmo deslocado das funções para as quaes nasceu, se tornou modelar na vida que escolheu e exerceu com indefessa actividade e brilhante intelligencia. [...] Porque este incomparavel chefe de secretaria [...] tinha vindo ao mundo talhado para a diplomacia e para o jornalismo.<sup>52</sup>

O trecho comporta uma concepção de vida predestinada, no entanto contornável. O sujeito biografado mesmo destinado a outras atividades desde o nascimento é capaz de tornar-se senhor dos seus desígnios e imprimir outra trajetória, ainda assim exemplar, à sua vida.

A atribuição de um destino traçado desde o nascimento parece ser fortemente arraigado em Achylles. Os motivos para isso, entretanto, não são claros. O autor parece estar ciente das teorias em voga no período que explicariam a constituição e características do ser regional e as trajetórias possíveis dentro deste espectro de possibilidades. As alusões às teorias são claras, porém é possível perceber uma imprecisão no uso do aparato teórico. Quando Achylles escreve sobre a produção de “indivíduos valorosos” em terras rio-grandenses esse aspecto é notável. O Rio Grande do Sul é, na sua visão, celeiro de homens ilustres.

E isto se explica, si considerarmos que o ‘typo gaúcho’, mesmo vindo de mesclas estranhas, quer dizer de raças diversas, já ‘vem da casca’, quiçá por influencias astrologicas ou outras que se prendem ás irradiações do ‘meio’. [...] Afóra estas causas naturaes, é possível tambem que a ‘tradição’ concorra bastantemente para a formação do character rio-grandense. [...] O que é certo é que quem nasce neste encantado recanto da patria brasileira

---

autora destaca que João de Barros, intelectual do republicanismo português, encara o “exemplo como base para formação do caráter dos jovens; logo, do exemplo como fundamento de um moral da energia e de uma moral cívica [...]”. O autor “não punha em dúvida o valor dos ‘heróis’ e dos grandes atos, dos feitos extraordinários que animavam a história dos povos, que deveriam ser apresentados e conhecidos pelos estudantes [...]”. Segundo o autor, os relatos de heroísmo “falavam á razão é (*sic*) à emoção a um só tempo, permitindo o cultivo do intellecto e da sensibilidade, de onde nascia o patriotismo como uma verdadeira religião cívica [...]”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.110.

<sup>51</sup> Sobre a orientação implícita que é incluída na narração de uma vida: “Inventamos uma vida, sobretudo, quando a escrevemos e procuramos dar-lhe, se não um sentido, pelo menos uma orientação. Eis o que atrapalha a biografia clássica, pois, com muita frequência e por definição, partimos do ponto de chegada, daquilo que a pessoa se tornou, e justificamos essa vida em função de seu devir e de seu fim”, em Pontalis apud DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.50.

<sup>52</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.83.

traz consigo, do berço, por isto ou por aquilo, como que a ‘marca da fábrica’.<sup>53</sup>

Há uma imprecisão nos fatores que “moldam” o caráter do rio-grandense. Ora uma teoria racialista se mescla com um indistinto “meio” (que inclui uma divagação exotérica) na conformação de causas naturais. Ora a explicação recai sobre um viés cultural encarnado pela “tradição”. Esses são indícios da introdução do vocabulário das teorias científicas de então na linguagem dos homens de letras, sem que se verifique, contudo, um investimento, no caso de Achylles, no manejo rigoroso desses termos.<sup>54</sup> É possível notar, portanto, que o autor não possuía uma erudição refinada, tal como seu irmão Apollinario. Sua iniciação e formação como homem de letras e no espaço intelectual do Rio Grande do Sul se deu à sombra das instituições letradas as quais ajudou a fundar e com as quais colaborou. Assim, apesar de uma vasta produção se percebe em Achylles uma lacuna no que diz respeito à reflexão aprofundada sobre o trabalho de produção de conhecimento histórico.

A herança partenonista de Achylles da prática de escrita biográfica se evidenciaria ainda em mais um aspecto. A seção dos “Esboços Biographicos” produzidos pela revista daquela sociedade literária expressa, já pelo título, uma característica marcante da biografia no século 19, qual seja, sua brevidade.<sup>55</sup> Brevidade que será mantida por Achylles na feitura de seus retratos, como ele designa os pequenos relatos biográficos que compõem sua trilogia pedagógica.<sup>56</sup> Ao narrar a vida de Ernesto Paiva, Achylles lamenta a natureza da sua empresa,

Emtanto, si ao traçar um perfil de rio-grandense, eu lamento que este livrinho não comporte senão escorços, é agora, ao enfrentar esta extranha e singular figura de gaúcho, tão grande na sua modestia, tão nobre na sua

---

<sup>53</sup> *Idem, Ibidem*, p. 137.

<sup>54</sup> É importante destacar que não só Achylles realiza uma apropriação elementar destas teorias. Em sua análise sobre o impacto do positivismo na esfera regional, Nelson Boeira afirma que é preciso levar em consideração os diferentes públicos que entraram em contato com a doutrina comtiana, assim como sua associação com as demais teorias científicas da época. Através dos resultados de Boeira, é possível pensar que Achylles compreende um grupo de “[...] diletantes marginalmente afetados pelas idéias em uso, oriundas dos modismos ou da inércia do vocabulário intelectual estabelecido”, em BOEIRA, Nelson. “O Rio Grande de Augusto Comte”. In: TRINDADE, Hélio. (org). *O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.391-418, p.402.

<sup>55</sup> Sobre a biografia e seus textos ligeiros: “Entretanto, esses grandes historiadores [que ocupavam as cadeiras do IHGB] não escreveram grandes biografias. Na verdade, tratam-se de pequenas notícias biográficas que não ultrapassam mais de duas ou três páginas”, em CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.75. Essa característica se assemelha com os textos produzidos por Achylles em seus livros da série pedagógica.

<sup>56</sup> Falar da biografia como retrato é recorrer à metáfora do pintor: “Plutarco utiliza a metáfora, repisada até hoje no gênero biográfico, que consiste em aproximar sua obra do retrato feito pelo pintor, com a dupla ideia de fidelidade imprescindível ao modelo e a criatividade não menos imperiosa do autor [...]”, em DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.129.

origem humilde, tão santa no seu martyrio. [...] Porque Ernesto Paiva foi martyr do ideal de justiça e bondade que o animava.<sup>57</sup>

A biografia, ao contrário da história, não tinha a necessidade de ser completa, exaustiva sobre seu objeto.<sup>58</sup> Ela devia fazer o retrato de uma alma, e não narrar todos os fatos de uma vida. A biografia, ou o biógrafo mais precisamente, realiza uma seleção destes fatos que farão parte da sua narrativa exemplar. O que é importante é saber que “fatores” levaram um homem a viver a vida tal como ele a viveu,<sup>59</sup> é saber o motivo pelo qual uma trajetória, dentre outras, é escolhida como modelar. Não é preciso narrar tudo, só aquilo que revela a alma, uma alma que pode ser imitável.

Além disso, os esboços são um tipo de escrita que têm por especificidade uma rápida confecção, eles são produzidos rapidamente. Têm como característica a velocidade, a concisão e a abrangência: são um golpe de vista. Eles encarnam, portanto, uma vontade de representação imediata, uma condição necessária para a intelecção do fenômeno descrito/narrado. São, por isso, uma escrita que marca a passagem do tempo. Um tempo que, segundo Achylles, devora o passado e seus vestígios.<sup>60</sup> Ao escrever suas biografias “ligeiras” Achylles estaria, dessa forma, registrando, num único movimento, uma vontade de representar o passado, ainda que num golpe de vista, para que ele seja conhecido, lembrado e que passe a fazer parte de uma memória social, e igualmente registraria a passagem do tempo (de um passado para o qual ele erige um túmulo – ao qual convoca o leitor a visitar e render homenagens), na qual o passado cede espaço ao presente.

A biografia, tal como a crônica, é, segundo diversos autores,<sup>61</sup> um gênero próprio à sobreposição de uma vontade de verdade e das técnicas literárias de escrita.<sup>62</sup> Ela também

<sup>57</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.144. Em outros momentos Achylles indicava a brevidade do seu texto: “Mas, passemos em ligeira revista a vida do patricio illustre”, *Idem, Ibidem*, p. 83, grifo meu. “Como se vê por este *pallido bosquejo* biographico, Bento Martins De Menezes foi um rio-grandense cheio de inestimaveis serviços á Patria”, em *Idem. Op. cit.*, 1919, p.11, grifo meu.

<sup>58</sup> José da Rocha, colaborador da *Galeria dos Illustres*, escrita por Sisson, afirma que “o biographo não é historiador; se póde indicar algumas observações, não deve demorar-se nellas, nem mesmo completa-las, cumpre que ellas saião de si mesmas, das circumsntancias da vida que narra, dos acontecimento (*sic*) em que seu heróe achou-se envolto como personagem capital: a nossa tarefa é pois limitada”, em José da Rocha apud CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.87. Frente às palavras de José da Rocha, Cezar conclui que “As pesquisas em biografia são rápidas, ligeiras. Os traços e as características sobre a vida de um indivíduo são imanentes àquilo que o biógrafo pode observar. Nesse sentido, a biografia surge do próprio biografado”, em *Idem, Ibidem*, p.87.

<sup>59</sup> HARTOG, F. *Op. cit.*, 2001, p.14.

<sup>60</sup> O escritor, é importante lembrar, descreve majoritariamente um passado que é também o dele, e sobre personagens que fizeram parte da sua trajetória na então província de São Pedro.

<sup>61</sup> Ao questionar-se sobre o espaço da ficção na biografia, B. Schmidt afirma que ela “é realmente um ‘gênero de fronteira’ entre a história e a ficção, a realidade e a imaginação”, em SCHMIDT, B. *Op. cit.*, 2000, p.65. Para G. Levi, “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”, em LEVI, G. *Op. cit.*, 2006, p.168. Já para M. da Glória

responde a um pacto de leitura com o leitor, semelhante ao da história. Mas no século 19 essa escrita comporta o que se poderia se chamar de licenças literárias, e ao que parece elas correspondem ao horizonte de expectativa dos seus leitores.<sup>63</sup> Essa prerrogativa torna possível que, tal como no livro *Plutarco brasileiro*, de João Manuel Pereira da Silva, de 1847, Achylles escreva para instruir e *agradar*.<sup>64</sup> A história ensinaria e deleitaria através da vida dos homens ilustres. Pode-se mesmo pensar em uma “dupla adesão” de Achylles: adesão às formas de narrar próprias da literatura e adesão aos “compromissos”, ainda que não definidos metodologicamente, com a verdade da história.<sup>65</sup>

Em Achylles, a preocupação com as “datas” indica uma vontade de precisão cronológica que corresponderia à verdade da escrita, na qual o conteúdo transmitido é plasticamente moldado para se tornar atrativo, agradável e facilitar a aceitação do exemplo moral pretendido. Existe, na verdade um quase fetiche pela data. A data de nascimento, de morte, de promoção na carreira militar, de ingresso no serviço público, etc. No posfácio da segunda edição de *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*, Achylles lamenta o fato de sua obra seguir incompleta após sua ampliação, e se justifica, deixando clara a importância que atribui à datação.

A despeito de minha bôa vontade, e da firmeza com que puz peito em escrever sobre a vida de rio-grandenses illustres, esta segunda edição de meu livro ainda não sâe completa. [//] Por cartas e pessoalmente solicitei apontamentos; datas, tão somente datas, porque datas não se inventam. [...]

---

Oliveira, a biografia possui um “pertencimento comum à literatura e à história e, por conseguinte, acentuam o caráter híbrido da biografia, situada na tensão constante entre uma ambição mimética de reprodução do vivido e sua reconfiguração imaginativa”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.26-27.

<sup>62</sup> “Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da *mimesis*, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador”, em DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.55. O recurso à ficção seria inevitável para Dosse, “na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real”, sem deixar de levar em consideração a preocupação latente e constante com a verdade. *Idem, Ibidem*.

<sup>63</sup> *Idem, Ibidem*, p.125. No mesmo sentido, José Honório Rodrigues nota que “Talvez se possa dizer que na biografia, mais que em qualquer outro campo da historiografia, o conhecimento histórico se aproxima muito da arte. E talvez em razão dos elementos artísticos ou estéticos que contém, porque apela para a imaginação e torna o passado mais concreto, mais real, mais vívido, a biografia é mais lida que a própria história”, em José Honório Rodrigues *apud* OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.119.

<sup>64</sup> “A história não tem parte mais agradável e mais instrutiva que a vida particular dos grandes e virtuosos personagens que se distinguiram no teatro do mundo”, em Pereira da Silva *apud* CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.76. É importante destacar que o livro de biografias de Pereira da Silva é criticado por Capistrano de Abreu, segundo M. da Glória Oliveira, devido ao fato de “supor que se escreve história com a mesma facilidade com que se improvisa um romance”, em OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006, p.50.

<sup>65</sup> “Discurso moral de aprendizado das virtudes, a biografia se tornou, com o passar do tempo, um discurso de autenticidade, remetendo à intenção de verdade por parte do biógrafo. Entretanto, permaneceu a tensão entre essa ânsia de verdade e uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica. Em suma, uma ficção verdadeira”, em DOSSE, F. *Op. cit.*, 2009, p.12.



Dias e momentos em que se exerceram esse talento e essa acção ["de meus patrícios"] é que nem sempre eu posso saber.<sup>66</sup>

É como se o efeito de verdade de sua narrativa dependesse da datação exata. Sabe-se que o autor opera com outras formas de dar credibilidade à sua escrita: ele elenca testemunhos próximos, oculares, cita documentos, jornais, trechos de livros, trabalha sobre sua memória. Mas a sobreposição de números referentes aos dias, meses e anos relativos aos acontecimentos das trajetórias narradas esboçam essa preocupação, talvez demasiada, com um detalhe que, ao contrário da ambição de produzir leitura aprazível, tornam a escrita árida. Da mesma forma, as imagens idealizadas dos biografados produzidas pelo autor acabam por colidir com a intenção de verdade que a biografia comporta. Ao final, ambos os objetivos declarados da sua obra (a utilidade e o prazer da leitura) são colocados em xeque na efetivação da escrita biográfica.

Para Achylles, a biografia é uma forma de dar a conhecer o passado através das vidas de aristocratas, militares, comerciantes, burocratas e homens de letras. O relato dessas vidas é porta de entrada para a história, e serve de ensejo para a apresentação de fatos marcantes da história do Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, o advento da república, etc.<sup>67</sup> Mas o contrário também é verdadeiro. Ao falar sobre a instrução pública “in illo tempore”, nomeando “professores de grande valor”, Achylles se detem sobre a “Escola Publica” de Francisco de Freitas Cabral, “[...] uma das de maior frequencia da cidade”.<sup>68</sup> Neste trecho da sua crônica o autor se concentra no caráter de Francisco de Freitas, e tece elogios ao método e à didática pedagógica do professor. “Da preciosa colmeia humana de Francisco de Freitas Cabral saíram grandes homens para o commercio, para a industria, para a religião, para politica e para a litteratura nacional”.<sup>69</sup>

Mais significativo, entretanto, é o destaque concedido ao irmão, Apollinario Porto Alegre, na crônica *Casa branca*. Ao traçar a história dessa propriedade que “passou á Historia gaúcha”,<sup>70</sup> uma vez que a partir da propriedade o autor retoma o passado republicano da província encarnado pela Revolução Farroupilha, Achylles abre espaço para biografar,

<sup>66</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917, 2ed. p.293.

<sup>67</sup> Segundo Lazzari, na revista do Parthenon Litterario a prática de tomar o espaço da biografia para expor um ponto de vista pessoal sobre uma questão em voga era comum, em LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, p.69. Também na biografia histórica contemporânea, o biografado, por vezes, é tido como uma porta de entrada para temas mais amplos. SCHMIDT, B. *Op. cit.*, 2000, p.52-3.

<sup>68</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.38-39.

<sup>69</sup> *Idem, Ibidem*, p. 41.

<sup>70</sup> *Idem, Ibidem*, p.50.

novamente, Apollinario, que se torna proprietário em 1885 da edificação: “Detenhamo-nos um pouco sobre a excepcional figura de Apollinario José Gomes Porto Alegre [...]”.<sup>71</sup> O que segue é uma narrativa elogiosa, na qual lista os feitos e as publicações do irmão, assim como apresenta citação de trechos de elogios a Apollinario publicados em livros e jornais da época. Fica claro, portanto, a centralidade ocupada pela biografia na processo de representação do passado em Achylles. Não só a biografia serve de acesso a eventos históricos, como vestígios do passado são cristalizados pela narrativa a respeito de personagens que incorporam e concentram em si e em suas histórias de vida esses vestígios, de acordo com a escrita do autor.

### 3.2 As marcas do tempo: a tripla temporalidade da escrita de Achylles Porto Alegre

Segundo Fernando Catroga, “todas as expressões [...] que procuraram apreender a história enquanto *res gestae* basearam-se numa dada ideia de tempo”.<sup>72</sup> Desta forma, pode-se afirmar que há uma reciprocidade entre tempo e história se pensarmos, com Marc Bloch, que “a história é a ciência do homem no tempo”. No mesmo sentido, a concepção de *regime de historicidade*, de François Hartog, tem obtido notoriedade no tratamento do problema da temporalidade. Para Hartog, este conceito constitui uma formulação da experiência do tempo que modela as formas de vivê-lo e enunciar-lo. De acordo com o autor, “um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento. Ele ritma a escritura do tempo, representa a ‘ordem’ do tempo [...]”.<sup>73</sup> De posse dessa reciprocidade que liga a história ao tempo e a historicidade que rege essa relação, volto minha atenção para a escrita de Achylles Porto Alegre.

No ano de 1920, Achylles publicava o livro intitulado *Através do passado (chronica e historia)* e concluía a sua série pedagógica. Como nos dois outros livros da sua série, reuniu dezenas de biografias de gaúchos “illustres” (militares, políticos, religiosos e letrados), descrições de lugares e de acontecimentos ligados à história rio-grandense, numa narrativa elogiosa do passado regional. Através dela, Achylles fornecia exemplos de conduta e moral para a “mocidade estudiosa”. A história, provida do seu caráter de exemplaridade, teria, então, por objetivo prover as gerações mais novas dos exemplos de conduta do passado não tocado

<sup>71</sup> *Idem, Ibidem*, p.52.

<sup>72</sup> CATROGA, Fernando. *Caminhos do fim da história*. Coimbra: Quarteto Editora, 2003, p.17.

<sup>73</sup> HARTOG, François. “O tempo desorientado. Tempo e história. ‘Como escrever a História da França?’”. *Anos 90*, Porto Alegre, n.7, julho de 1997, p.7-28, p.8.

pelo progresso. Sua obra tem um caráter pedagógico, e procura orientar o futuro pelo passado.<sup>74</sup>

Achylles realizou essa tarefa recorrendo à bibliografia que tinha por tema a história do estado, assim como aos “documentos oficiais” – muitas vezes mencionados, mas poucas vezes referidos –,<sup>75</sup> ao relato das “testemunhas oculares”, mas principalmente ao seu testemunho. Foi a experiência acumulada ao longo de sua vida, as pessoas que conheceu, as paisagens que avistou, os lugares pelos quais passou, enfim, foi a sua memória a principal fonte a partir da qual narrou o passado rio-grandense, essencialmente ligado à sua capital. Assim, em sua vida que alcançara 70 anos, muitos dos quais vividos no cenário porto-alegrense, foi capaz de perceber as transformações pelas quais a cidade passou com o advento do governo republicano de Julio de Castilho e seu sucessor, Borges de Medeiros.

O que me pergunto, portanto, é: como compreender essa justaposição das múltiplas temporalidades (da exemplaridade, da memória e do progresso) inscrita no relato de Achylles? Serão dois os focos da análise: num primeiro momento me detenho nos personagens biografados por Achylles e em como essas marcas temporais distintas são percebidas inclusive nas biografias; num segundo momento a análise será concentrada no texto publicado no livro citado acima, *Porto Alegre de ontem e hoje*, uma vez que nele foi possível perceber de forma integral a convergência das três temporalidades que caracterizam a escrita de Achylles Porto Alegre.

\*\*\*

Nas biografias escritas por Achylles seus personagens são caracterizados de diferentes formas ao longo das obras. Ora são heróis, em sua maioria os militares, ora atendem pela designação de ilustres, tal como no título do primeiro trabalho que compõe a trilogia, *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*, ou ainda como vultos, como em *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*.<sup>76</sup> É possível perceber nestas biografias as marcas de um regime de

<sup>74</sup> “A História, assim, aproxima o passado do presente; ela torna o passado presente e, dessa forma, impulsiona o futuro, tornando-se ela própria ‘uma maravilhosa escola de educação cívica’ para qualquer povo”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.79.

<sup>75</sup> Diferente da liberdade com a qual Achylles trabalha com suas fontes, documentos e referências, encontramos em Capistrano de Abreu, segundo M. da Glória Oliveira: “Na leitura desse acervo volumoso [de correspondência com outros historiadores], observa-se a preocupação permanente com a busca de documentos e, com ela, a ênfase nos procedimentos de verificação de sua fidedignidade e de atribuição exata de sua procedência”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.42.

<sup>76</sup> Sobre a noção de vulto: “Gosto da antiga denominação de vulto, porque ela implica em pelo menos dois significados muito interessantes: vulto é aquele que se avulta diante dos outros semelhantes, mas também é a sombra distorcida, a visagem, o fantasma”, em RICCI, Magda. “Como se faz um vulto na história do Brasil”. In: GUAZZELLI, Cesar; PETERSEN, Sílvia; SCHMIDT, Benito; XAVIER, Regina. (orgs.). *Questões de teoria e*

historicidade no qual a história é mestra da vida. A escrita da história e usos da biografia são, desta forma, “modos de constituição narrativa de sentido e de elaboração da experiência do tempo”, formando um tipo de relação com o passado que “tornaria legítimas outras formas de conferir visibilidade aos tempos pretéritos”.<sup>77</sup> As histórias de vida são atravessadas, portanto, por outros registros da percepção do tempo.

Em relação à prática de narrar vidas, numa longa duração que se inicia com Plutarco, François Hartog identifica o deslocamento que ocorre na caracterização do sujeito biografado. Eles passam, com o tempo, da figura do herói (autor de grandes feitos), ao homem ilustre (do qual o modelo é o rei absoluto), e depois ao grande homem (ligado à virtude e às letras). As mudanças na maneira de apresentar seus personagens, afirma Hartog, é um sintoma da mudança da percepção do tempo.

O homem ilustre se posicionava sobre um horizonte completo de perfeição: o exemplo vinha do passado para o presente e fluía numa economia do tempo que era aquela da *historia magistra*. Com os grandes homens, o tempo fazia sua entrada na história ou a história tenderia a se tornar tempo. Os grandes homens querem acelerar a história: eles são a sua ‘parteira’.<sup>78</sup>

Assim, a ruptura que a passagem dos homens ilustres aos grandes homens representa é de uma nova relação com o tempo – os grandes homens fazem apelo à perfectibilidade e à aceleração.<sup>79</sup> Com o grande homem: “[...] uma nova relação com o tempo está em movimento. [...] O tempo se desenrola, e o grande homem é justamente aquele que o faz desenrolar”. Ele anuncia o porvir, marca um período de aceleração do tempo. A biografia se volta, então, ao futuro e não mais ao passado.

Ainda, longe de ser um gênero passadista reativando algum modelo antigo, o gênero do elogio é então voltado ao porvir, pois se trata de fato ‘de honrar os grandes homens e de os fazer nascer’, de contribuir também e dessa forma a esse grande desejo de aceleração do tempo.<sup>80</sup>

---

*metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p.147-160, p.158. Dá a ideia do vulto como traço de uma presença mal percebida. A biografia não é total (talvez por isso mal percebida), e é o biógrafo aquele que lhe delineia os traços.

<sup>77</sup> OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.30.

<sup>78</sup> HARTOG, F. *Op. cit.*, 2001, p. 46.

<sup>79</sup> Uma transformação que ocorre sem que o paradigma da história mestra da vida perca legitimidade, permanece o papel pedagógico do passado como repositório de exemplos. *Idem, Ibidem*, p.33.

<sup>80</sup> *Idem, Ibidem*, p.30. De acordo com M. da Glória Oliveira, “Não obstante a evocação recorrente do modelo de exemplaridade plutarquiano, a noção-chave implícita na formação do panteon brasileiro será a do grande homem das Luzes, louvado por personificar a excelência do homem comum, letrado, benfeitor da humanidade e, sobretudo dotado de virtudes exemplares como servidor do Estado”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.16.

Na história de vida do barão de Nonohay vê-se um bom exemplo de como essa percepção é acompanhada por Achylles Porto Alegre.

Quando se achava uma loucura pagar contos de réis por animaes para reproductores, tanto mais que eram irrisorios os preços dos creoulos, o coronel João Pereira de Almeida não hesitou em fazel-o, pois ao seu espirito perspicaz não escapava o futuro de nossa pecuária, desde que, *abandonando a rotina*, tomássemos a vereda que aquelle paiz vizinho [Argentina] já estava seguindo com segurança. [...] a sua memoria ha de perdurar entre aquelles que o conheceram e amaram, e, quando se fizer a historia da abolição e do passado rio-grandense, um logar honroso ha de lhe caber, como *apostolo e pioneiro da civilização e do progresso* do Estado.<sup>81</sup>

As ações que levam ao progresso são de iniciativa individual. Não é a força social, coletiva que traz a mudança, mas a iniciativa do grande homem, portador do novo. O barão de Nonohay é, portanto, um indivíduo que simboliza esse retrato de um novo homem. Seus olhos estão voltados para o futuro.

No entanto, apesar de ser possível encontrar indícios dessa mudança<sup>82</sup> no perfil dos biografados por Achylles, no Brasil do século 19 não há diferença em designar um homem como ilustre ou grande, tal como faziam os franceses.<sup>83</sup> A variação que encontramos na obra de Achylles de como são caracterizados esses indivíduos é indicativa dessa falta de diferenciação. O homem ilustre é igualmente grande, vulto e/ou herói. Tomam-se as designações sem que elas acompanhem necessariamente as transformações semânticas e temporais das quais são sintoma. Ainda que biografias como a do Barão de Nonohay marquem claramente o surgimento da percepção de um novo tipo de indivíduo, considerado como motor da história, não é possível deixar de ler em Achylles os resquícios de uma concepção de história como repositório de exemplos do passado. Esse é um indício da sobreposição de temporalidades que coabitam a escrita do autor presentes não só nas biografias, como procuro analisar a seguir.

\*\*\*

---

<sup>81</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1919, p.53-54, grifos meus. “Espírito adeantado e progressista, foi o Barão de Nonohay um dos primeiros empreiteiros da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguayana. [//] Neste serviço, que pela primeira vez se tentava no Estado e cujas consequencias bem poucos podiam *prever*, inverteu elle a maior parte dos seus capitaes, empenhou todo o seu vasto credito e tudo quanto em si estava fez no sentido de que o RioGrande (*sic*) viesse a ter aquella poderosa alavanca de progresso”. *Ibidem*, p.53.

<sup>82</sup> A mudança aqui referida é a inclusão de um personagem na seleção daqueles considerados “ilustres” que carrega em si os reflexos de uma mudança na percepção do tempo.

<sup>83</sup> CEZAR, T. *Op. cit.*, 2003, p.74, nota 3.

No prefácio de *Através do passado*, Achylles caracteriza o livro como um “trabalho de história, de reminiscência, e não raro de evocação [...]”.<sup>84</sup> Quando Achylles narra a história de Porto Alegre tem diante de si sobretudo as imagens retidas pela lembrança do passado que testemunhou. Assim, ele é capaz de contrastar documentos e testemunho na “ressurreição” dos aspectos desaparecidos com o tempo. Sua escrita, para além de pedagógica, é também salvaguarda contra esquecimento, cristalização do passado da cidade de Porto Alegre.

O que aqui poderá haver de precioso é o que a evocação foi arrancar ao passado. Aspectos mortos novamente lançados á tela; reminiscências a que demos corpo e movimento. Ressurreições (*sic*) de seres e coisas que fomos arrancar a tumulos obscuros e esquecidos.<sup>85</sup>

O que dá valor ao trabalho realizado é aquilo que a memória salva ao esquecimento, ela ressuscita aspectos do passado que de outra forma estariam mortos, uma vez que “O tempo vae destruindo, pouco a pouco, os nossos habitos e costumes [...]”.<sup>86</sup>

Segundo Paul Ricoeur, a memória é a imagem de um passado ausente que se faz presente pelo ato de rememoração.<sup>87</sup> O texto que abre a obra mencionada acima, *Porto Alegre de hontem e de hoje*, traz como epígrafe uma frase de Michelet: “A história é uma ressurreição”. Mais adiante no texto, Achylles afirma: “já um poeta disse que ‘recordar o passado é viver outra vez’. Assim é, de facto, pena é que, quando evocamos o passado, não voltemos á mocidade senão mentalmente”.<sup>88</sup> A memória em Achylles, portanto, é ressurreição do passado no presente.

Sabe-se que o único conhecimento possível do passado é mediado, inferencial ou indireto. No caso da escrita de Achylles Porto Alegre, a mediação é realizada também (mas não exclusivamente) pelo ato de rememoração, que sempre atualiza no presente a imagem da lembrança do passado.<sup>89</sup> Como um ato mental não se resume numa sensação ou num

<sup>84</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.4.

<sup>85</sup> *Idem, Ibidem*, p.44.

<sup>86</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920a, p.8.

<sup>87</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>88</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.7. A mesma ideia é esboçada posteriormente no prefácio de *Homens do passado: historia*. Nele o autor retoma a tópico do “recordar é viver de novo”, como volta ao passado já vivido, assim como a contraposição entre sua idade, atestada pela “neve dos annos que me cobriu a cabeça”, e “a mocidade da minha intelligencia e a envergadura dos meus nervos”, que o faz viver ainda o “mesmo sonho dourado que sonhava quando moço”, e também sentir a mesma força do passado. E o autor justifica sua fixação no passado, “As minhas esperanças vivem commigo. As minhas saudades não me abandonaram. Aquellas continuam a esperar pelo Bem que todos esperamos. [//] Estas permanecem suaves, como um bem que renasce em nosso coração – que já nada espéra. [//] Por isso eu vivo sempre voltado para o passado. [//] E porque assim vivo me julgo moço, porque vejo ante os olhos da minha recordação os aspectos e as figuras como as via na minha mocidade”, em PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1922b, p.7.

<sup>89</sup> RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007.

sentimento, ou seja, como ele também produz conhecimento, que está além da consciência imediata, a ação rememorativa operada por Achylles é entendida, portanto, como ação intelectual de produção de conhecimento sobre o passado.

E assim como a memória, a história se faz a partir do presente. É por essa razão que Achylles traça constantemente as linhas que ligam o presente da rememoração e da escrita ao passado evocado por elas. O fato de ter presenciado as mudanças pela qual passava a capital do estado permitem ao autor estabelecer nexos entre o que foi no passado distante e o que era no momento da escrita, traçando linhas de continuidade portadoras de unicidade e coerência da experiência de ser rio-grandense.<sup>90</sup> Essa perspectiva temporal sintetiza uma concepção de tempo alargado, na qual o passado é reatualizado constantemente no presente.<sup>91</sup>

Essa é também a noção de tempo que está na origem do caráter exemplar atribuído ao passado. Essa exemplaridade pode ser percebida ao longo da série pedagógica de Achylles Porto Alegre, que se inicia com o livro *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, em 1916. No prefácio deste livro, o autor inicia declarando a quem sua obra se destina: “as ultimas gerações [que] não conhecem grande parte dos nossos patricios mais illustres”.<sup>92</sup> Sua função, enquanto narrativa é “prestar um serviço” ao Rio Grande do Sul e, para isso o autor afirma, então, “colleccionar traços ligeiros da vida dos nossos homens notáveis”. O aspecto educativo que Achylles atribui à sua obra fica claro nas linhas seguintes: “Este livro, póde-se, pois, considerar como destinado *exclusivamente* á educação civica dos nossos jovens patricios, que encontrarão, em suas páginas, belos exemplos dignos de serem imitados”.<sup>93</sup> Ou seja, as biografias que seguem como conteúdo da obra argumentam pelo exemplo a ser seguido e são

---

<sup>90</sup> A continuidade de ocupação do espaço geográfico, descrito por Achylles, pode ser pensada, de mesma forma, como uma linha que liga o passado ao presente. A paisagem se transforma, mas a essência do espaço é a mesma, de modo que, ao descrever um lugar no passado, o autor apresenta as referências necessárias para identificá-lo no presente. Exemplo disso se encontra quando trata da colonização açoriana em Porto Alegre – a quem Achylles atribui a origem do porto-alegrense, traçando linhas de continuidade entre os aspectos físicos e morais. Ao narrar a ocupação do espaço pelos colonizadores, com a descrição dos terrenos ocupados pelas famílias migrantes, o escritor indica igualmente a continuidade da ocupação do espaço nessas áreas, através da informação dos nomes das ruas às quais correspondem no presente da escrita, em PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.17-19. M. da Glória Oliveira destaca a importância da geografia na definição do espaço nacional durante o século 19, numa perspectiva que dá um uso pragmático ao conhecimento, qual seja, a definição e unificação do território nacional, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2006, p.47.

<sup>91</sup> Mas, como a biografia do Barão de Nonohay sugere, uma perspectiva de tempo cumulativo, progressivo e linear está engendrada no trabalho de representação do passado em Achylles. Voltarei a esse aspecto adiante.

<sup>92</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1916, p.4.

<sup>93</sup> *Idem, Ibidem*, grifo meu. Angela de Castro Gomes destaca “os sólidos vínculos existentes entre o traçado das características de saber erudito da história e seu valor pedagógico [...]”. “A história, no entendimento de seus praticantes, diferentemente de outras ciências sociais, possuía uma evidente ‘missão’, fundada em sua capacidade de fazer conhecer o ‘passado comum’ de uma nação e, assim, despertar o amor à pátria de seus cidadãos”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.10.

uma porta de entrada no passado.<sup>94</sup> O *topos* da história exemplar, aliás, remonta ao trabalho realizado no âmbito da *Sociedade Parthenon Litterario*, da qual Achylles fez parte, e inclusive foi autor de algumas biografias na revista mensal publicada pela associação.<sup>95</sup>

A esse respeito, a introdução da biografia do conêgo Thomé Luiz de Souza, publicada na revista do *Parthenon Litterario* de setembro de 1872, parece sintetizar a concepção de história apresentada pelo periódico do Parthenon. Diz ele:

Estamos incumbidos de stereotypar nas paginas da Revista, os caracteres elevados que tem existido entre nós e que podem servir de modelo á mocidade, afim de que reproduzindo as acções nobres seja ella digna da estima publica e util á sociedade nos diversos empregos de sua actividade. [//] A historia, a lição do passado, a tradição dos erros, ou virtudes da humanidade, de muito servem ao presente, ás sociedades de novo constituidas, porque dão a medida da fraqueza e das forças de que são dotadas, dos recursos de que podem dispôr, e dos melhoramentos de que são susceptiveis. [//] Da mesma forma o registro das acções dos homens elevados, serve de correctivo aos que percorrem ora a estrada da vida precavendo-os contra os erros de que aquelles já foram victimas e animando-os pelos resultados obtidos no trabalho, abnegação, coragem, estudo. [...] A humanidade sempre a mesma em todos os tempos, reproduz os typos mais importantes, e dadas circuntancias iguaes vemol-os representar papeis iguaes na sua existencia activa. [...] Os homens copiam-se uns aos outros, o que quer dizer que os caracteres reproduzem-se, milagre que operam a historia, o registro, as acções humanas, e os livros das sciencias. [//] E' por isso que a Revista dando á sua frente o retrato de homens notaveis, e offerecendo suas acções como modelos que podem ser seguidos, julga fazer um serviço real á esta provincia, por cujo progresso trabalha, promovendo os bons costumes e a illustração de sua esperançosa mocidade.<sup>96</sup>

O homem possui uma essência que faz dele sempre o mesmo e permite que suas ações sejam imitadas. A história aparece, então, como um arcabouço de exemplos positivos e negativos para que o homem, por ela instruído, se faça semelhante à imagem do espelho que o conhecimento do passado oferece ao futuro.<sup>97</sup>

<sup>94</sup> Em meados século 19, o gênero biográfico constitui, no âmbito nacional e regional, uma das formas de acesso ao passado local. Sobre este assunto, ver: OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.62-63; e, SANTOS, Evandro. *Temp(l)os da Pesquisa, Tem(l)os da Escrita: A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.44.

<sup>95</sup> BOEIRA, L. *Op. cit.*, 2009, p.152. M. da Glória Oliveira destaca a respeito da *historia magistra vitae* que “O uso da fórmula correspondia à experiência da constância da natureza humana dentro de um espaço temporal contínuo e, por conseguinte, à concepção de história, herdada dos antigos, como fonte perene de exemplos e lições morais fornecidas pelo passado, com utilidade de instruir o presente”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.12.

<sup>96</sup> “Esboço biographico do Conego Thomé Luiz de Souza”. *Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario*, Porto Alegre, p.3-10, 2ª série, n.3, setembro de 1872, p.3-4.

<sup>97</sup> “A convicção de que a exemplaridade dos grandes homens funcionava como elo de ligação entre o passado, o presente e o futuro, continuou a ser amplamente reiterada pelos sócios do IHGB, muitos decênios após a sua fundação. Combinada ao uso da célebre fórmula *historia magistra vitae*, ela sinalizava a vigência de um regime historiográfico fundado no pressuposto de uma ordem do tempo contínua e homogênea. Entendidas como



Essa, por assim dizer, “herança” do *topos* das biografias exemplares, que tem reflexos na forma como Achylles encara a história, fica ainda mais clara na biografia de Augusto Golland, na qual o autor esclarece como ele entende funcionar a exemplaridade.

Evocando, agora, a imagem dessa bella figura de homem original, que tinha nas plantas e nas flores os seus maiores amigos e suprema paixão, eu penso si não fulgiria nelle, radiosa e florida, a alma do illustre Saint Hillaire ou a do nosso Frei Allemão. [//] Por que ás vezes, apezar das luzes da sciencia que enchem o mundo contemporaneo e que tornam os individuos scepticos, eu acredito nessa tão discutida transmigração de almas - reproduzindo no homem de hoje o homem de hontem, com todas as suas maldades e bondades, com todos os seus defeitos e bellezas, e que ha de ficar eternamente envolto no mysterio que está nas mãos supremas e na vontade impenetravel de Deus.<sup>98</sup>

Mas, apesar da obra de Achylles apresentar o *topos* da história mestra da vida de origem ciceroniana, ela não enseja uma compreensão circular do tempo histórico.<sup>99</sup> Embora, na sua origem, o emprego da fórmula tenha sido baseado na constância das experiências e da natureza humana, seu uso por Achylles parece resguardar apenas aquilo que ela retém como uma das funções legítimas de um empreendimento de representação do passado. Ou seja, ainda que a *historia magistra vitae* tenha sido forjada sobre uma concepção de tempo estacionário e circular, ela aparentemente se descola da noção temporal que carrega mas mantém a prerrogativa pedagógica do passado exemplar.<sup>100</sup> Assim, o distanciamento em relação ao que foi, à idade de ouro, é vivido como empobrecimento ontológico,<sup>101</sup> um dos motivos pelos quais os exemplos do passado são resgatados como orientadores da conduta no presente. Então, a experiência, como conjunto de dispositivos éticos e morais, de valores

---

coleções de exemplos, as histórias do passado serviriam como ensinamentos perenes, por meio de uma apropriação educativa que as atualizaria no presente. [...] Tal perspectiva pragmática condicionou marcadamente a formulação das diretrizes teórico-metodológicas para os estudos históricos no Brasil ao longo do século XIX”, em OLIVEIRA, M. *Op. cit.*, 2009, p.34-35.

<sup>98</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920a, p.149, grifo meu. Apesar do tom quase exotérico da afirmação, ela comporta a crença do cronista e biógrafo na capacidade do homem contemporâneo em reproduzir a “alma” de um homem do passado.

<sup>99</sup> De acordo com R. Koselleck, o uso do *topos* “[...] remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral. A história pode conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros [...]”, em KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006, p.43.

<sup>100</sup> Pode-se questionar de que forma a história ainda tem algo a ensinar ao presente na medida em que a modernidade rompe com o *continuum* histórico que permite colher exemplos de conduta no passado. É inegável, contudo, a permanência e recorrência com que o *topos* é evocado e utilizado, não apenas como fórmula vazia, justificativa convencional de empreendimentos históricos, mas com o verdadeiro intuito instrutivo pela persuasão à imitação.

<sup>101</sup> CATROGA, F. *Op. cit.*, 2003, p.18.

acumulados ao longo da trajetória de uma sociedade, organiza a possibilidade da ação no presente.

As condições da possibilidade da história real são ao mesmo tempo, as condições do seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência [...] são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente, o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã.<sup>102</sup>

Mas conforme a elaboração de Koselleck, os conceitos de campo de experiência e horizonte de expectativas não propõem alternativa, “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”.<sup>103</sup> Desta forma, é preciso compreender as expectativas de futuro inscritas no trabalho de Achylles, presentes em sua escrita nas alusões referentes ao progresso.

Achylles afirma, em *Porto Alegre de ontem e hoje*, retomar uma empresa à qual muitos “espíritos de eleição” já dedicaram seu trabalho, a história de Porto Alegre, e que se trata, portanto, de um assunto “por assaz conhecido”. Mas, segundo o cronista dá a entender, o conhecimento do passado possui um caráter inacabado.

Todavia sempre ha uma novidade no passado das coisas mais conhecidas, e como o presente apresenta em cada dia um aspecto novo, uma surpresa, um imprevisto e como não raro encerra sempre algo inedito, de impenetrado, mesmo para os olhos perspicazes e observadores, não nos parece impossível encontrar leitores, até entre os que melhormente conheçam a nossa ‘urbs’, que descubram neste leve trabalho «algo de nuevo a mirar», como diria, pela bocca de Fradique Mendes, o fino, ironico e paradoxal Eça de Queiroz.<sup>104</sup>

Assim, descobrir a novidade no cotidiano “[...] nos vem provar, num relance, que até naquilo que mais conhecemos existe sempre alguma coisa por conhecer”.<sup>105</sup> Dessa forma, o cronista afirma que no seu trabalho os “[...] leitores encontrarão aspectos novos, paizagens ineditas e descrições de logares e typos, que sendo ou tendo sido typos populares, serão talvez agora vistos sob um novo e ignorado colorido”.<sup>106</sup> Assim, Achylles se permite apontar correções ao que se escreve sobre o passado da cidade.

<sup>102</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.308.

<sup>103</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.307. “A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”, ela também é pessoal e alheia, individual e coletiva, *Idem, Ibidem*, p.309-310. A expectativa “é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”, *Idem, Ibidem*, p.310.

<sup>104</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.5-6.

<sup>105</sup> *Idem, Ibidem*, p.6.

<sup>106</sup> *Idem, Ibidem*. Além da mudança dos perfis usualmente selecionados para a representação do passado, seu recorte visa dar *novas cores* à narrativa do passado rio-grandense, o que nos remete à referência constante de Achylles à metáfora do seu trabalho como o de um pintor. Suas biografias são retratos, suas crônicas coloridas.

Uma das correções, diz respeito ao *Diccionario Geographico historico e descriptivo do Imperio do Brasil*, de J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, no qual se encontram, segundo Achylles, “a cada passo, erros de datas e outros grosseiros desvios de verdade”. Através da citação de trechos da referida obra, Achylles aponta as correções necessárias, tais como a data de fundação da cidade de Porto Alegre e a sua exata localização geográfica. Além disso, Achylles também faz correções ao trecho que se refere à Revolução Farroupilha: a primeira se refere a data que marca o início da revolta, e a segunda acerca de “um falso juízo sobre nosso progresso social e economico” na época do evento, pois Saint-Adolphe afirmara que durante a revolução a população e o comércio haviam decaído. Após apresentar algumas objeções, Achylles conclui

Dizer que ‘de então por diante a população e o commercio forão em diminuição’, o mesmo é que affirmar que Porto Alegre não mais progrediu, não mais se desenvolveu, ficou como morta, condemnada a ruinas e ao desaparecimento. Todavia o contrario foi que succedeu. A cidade tomou novo incremento. O seu progresso, tanto material como intellectual, accelerou-se, e a nossa gloriosa ‘urbs’ é actualmente uma das mais lindas, mais cultas e adiantadas da Federação Brasileira.<sup>107</sup>

A correção imprimida por Achylles, neste sentido, vale-se do presente da escrita para revogar o juízo de Saint-Adolphe, o que implica numa perspectiva que vai do presente ao passado para conferir inteligibilidade à escrita. Collingwood afirma que o progresso não é um mero fato a descobrir pelo pensamento histórico, pois é só por intermédio do pensamento histórico que ele verdadeiramente se manifesta. A razão para tal reside na circunstância de o progresso quando sucede, ocorrer apenas de um modo: pela retenção, no espírito, numa dada fase, daquilo que foi realizado na fase precedente.<sup>108</sup> A interpretação teleológica apresentada por Achylles é capaz de contrapor a afirmação do dicionarista francês através da experiência do presente contrastada com as imagens do passado retidas pela memória para, numa perspectiva processual do tempo, traçar as linhas que levam do conflito Farroupilha ao desenvolvimento de Porto Alegre.

No entanto, “só as coisas melhoraram; os individuos não. Hoje, animam a vida da cidade, antigamente tão sem diversões, os cinemas, os ‘cabarets’, e os ‘cafés’, onde se faz musica e... intrigas. Entretanto, nos velhos tempos, havia mais amor ás letras e ás artes”.<sup>109</sup> A ambivalência percebida nas consequências aportadas pelo progresso fazem Achylles

---

<sup>107</sup> *Idem, Ibidem*, p.10-12.

<sup>108</sup> COLLINGWOOD, Roben G. *A idéia de História*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p.333.

<sup>109</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920, p.38.

recorrer ao passado na tentativa de prover as novas gerações dos exemplos passíveis de imitação, para então, projetar um horizonte de expectativas diferentes do presente, no qual a carga negativa que acompanha o progresso seja revertida pela educação.

Mas não é só no aspecto moral que o progresso parece provocar ressalvas do cronista. Achylles ainda identifica nele uma ameaça à preservação das tradições e da história (ameaça contra a qual sua escrita lutaria).

Volvendo, de vez em vez, os olhos da memória para esses tempos, por assim dizer de ontem, no curso da vida, mas tão longínquo no rápido avanço da civilização e no delírio das transformações é que vejo quanto o progresso é cruel na sua faina de destruir tradições. [...] E vemos que o progresso, no fim de contas, não é senão uma esponja, apagando páginas e páginas de história, com a destruição e o desaparecimento de sítios que, photographando aspectos, deviam conservar-se intactos e inteiros no seu magnífico brilho tradicional.<sup>110</sup>

Esboçadas rapidamente aqui, é possível, então, perceber três formas distintas de pensar e narrar o tempo inscritas nas crônicas de Achylles Porto Alegre. A primeira é aquela implicada pelo uso da memória como fonte para sua representação histórica. Uma vez que a memória permite a reaparição no presente de um passado ausente, a enunciação dessa lembrança é sempre uma reatualização do passado no presente. A segunda forma é aquela introduzida por uma concepção de história exemplar, em que o passado informa o presente, (ainda que não numa perspectiva circular do tempo, em que o homem possui uma essência imutável), que seria capaz de repetir os exemplos proporcionados pela história. Por fim, existe na obra do Achylles a referência ao progresso, aliada à percepção das mudanças testemunhadas na paisagem da capital, que traz à tona uma perspectiva de tempo linear capaz de identificar a sucessão dos acontecimentos. Essas são três modalidades de pensar e dizer o tempo que se entrecruzam na empresa de Achylles Porto Alegre.

A relação entre o tempo cíclico e o tempo linear foi apontada por Carlos H. Armani a respeito de Souza Docca, outro historiador gaúcho que publicou seus trabalhos no mesmo período que Achylles, a partir da década de 1910 e com maior ênfase na década seguinte.<sup>111</sup> Segundo Armani, em Souza Docca,

[...] o futuro se definiria através da significação do próprio passado. Se por um lado, tal relação entre passado-presente-futuro era tipicamente moderna, por outro, a forma de reprodução desse passado para efetivação do futuro

<sup>110</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1920a, p.89-90.

<sup>111</sup> ARMANI, Carlos. O passado brasileiro no horizonte de expectativas: Emílio de Souza Docca e a opção pelas raízes. In: VI Encontro Estadual de História, 2002, Passo Fundo. *Anais do VI Encontro Estadual de História - Ser Historiador Hoje*. Passo Fundo: Editora da ANPUHRs, 2002. v. 01. p. 01-15.

desejado dependia de um tempo cíclico e mítico, no qual as fronteiras entre tradição e modernidade sofriam certo abalo.<sup>112</sup>

Isso leva Armani a concluir por uma relação diretamente proporcional entre o alargamento do tempo futuro e a busca das raízes, no qual o futuro é visto como continuação e aperfeiçoamento do progresso iniciado no século 19.<sup>113</sup> Desta forma, em Souza Docca, a expectativa de futuro foi construída pelas experiências do passado.<sup>114</sup> No entanto, um dos marcos do avanço da modernidade, segundo Reinhart Koselleck, é justamente o afastamento entre as experiências e as expectativas, no qual o passado é visto como um modelo dispensável.<sup>115</sup> De acordo com Koselleck, a instituição da modernidade como tempo novo está ligada ao distanciamento de um olhar voltado para o passado em relação a outro, que é dirigido ao futuro,<sup>116</sup> que marcaria, segundo Hartog um deslocamento de um regime de historicidade antigo para o moderno.

Mas, como a um regime de historicidade se pode se sujeitar ou, ao contrário (e mais frequentemente), querer escapar, procurando-se elaborar uma outra ordenação do tempo,<sup>117</sup> Achylles, tal como Souza Docca, empreenderia uma subversão das formas de pensar e dizer o tempo na modernidade, tais como defendidas por Koselleck, ao apontar para o passado como construtor de futuro. Uma vez que “[...] um regime de historicidade reformula, ‘recicla’ os elementos anteriores da relação com o tempo, a fim de fazer com que ele diga outra coisa, de outra maneira [...]”,<sup>118</sup> a escrita de Achylles resguardaria os elementos da experiência do passado para a partir deles forjar expectativas de futuro diferentes da realidade do presente. Ao mesmo tempo que o passado não é mais o único guia de ação, ele ainda serve como referência orientadora do futuro.

---

<sup>112</sup> *Idem. Identidade nacional e fragmentação no pensamento de Emilio de Souza Docca*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, PUCRS, Porto Alegre, 2003, p.60.

<sup>113</sup> ARMANI, C. *Op. cit.*, 2003, p.62. De acordo com Reinhart Koselleck, toda a sequência histórica contém tanto elementos lineares como elementos circulares, uma vez que a circularidade pode apresentar-se teleologicamente, já que o final do movimento é um fim previsto no princípio, de maneira que o círculo seja uma linha que se volta sobre si mesma., em KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Paidós/I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 2001, p.35-36.

<sup>114</sup> ARMANI, C. *Op. cit.*, 2003, p.60-61.

<sup>115</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.318.

<sup>116</sup> *Idem, Ibidem*, p.314.

<sup>117</sup> HARTOG, F. *Op. cit.*, 1997, p.8.

<sup>118</sup> *Idem, Ibidem*, p.10.

A dúvida, contudo, persiste. Como explicar a permanência do *topos* da história exemplar mesmo num período em que a modernidade já havia inaugurado um tempo em que uma experiência acabada é tanto completa quanto passada?<sup>119</sup>

O estudo da obra monumental de Alfredo Varella, *Historia da Grande Revolução*, de 1933, empreendido por Jaisson da Silva constata, igualmente, a presença do *topos* da história exemplar concomitante à percepção de tempo inaugurada pela modernidade. Mas, como o autor ressalta:

Precisamos, contudo, relativizar essa sugestão do *topos*, para evitar uma classificação estática e simplificada da obra varelliana. Nosso historiador viveu um período de transição e de intensa profusão intelectual, o que nos impediria de rotulá-lo como um historiador ‘pré-moderno’. [...] precisamos entender que a experiência da tradição e sua implicação direta na sementeira das ações presentes já convivia com o impulso de uma história que se abria a um futuro imprescritível, de uma história que passava progressivamente da visada estática em direção ao passado à visada dinâmica direcionada ao futuro<sup>120</sup>

Torna-se lícito, então, aventar a hipótese de que Achylles experimentava uma desorientação do tempo, na medida em que o passado marca de forma irremediável suas expectativas de futuro.<sup>121</sup> Na biografia de Francisco José Ferreira Camboim Filho, advogado e jornalista rio-grandense, Achylles afirma que com o advento da República, este “deixou o velho partido [Liberal] e abraçou os novos cruzados [do PRR], que surgiram cheios de promessas e de confiança no futuro”.<sup>122</sup> Achylles, criado no século 19 sob o Império, e seduzido ainda na juventude pelo republicanismo depositava no novo regime expectativas de futuro.<sup>123</sup> No entanto, a República chegou, e com ela vieram as decepções do autor com o novo regime<sup>124</sup> e com os efeitos do progresso. O futuro deixara de oferecer garantias. As

<sup>119</sup> KOSELLECK, R. *Op. cit.*, 2006, p.56. “A filosofia, ao transpor para o progresso a história compreendida singularmente como um todo unitário, fez com que o nosso *topos* perdesse obrigatoriamente o sentido”. *Idem, Ibidem*, p.55. E assim, “não se pode mais esperar conselho a partir do passado, mas sim apenas de um futuro que está por se constituir”. *Idem, Ibidem*, p.58.

<sup>120</sup> SILVA, Jaisson Oliveira da. *A epopéia dos titãs do pampas: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução*, de Alfredo Varella. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2010, p.157-158.

<sup>121</sup> Angela de Castro Gomes destaca que a Primeira Guerra Mundial “produz um profundo impacto sobre os valores políticos acreditados no Ocidente e, como não poderia deixar de ser, sobre uma visão da História, de progresso e de civilização fundada em modelos universais e ‘otimistas’ [...]”, e, no Brasil, “[...] a Abolição, a República e a guerra deixavam muito claro que, politicamente, o ‘tempo’ era de transição, incertezas e desafios [...]”, em GOMES, A. *Op. cit.*, 2009, p.66.

<sup>122</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. *Op. cit.*, 1920, p.91.

<sup>123</sup> A propaganda republicana e posteriormente sua proclamação marcariam, então, um período em que o tempo passava a ser orientado para o futuro.

<sup>124</sup> Achylles, assim como seus irmãos, Apollinario e Apelles Porto Alegre, é lembrado pela atuação na propaganda republicana. Seu engajamento na causa da República é visível ainda nos trabalhos da década de

promessas das quais era portador haviam sido quebradas e, no final da vida, Achylles voltava os olhos para o passado, invocando, no momento crítico, a noção de passado exemplar como salvaguarda contra o esquecimento mas, principalmente, pela necessidade de ancoragem da experiência. Desta forma, é possível compreender de que maneira as referências à exemplaridade coabitam a escrita ao lado das referências ao progresso, ao movimento, à transformação do homem no tempo.

Como as expectativas de futuro ligadas à moral do homem são negativas, o autor busca na experiência, traduzida pela exemplaridade do passado, o orientador da conduta capaz de interferir no presente para que ele reproduza o passado, de modo a alterar o futuro. Achylles narra o passado pela somatória de eventos e personagens, mas em alguns momentos eles são encaixados numa ótica da duração, do encadeamento que leva do passado ao presente, e que pela educação torna o passado selecionado expectativa de futuro.<sup>125</sup>

---

1920, nos quais também se nota um descontentamento com o tratamento reservado ao republicanos históricos após à chegada ao poder de Júlio de Castilhos. Apollinario, por exemplo, na oposição ao Partido Republicano Rio-grandense desde a década de 1880, se opõe à constituição de 1891, e em 1893 é obrigado a seguir para o exílio. Sobre a atuação política dos irmãos Porto Alegre a partir de 1879, ver LAZZARI, A. *Op. cit.*, 2004, especialmente o capítulo 3.

<sup>125</sup> Como destaca Jaisson da Silva, “A ‘Grande Revolução’ de Varella, nesse sentido, não é uma coletânea de situações exemplares capazes de demonstrar regras eternamente válidas apreendidas da experiência farroupilha [...]. Não cabia nem se poderia cogitar repeti-la enquanto evento ou mesmo regra geral, mas como inspiração libertária e reforço identitário para as revoluções necessárias ao presente e ao futuro, num processo de ‘consolidação da identidade pelo reconhecimento’”, em SILVA, J. *Op. cit.*, 2010, p.159-160.

## Considerações finais

A série pedagógica de Achylles Porto Alegre se enquadra, de fato, nos três aspectos que, de acordo com Luciana Boeira, caracterizavam a escrita da história no século 19 na província: uma preocupação em resguardar o passado do esquecimento; fornecer exemplos de conduta moral ao presente; e inserir o passado da província na história nacional.<sup>1</sup>

A construção de si empreendida por Achylles Porto Alegre ao longo dos prefácios de suas obras permitem ao autor apresentar-se como narrador autorizado sobre o passado. Sua autoridade se baseia na idade, no prestígio como homem de letras, no sentimento nutrido pela profissão de “prosador” e pela sinceridade que atribui ao seu relato. A legitimidade da trilogia educativa está assentada, por sua vez, sobretudo (mas não exclusivamente) no caráter testemunhal da escrita. É a dimensão fiduciária do testemunho que pede ao leitor que suspenda a suspeita sobre o relato, apresentado-lhe como confiável. A partir desse esforço de legitimação do seu testemunho, Achylles trabalha como um agente qualificado no processo de manutenção da memória rio-grandense, salvando do esquecimento aquilo e aqueles não deveriam ser olvidados.

Mas essa luta contra o esquecimento pelo ato de inscrição da memória do passado não seria responsável pela “atrofia” da capacidade mnemônica? Essa é a ambiguidade introduzida pela leitura que Paul Ricoeur realiza do mito de *Fedro*.<sup>2</sup> Neste diálogo, Ricoeur identifica na invenção da escrita não só um remédio à memória (que esquece), mas uma ameaça, um veneno.<sup>3</sup> Entretanto, a medida que o passado e os seus vestígios se esvaem, e a própria vida se aproxima do fim, para Achylles, portador de experiências e conhecimentos que julga

---

<sup>1</sup> “A partir da segunda metade do século XIX, estavam, então, os homens de letras da província a utilizar sua escrita para narrar ou, ao menos, preservar aquilo que eles gostariam que não se perdesse com a passagem do tempo, ou seja, o fruto de suas experiências, lições que poderiam servir às gerações do porvir. Afirmavam, repetida e incansavelmente, que o cidadão rio-grandense era um homem corajoso a defender as fronteiras do Império. Reuniam documentação e a publicavam para que, num futuro, as novas gerações conhecessem seus grandes feitos”, em BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009, p.26.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007, p.151-152.

<sup>3</sup> A arte da escrita produz esquecimento naqueles que a aprendem, uma vez que estes deixam de exercer a memória: “[...] com efeito, depositando sua confiança no escrito (*graphés*), será a partir de fora, graças a impressões do exterior (*tupón*), e não a partir de dentro, graças a si mesmos, que praticarão a rememoração (*anamimnéskomenous*)” Platão *apud* RICOEUR, P. *Op. cit.*, 2007, p.152.



importantes (seja para si, seja para os outros), a escrita pode ser pensada mais como um remédio contra o apagamento desses traços que a morte representa. Ela é o meio possível para evitar o esquecimento iminente daquilo que se acredita que deva ser preservado. Selecionando no passado personagens, acontecimentos e testemunhos, e transformando em relato aquilo que considera neste sentido memorável, Achylles expõe sua concepção do que é historicizável, daquilo que é capaz de tornar-se, em sua escrita, história.

No retrato biográfico dedicado a Vasco de Araujo e Silva, o Vasquinho, antigo colega na Sociedade Parthenon Litterario<sup>4</sup> e igualmente ligado ao ensino na capital da província,<sup>5</sup> Achylles Porto Alegre conta que “escrevia bem, com extrema correcção; mas faltava-lhe o alinhamento da phrase, o amaneirado da fôrma, a elegancia do estylo que deve ser a constante preocupação do artista da palavra”,<sup>6</sup> revelando aquilo que seria uma preocupação importante da sua escrita: o cuidado com a forma e o estilo, capaz de tornar o passado instrutivo agradável.

O escriptor que nos fala de um trecho da natureza, ao cahir da tarde, é preciso fazel-o de maneira que a gente contemple o sitio agreste, como si tivessesmos, deante de nós, a paizagem áquella hora crepuscular, quando as primeiras sombras vêm descendo sobre os campos e os passarinhos se recolhem aos ninhos. [//] Escriptor que não nos pinta assim, ao vivo, o pittoresco que a natureza tem para deixar estampado no papel, pôde ser tudo quanto quizer, mas não é um artista perfeito como o Eça, o Ramalho e os irmãos Goucourt.<sup>7</sup>

Achylles Porto Alegre ainda diz: “Não exijo a phrase rebuscada, a pompa do estylo; a simplicidade de Julio Diniz me agrada, me encanta muito mais do que os termos empolados e desconhecidos que nos apparecem agora de rabicho á cabelleira empoadas”.<sup>8</sup> Recorrendo, então, à crônica, misto de relato cronológico e gênero literário (tal como a definição em língua portuguesa aponta), e à biografia, igualmente aberta ao uso imaginativo da linguagem na composição do sentido, unicidade e coerência de uma história de vida, Achylles opera uma representação do passado na qual a formação pregressa do autor como literato se faz, a todo momento, presente. Mas, apesar da história e da literatura convergirem, em Achylles, na

<sup>4</sup> “Em 1868, o Vasquinho fez parte do grupo de rapazes que fundou o Parthenon. [//] E por ser o mais edoso, coube-lhe a presidencia das sessões preparatorias até á inauguração official da sociedade, que mereceu a honra de ver presente ao acto o dr. Joaquim Vieira da Cunha, que, então, governava a pronvincia”, em PORTO ALEGRE, Achylles. *Serões de inverno*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1923, p.189.

<sup>5</sup> “[...] foi exercer o cargo de vice-director do Collegio Gomes, pondo ahi, desde logo, a prova a sua competencia. [//] Como o que ganhava, mal dava para as suas despezas mais urgentes, começou a leccionar em seu domicilio, até um pedaço da noite”, em PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1923, p.188.

<sup>6</sup> PORTO ALEGRE, A. *Op. cit.*, 1923, p.189.

<sup>7</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>8</sup> *Idem, Ibidem*, p.189-190.

preocupação com a fidelidade da escrita no esforço de construção e divulgação da identidade rio-grandense, elas se distinguem pela colaboração da fantasia naquilo que o autor caracterizaria como “litteratura de imaginação”, assim como pela marca de anterioridade da memória e a confiança reclamada pelo testemunho, que está na base de sustentação da série pedagógica.

As biografias oferecem aos jovens rio-grandenses um repertório de vidas modelares capazes de servirem de exemplo de conduta moral, uma vez que encarnam virtudes e valores do ser regional no seio da nação. Acompanhando a trajetória de homens ilustres, o autor julga-lhes os méritos, selecionando os personagens do passado que melhor representam a identidade do homem rio-grandense e que possam se tornar objeto de imitação. A prática biográfica de orientação exemplar encaminha para uma concepção de tempo no qual o passado, enquanto campo de experiência alargado, é invocado no presente com função instrutiva. A história é, então, mestra da vida. Mas a escrita de Achylles comporta ainda a referência a outras duas temporalidades que perpassam a representação operada. A memória instaura a presença da ausência como ressurreição atualizada daquilo que foi, fazendo ressurgir no presente um passado ressignificado. Já as menções ao progresso aludem às expectativas de futuro que a escrita do autor carrega. Nesse sentido, as transformações dele advindas aparecem de forma ambivalente: ora como sinônimo de civilização e desenvolvimento, ora como ameaça ao passado e corruptora da moralidade.

O aparente paradoxo entre a menção ao tempo estacionário do exemplo e o tempo linear do progresso é compreendido na medida em que percebemos que Achylles, ao fim da vida, se depara com uma República que não correspondeu às expectativas nela depositadas por toda uma geração de homens de letras que, desde a década de 1870, abraçaram sua causa. As desilusões vivenciadas no presente são afastadas por um olhar que se direciona ao passado em busca de bases morais mais sólidas que orientem as novas gerações para um futuro que lhe foi negado. A desorientação do tempo em Achylles, na qual é o passado o tempo evocado para pautar não só o presente, mas, sobretudo, o futuro, faz surgir em sua escrita não só um projeto de salvaguarda da memória, como uma necessidade de ancoragem da experiência.

Com o advento da Republica, em 1889 (uma “pasmosa surpresa até para eminentes figuras de sua propaganda”), a trajetória de Achylles sofreu uma profunda mudança, como afirma João Maia (“soffreu o nosso biographado não pequena contrariedade”).

A situação política que emergira a 15 de novembro julgou de bom alvitre, em prol de sua consolidação, transferir Achylles para uma repartição federal do norte do paiz. A feição francamente liberal do *Jornal do Commercio*, as

ligações do seu redactor com Gaspar Martins, haviam determinado essa conducta por parte dos novos dirigentes politicos.<sup>9</sup>

É preciso destacar, igualmente, que Apollinario e Apelles, irmãos de Achylles, desde 1882 enfrentavam a resistência dos “neo-republicanos”, representados pelo grupo aglutinado em torno das ideias positivistas, que viera, com a República, a tomar o poder.<sup>10</sup> Esse parece outro fator importante para considerar o “exílio” proposto para Achylles. A inflexão na vida do autor foi determinante inclusive para seu trabalho intelectual, pois fez que a atividade de escrita se tornasse essencial.

Segundo João Maia, Achylles teve produção tão expressiva não só para dar vazão ao espírito, mas para angariar recursos para a subsistência, pois sua renda estava reduzida a “precaria aposentadoria”.<sup>11</sup> Mas, “a despeito de tudo, Achylles nunca perdeu os seus habitos de laboriosidade. Escrevia sempre, escrevia todos os dias. A’s quatro horas da manhã já estava abancado á sua mesa de trabalho. Pouco antes de morrer ainda traçou a biographia de um escriptor”.<sup>12</sup> A dedicação às letras, ao trabalho intelectual, foram, desta forma, aspectos marcantes na trajetória do cronista rio-grandense.

A liberdade com a qual Achylles transita entre a história, a memória e a literatura está ligada diretamente aos limites imprecisos de um conhecimento em processo de disciplinarização. Embora seja possível afirmar que Achylles dá continuidade ao projeto pedagógico iniciado pelo IHGPSP e *Parthenon Litterario*, e ainda que o IHGB em âmbito nacional procure regar a atividade historiadora através da avaliação por pares dos trabalhos publicados em sua revista e de textos orientadores de como a história da nação deveria ser escrita, a história constituía um termo polissêmico ao qual correspondia uma variada gama de práticas e escritas. O trabalho de Achylles se constituía, então, como registro contra o esquecimento e pedagogia da moral nacional e rio-grandense. Neste sentido, ele é tomado como fonte por historiadores das gerações seguintes, como João Maia e Dante de Laytano, ainda que ele seja reconhecido como historiógrafo pelos seus contemporâneos, como Zeferino Brasil.

<sup>9</sup> MAIA, João. “Achylles Porto Alegre”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1926, I e II Trimestres, Ano VI, p.5-8, p.6.

<sup>10</sup> LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, 2004, p.226-236.

<sup>11</sup> “O finado belletrista produzia abundantemente, não só por uma necessidade do espírito, que se conservou sempre jovem como também urgido pelas necessidades da existencia [...]”, em MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.7.

<sup>12</sup> MAIA, J. *Op. cit.*, 1926, p.8.

## Referências bibliográficas

### Fontes analisadas:

MAIA, João. “Achylles Porto Alegre”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1926, I e II Trimestres, Ano VI, p.5-8.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Illuminuras*. Porto Alegre: Tipographia do Jornal do Commercio, 1884.

\_\_\_\_\_. *Contos e perfis*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1910.

\_\_\_\_\_. *Folhas caídas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1912.

\_\_\_\_\_. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1916.

\_\_\_\_\_. *Homens illustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917. 2ed.

\_\_\_\_\_. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1980.

\_\_\_\_\_. *Vultos e factos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

\_\_\_\_\_. *Através do Passado (Chronica e historia)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920.

\_\_\_\_\_. *Flôres entre ruínas*. Porto Alegre: Officinas Graphics Wiedemann & Cia, 1920a.

\_\_\_\_\_. *Val de lírios*. Porto Alegre: Barcello, Bertaso & Cia, 1921.

\_\_\_\_\_. *Jardim de saudades*. Porto Alegre: Officinas Graphics Wiedemann & Cia, 1921a.

\_\_\_\_\_. *Paizagens mortas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.

\_\_\_\_\_. *Noutros tempos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922a.

\_\_\_\_\_. *Homens do passado. Historia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922b.

\_\_\_\_\_. *Serões de inverno*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1923.

\_\_\_\_\_. *Á sombra das Árvores*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1923a.

\_\_\_\_\_. *Noites de Luar*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923b.

\_\_\_\_\_. *Prosa exparsa*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.

\_\_\_\_\_. *Á beira do caminho*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925a.

Revista da Sociedade Parthenon Litterario, Porto Alegre, 1869-1879.

### Bibliografia geral:

ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense: inovações e recorrências do discurso oficial (1920-1935)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 1983.

- ARMANI, Carlos. “O passado brasileiro no horizonte de expectativas: Emílio de Souza Docca e a opção pelas raízes”. *Anais do VI Encontro Estadual de História - Ser Historiador Hoje*. Passo Fundo: Editora da ANPUHRS, 2002. v. 01. p. 01-15.
- \_\_\_\_\_. *Identidade nacional e fragmentação no pensamento de Emílio de Souza Docca*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de, et alli (orgs). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Novo Século, 1999.
- BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- BOEIRA, Nelson. “O Rio Grande de Augusto Comte”. In: TRINDADE, Héliog. (org). *O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 391-418.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191.
- CANDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.23-29.
- CATROGA, Fernando. *Caminhos do fim da história*. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.
- CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.65-119.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: (1737-1902)*. Rio de Janeiro: Globo, 1971.
- CEZAR, Temístocles. “Livros de Plutarco: biografia e escrita da historia no Brasil do século XIX”. *Métis*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p.73-94, jan./jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. “Presentismo, memória e poesia. Noções de escrita da história no Brasil oitocentista”. In: PESANVENTO, S. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru: EDUSC, 2004, p.43-80.
- \_\_\_\_\_. “Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX”. *História UNISINOS*, vol.8, n. 10, julho-dezembro, 2004a, p.11-34.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

- COLLINGWOOD, Robin. *A idéia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante (dir). *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Globo Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001, 2 volumes.
- CROCE, Benedetto. "History and Chronicle". In: GARDINER, Patrick. *Theories of History*. New York: Free Press, 1966.
- CYTRYNOMICZ, Roney. "O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto". In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, memória, literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 123-138.
- DOSSE, François. *A história*. Bauru: EDUSC, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A história e as ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ELMIR, Cláudio Pereira. "O caso Benjamin Wilkomirski: a dupla invenção da memória". *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 41-55, dez. 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "Oralidade e memória em projetos testemunhais". In: LOPES, Antonio Herculano *et alli* (orgs). *História e linguagens. Texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.195-203.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Points, 2002.
- GOMES, Angela de Castro. "Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo". IN: \_\_\_\_\_ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.7-24.
- \_\_\_\_\_. *A república, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p.5-27.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. "Como escrever a História da França?". *Anos 90*, Porto Alegre, n.7, julho de 1997, p.7-28.
- \_\_\_\_\_. "Plutarque entre les Anciens et les Modernes". In: PLUTARQUE. *Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001, p.9-49.
- \_\_\_\_\_. "La tentation de l'épistémologie?". *Le Débat*, Paris, n.112, novembro-dezembro, 2000, p.80-83.
- HARTOG, François & REVEL, Jacques. "Note de conjoncture historiographique". In: \_\_\_\_\_ (orgs). *Les usages politiques du passé*. Paris: EHESS, 2001, p.13-24.
- HEUER, WOLFGANG. "A Síndrome de Wilkomirski: História falsificada". *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, Edição Especial n.2, p. 35-47, 2006.

- HEYMANN, Luciana Quillet. “O *devoir de mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos”. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 15-43.
- HUYSSSEN, Andreas. “Passados presentes: mídia, política, amnésia”. In: \_\_\_\_\_. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-40.
- KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Paidós/I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.
- LAYTANO, Dante de. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História Geral do Rio Grande do Sul: levantamento crítico*. Porto Alegre: UFRGS, 1979.
- LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860 – 1910)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UNICAMP, Campinas, 2004.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. São Paulo: Instituto de estudos brasileiros, 1972.
- LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.167-182.
- MOISÉS, Massaud & PAES, José Paulo (orgs). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- MONTEIRO, Charles. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. *Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Rio de Janeiro, 2001, pp. 35-41.
- \_\_\_\_\_. “Histórias e memórias da cidade nas crônicas de Aquiles Porto Alegre (1920-1940)”. *História UNISINOS*, v. 8, n. 10, 2004, p.81-96.
- \_\_\_\_\_. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1982.
- NEDEL, Letícia B. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinqüenta*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Um passado novo para uma história em crise: regionalistas e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, UnB, Brasília, 2005.
- NEDEL, Letícia; RODRIGUES, Mara C. M. “Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul”. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.11, n.1, 2005, p.161-186.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: CANDIDO, A. *et alli*. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992. p.75-90.
- \_\_\_\_\_. “História da crônica. Crônica da história”. In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p.15-31.

- NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. *Projeto história*. São Paulo, n. 10, dez. 1993, p.7-28.
- OLIVEN, Rubem. “O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação contraditória”. In: \_\_\_\_\_. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.47-68.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Do testemunho à prova documentária: o momento do arquivo em Capistrano de Abreu”. In GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.216- 239.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PESAVENTO, Sandra J. “Historiografia e ideologia”. In: DACANAL, J. & GONZAGA, S. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.60-88.
- \_\_\_\_\_. “Crônica. A leitura sensível do tempo”. *Anos 90*. Porto Alegre: UFRGS, n.7, 1997, p.29-37.
- \_\_\_\_\_. “Crônica: fronteiras da narrativa histórica”. *História UNISINOS*. São Leopoldo: UNISINOS, v. 8, n. 10, 2004, p.61-80.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- \_\_\_\_\_. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- POMIAN, Krzysztof. “De la historia, parte de la memoria, a la memoria, objeto de historia”. In: \_\_\_\_\_. *Sobre la historia*. Madrid: Cátedra, 2007.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RICCI, Magda. “Como se faz um vulto na história do Brasil”. In: GUAZELLI, Cesar; PETERSEN, Sílvia; SCHMIDT, Benito; XAVIER, Regina. (orgs.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p.147-160.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- \_\_\_\_\_. “L’écriture de l’histoire et la représentation du passé”. *Annales HSS*, julho-agosto 2000, n. 4, p.731-747.
- RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925 a 1964*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2006.



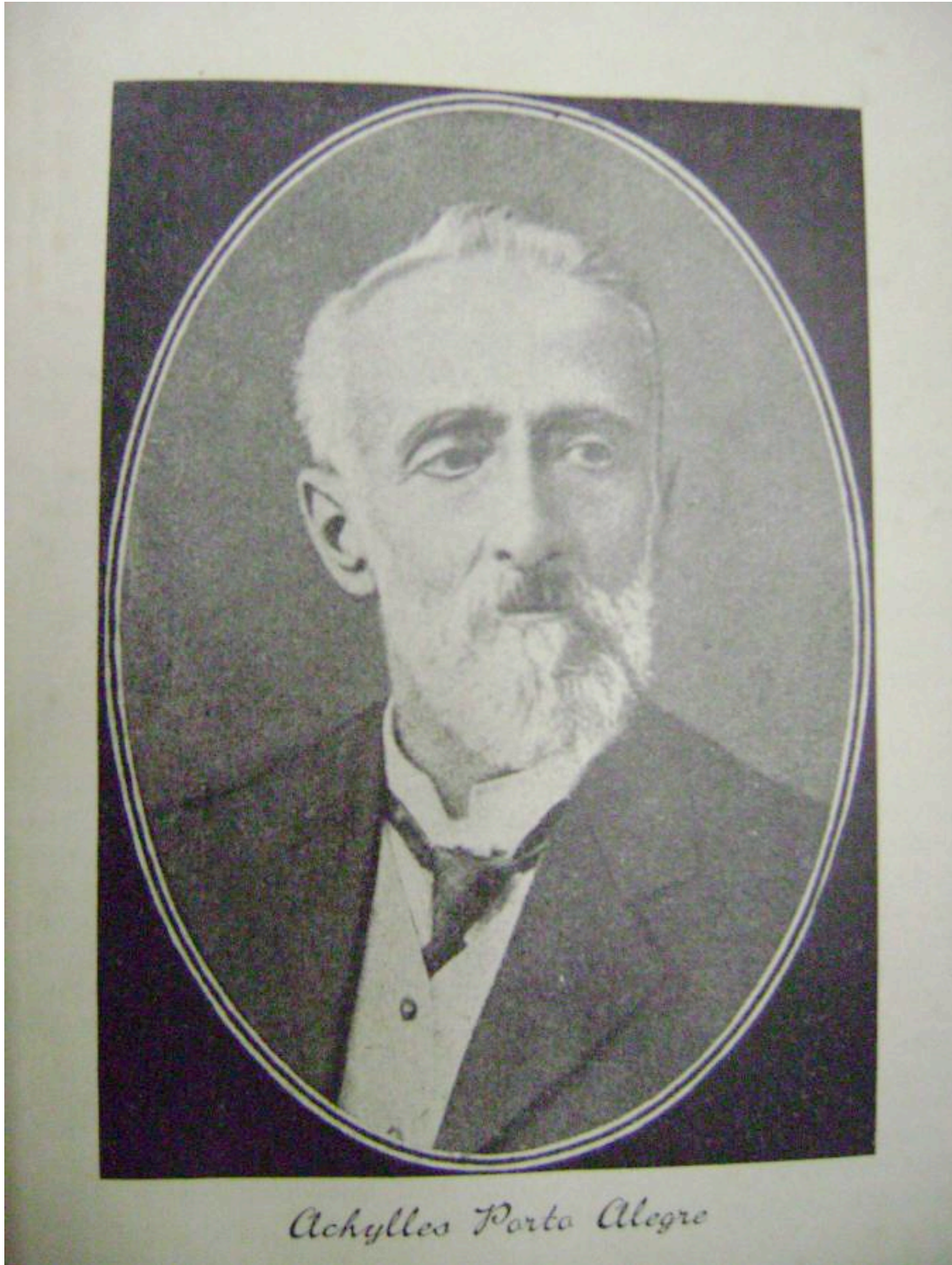
- ROUSSO, Henry. “Usos do passado na França de hoje”. In: SIMON, Olga Rodrigues de Moraes von (org). *Os desafios contemporâneos da história oral 1996*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1997, p. 11-26.
- RÜSEN, Jorn. “¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia”. Tradução de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. Original en: FÜSSMANN, K., GRÜTTER, H. T., RÜSEN, J. (eds.): *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*, 1994, p.3-26. Disponível em [www.culturahistorica.es](http://www.culturahistorica.es), acessado 10 de outubro de 2011.
- SANTOS, Evandro dos. *Temp(l)os da Pesquisa, Tem(l)os da Escrita: A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHMIDT, Benito. “Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura”. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a História..* Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000, p. 193-202.
- \_\_\_\_\_. “Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema”. In: \_\_\_\_\_ (org). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Biografia e regimes de historicidade”. *Métis*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. “Biografias históricas: o que há de novo?”. In: SEBRIAN, Raphael; FERREIRA, Ricardo; ANHEZINI, Karina; PIRES, Ariel. (orgs.). *Leituras do Passado*. Campinas: Pontes, 2009, p. 73-82.
- SEIXAS, Jacy Alves de. “Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora Unicamp, 2002, p. 37-58.
- \_\_\_\_\_. “Halbwachs e a memória – reconstrução do passado: memória coletiva e história”. *História*. São Paulo, n.20, 2001, p. 93-108.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “O testemunho: entre a ficção e o ‘real’”. In: \_\_\_\_\_ (org). *História, memória, literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 371-385.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Jaisson Oliveira da. *A epopéia dos titãs do pampas: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela. Dissertação (Mestrado em História). PPG em História, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- SINKEVISQUE, Eduardo. “Breve relação sobre o **Tratado Político** (1715) de Sebastião Rocha Pita ou uma notícia dividida em quatro anatomias”. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2º semestre, 2000, p.1-36.
- TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: USP, 2001.

\_\_\_\_\_. *El contenido de la forma. Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. "Reflexiones sobre el olvido". In: \_\_\_\_\_ *et alli* (orgs). *Usos del olvido. Comunicaciones al Coloquio de Royaumont*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2006, p.13-26.

## Anexo



Retrato de Achylles Porto Alegre publicado junto ao esboço biográfico de João Maia em homenagem ao sócio-fundador falecido, em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1926, I e II Trimestres, Ano VI.

## Apêndices

**Tabela 1:** Livros publicados por Achylles Porto Alegre

<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Gênero</b>
Illuminuras	Editora do Jornal do Comercio	1884	Poesia
Esculturas	Não identificada	Não identificado	Poesia
Flôres de gelo	Não identificada	Não identificado	Poesia
Phantasias	Não identificada	1894	Conto e biografia
Contos e perfis	Livraria do Globo	1910	Conto e biografia
Val de Iyrios	Livraria do Globo	1910 (2ed. 1921)	Coletânea de Poesia
Folhas Cahidas	Livraria do Globo	1912	Crônica e biografia
Homens illustres do Rio Grande do Sul	Livraria Selbach	1916 (2ed. 1917 ampliada)	Biografia
Vultos e factos do Rio Grande do Sul	Livraria do Globo	1919	Crônica e biografia
Através do passado (chronica e historia)	Livraria do Globo	1920	Crônica e biografia
Flôres entre ruínas	Officinas Graphics Wiedemann & Cia	1920	Crônica
Jardim de saudades	Officinas Graphics Wiedemann & Cia	1921	Crônica
Paizagens mortas	Livraria do Globo	1922	Crônica
Noutros tempos	Livraria do Globo	1922	Crônica
Homens do passado. Historia	Livraria do Globo	1922	Biografia
Serões de inverno	Livraria Selbach	1923	Crônica
Á sombra das arvores	Livraria Selbach	1923	Crônica
Noites de luar	Livraria do Globo	1923	Crônica
Prosa exparsa	Livraria do Globo	1925	Crônica
Á beira do caminho	Livraria do Globo	1925	Crônica

**Tabela 2:** Sumário de *Homens illustres do Rio Grande do Sul*, 1916, 1ªed.

Raphael Pinto Bandeira	p.7
Manoel dos Santos Pedroso	p.11
Barão do Cerro Largo	p.13
Padre Thomé Luiz de Souza	p.16
Senador Cruz Jobim	p.18
Conde de Porto Alegre	p.21

Bento Gonçalves da Silva	p.22
D. Feliciano José Rodrigues Prates	p.25
Barão de Santo Angelo	p.27
Antonio de Souza Netto	p.30
David Canabarro	p.33
Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves	p.35
Barão de Theresopolis	p.36
General Francisco Pedro de Abreu	p.37
Antonio Alves Pereira Coruja	p.38
Marquez de Tamandaré	p.40
Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião	p.43
Barão de Triumpho	p.45
Coronel Felipe Nery	p.48
Barão de Mauá	p.49
Hilario Ribeiro	p.51
Affonso Marques	p.53
Bibiano de Almeida	p.55
Damasceno Vieira	p.59
Padre Luiz Pinto	p.63
Marcilio Dias	p.64
General Salustiano Jeronymo dos Reis	p.65
João Capistrano de Miranda e Castro Filho	p.66
Fernando Ferreira Gomes	p.67
Conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo	p.68
Ignacio de Vasconcellos Ferreira	p.70
Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello	p.70
Arthur Rocha	p.72
Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça	p.72
Carlos Augusto Ferreira	p.73
Almirante Joaquim Francisco de Abreu	p.74
Francisco Antunes Ferreira da Luz	p.76
General João Pereira Maciel Sobrinho	p.77
João Nunes da Silva Tavares	p.79
José de Araujo Ribeiro	p.82
Dr. Fernando Luiz Osorio	p.86
Visconde de S. Gabriel	p.88
Antonio Manoel Correio da Camara	p.89
Juvenio Augusto de Menezes Paredes	p.91
Joaquim Antonio Vasques	p.92
Dr. João Jacintho de Mendonça	p.93
Barão de Tramandahy	p.94
Visconde de Pelotas	p.96
Ferreira Vianna	p.97
Lourenço Langendock	p.100
Manoel Marcellino Pires Filho	p.101
Senador Florencio Carlos de Abreu e Silva	p.103

Osorio	p.104
Julio de Castilhos	p.108
Dr. Graciano Alves de Azambuja	p.116
Dr. Pio Angelo da Silva	p.118
José Gomes Portinho	p.119
Conselheiro Candido Baptista de Oliveira	p.121
Marechal José Ignacio da Silva	p.123
Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt	p.124
Sebastião Barreto Pereira Pinto	p.126
Gaspar Silveira Martins	p.127
Dr. Rodrigo Azambuja Villanova	p.134
Manoel Marques de Souza	p.135
João da Silva Tavares	p.137
Dr. Henrique Martins Chaves	p.139
Bento Correia da Camara	p.140
João Baptista da Silva Telles	p.141
Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento	p.142
Tobias da Silva	p.145
Dr. Francisco da Silva Tavares	p.146
José Gomes Pinheiro Machado	p.147
Manoel Marques de Souza	p.152
Marechal Carlos Machado de Bittencourt	p.154
Eudoro Berlink	p.156
Lobo da Costa	p.157
Carlos Maria da Silva Telles	p.158
João Vespucio de Abreu e Silva	p.160
Dr. Sebastião Leão	p.161
Carlos Thompson Flôres	p.163
Joaquim Pedro Salgado	p.164
Thomaz Flores	p.165
João Propicio Menna Barreto	p.166
O Padre Chagas	p.167
Rodrigo José da Rocha	p.169
Francisco de Paula Soares	p.169
Leopoldino Joaquim de Freitas	p.170
Ernesto Alves de Oliveira	p.172
João Manoel Menna Barreto	p.172
Francisco Carlos de Araujo Brusque	p.174
Dr. Luiz da Silva Flores	p.175
Henrique Francisco d'Avila	p.177
Renato da Cunha	p.178
Alberto Correia Leite	p.179
Conego José Gonçalves Vianna	p.180
Manoel Lucas de Lima	p.181
Bernardo Taveira Junior	p.182
Dr. Pereira Parobé	p.184

Manoel Velloso Paranhos Pederneiras	p.185
Dr. Domingos Francisco dos Santos	p.187
Dr. Feliz Xavier da Cunha	p.188
Dr. Manoel Amaro da Silveira	p.190
Apparicio Mariense	p.191
Dr. Alvaro Chaves	p.192
Ulysses José da Costa Cabral	p.193
Joaquim Pedro Soares	p.194
João de Santo Barbara	p.195
Bibiano Sergio de Macedo Costallat	p.196
Dr. Barros Cassal	p.197
José Paulino de Azurenha	p.199
Marechal João Thomaz Cantuaria	p.200
Placido de Castro	p.201
Nota final	p.204

**Tabela 3:** Sumário de *Homens illustres do Rio Grande do Sul, 1917, 2ªed.*

Raphael Pinto Bandeira	p.7
Manoel dos Santos Pedroso	p.11
Barão do Cerro Largo	p.13
Padre Thomé Luiz de Souza	p.16
Senador Cruz Jobim	p.18
Conde de Porto Alegre	p.21
Bento Gonçalves da Silva	p.22
D. Feliciano José Rodrigues Prates	p.25
Barão de Santo Angelo	p.27
Antonio de Souza Netto	p.30
David Canabarro	p.34
Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves	p.36
Barão de Theresopolis	p.37
General Francisco Pedro de Abreu	p.38
Antonio Alves Pereira Coruja	p.39
Marquez de Tamandaré	p.41
Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião	p.44
Barão de Triumpho	p.46
Coronel Felipe Nery	p.49
Barão de Mauá	p.50
Hilario Ribeiro	p.51
Afonso Marques	p.54
Bibiano de Almeida	p.56
Damasceno Vieira	p.60
Padre Luiz Pinto	p.63
Marcilio Dias	p.65
General Salustiano Jeronymo dos Reis	p.66
João Capistrano de Miranda e Castro Filho	p.67

Fernando Ferreira Gomes	p.67
Conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo	p.69
Ignacio de Vasconcellos Ferreira	p.70
Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello	p.71
Arthur Rocha	p.72
Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça	p.73
Carlos Augusto Ferreira	p.74
Almirante Joaquim Franscico de Abreu	p.75
Francisco Antunes Ferreira da Luz	p.76
General João Pereira Maciel Sobrinho	p.78
João Nunes da Silva Tavares	p.79
José de Araujo Ribeiro	p.83
Dr. Fernando Luiz Osorio	p.86
Visconde de S. Gabriel	p.88
Antonio Manoel Correio da Camara	p.90
Juvencio Augusto de Menezes Paredes	p.91
Joaquim Antonio Vasques	p.92
Dr. João Jacintho de Mendonça	p.94
Barão de Tramandahy	p.95
Visconde de Pelotas	p.96
Ferreira Vianna	p.98
Lourenço Langendock	p.100
Manoel Marcellino Pires Filho	p.101
Senador Florencio Carlos de Abreu e Silva	p.103
Osorio	p.104
Julio de Castilhos	p.109
Dr. Graciano Alves de Azambuja	p.116
Dr. Pio Angelo da Silva	p.119
José Gomes Portinho	p.120
Conselheiro Candido Baptista de Oliveira	p.122
Marechal José Ignacio da Silva	p.124
Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt	p.125
Sebastião Barreto Pereira Pinto	p.127
Gaspar Silveira Martins	p.128
Dr. Rodrigo Azambuja Villanova	p.134
Manoel Marques de Souza	p.135
João da Silva Tavares	p.137
Dr. Henrique Martins Chaves	p.140
Bento Correia da Camara	p.141
João Baptista da Silva Telles	p.142
Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento	p.143
Tobias da Silva	p.146
Dr. Francisco da Silva Tavares	p.147
José Gomes Pinheiro Machado	p.148
Manoel Marques de Souza	p.153
Marechal Carlos Machado de Bittencourt	p.155



Eudoro Berlink	p.157
Lobo da Costa	p.158
Carlos Maria da Silva Telles	p.159
João Vespucio de Abreu e Silva	p.161
Dr. Sebastião Leão	p.162
Carlos Thompson Flôres	p.164
Joaquim Pedro Salgado	p.165
Thomaz Flores	p.166
João Propicio Menna Barreto	p.167
O Padre Chagas	p.168
Rodrigo José da Rocha	p.170
Francisco de Paula Soares	p.170
Leopoldino Joaquim de Freitas	p.171
Ernesto Alves de Oliveira	p.173
João Manoel Menna Barreto	p.173
Francisco Carlos de Araujo Brusque	p.175
Dr. Luiz da Silva Flores	p.176
Henrique Francisco d'Avila	p.178
Renato da Cunha	p.179
Alberto Correia Leite	p.180
Conego José Gonçalves Vianna	p.181
Manoel Lucas de Lima	p.182
Bernardo Taveira Junior	p.184
Dr. Pereira Parobé	p.185
Manoel Velloso Paranhos Pederneiras	p.186
Dr. Domingos Francisco dos Santos	p.188
Dr. Feliz Xavier da Cunha	p.189
Dr. Manoel Amaro da Silveira	p.191
Apparicio Mariense	p.192
Dr. Alvaro Chaves	p.193
Ulysses José da Costa Cabral	p.194
Joaquim Pedro Soares	p.195
João de Santo Barbara	p.196
Bibiano Sergio de Macedo Costallat	p.197
Dr. Barros Cassal	p.198
José Paulino de Azurenha	p.200
Marechal João Thomaz Cantuaria	p.201
Placido de Castro	p.203
Dr. Severin Pereira Prestes	p.205
Dr. Alberto Vieira Braga	p.206
Dr. Luiz da Silva Flôres Filho	p.207
General José Maria Marinha da Silva	p.208
Dr. Timotheo Pereira da Rosa	p.209
Dr. Custodio Vieira de Castro	p.210
Dr. Antonio Angelo Christino Fioravanti	p.212
Barão dos Santos Abreu	p.213

Alexandre José Fernandes	p.213
Visconde da Graça	p.214
Barão de Antonina	p.215
Manoel dos Santos Loureiro	p.216
Dr. Joaquim Caetano da Silva	p.217
Dr. Joaquim Vieira da Cunha	p.219
Barão do Corrientes	p.220
Monsenhor Diogo Saturnino Dias Laranjeira	p.221
O coronel Antonio de Mello e Albuquerque	p.222
José Antonio Dias da Silva	p.224
Coronel Urbano Rodrigues das Chagas	p.225
Coronel José de Oliveira Bueno	p.226
Dr. Fausto de Freitas e Castro	p.227
José de Paiva Magalhães Calvet	p.228
Conego Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro	p.230
Manoel Lourenço do Nascimento	p.231
General Andrade Neves Filho	p.232
General Raphael Fernandes Lima	p.233
Almirante Antonio Francisco Velho Junior	p.234
Miguel Meirelles	p.235
Barão de Itapitocay	p.236
Dr. Carlos Augusto Osorio Bordini	p.237
Marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto	p.238
Hypolito José da Costa Pereira	p.239
Zeferino Vieira Rodrigues Filho	p.240
Arthur de Oliveira	p.241
Apelles Porto Alegre	p.242
Professor Souza Lobo	p.244
Francisco Antunes Maciel	p.245
Vasco Alves Pereira	p.247
Antonio de Azevedo Lima	p.249
Dr. Israel Rodrigues Barcellos	p.251
Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes	p.253
Barão de Cambahy	p.256
Dr. Ramiro Barcellos	p.257
General Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt	p.259
General Domingos Alvez Barreto Leite	p.261
Germano Hasslocher	p.264
Brigadeiro Camillo Mercio Pereira	p.266
Dr. Eduardo Ernesto de Araujo	p.268
Dr. Francisco Marques da Cunha	p.270
José Bernardino dos Santos	p.271
Desembargador Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão	p.272
Albino Pereira Pinto	p.274
Antero Ferreira d'Avila	p.275
Dr. Antonio M. Telles de Freitas	p.277

Francisco Xavier da Cunha	p.278
José de Araujo Vianna	p.282
Felicissimo Manoel de Azevedo	p.284
Appollinario Porto Alegre	p.286
Brigadeiro Oliverio J. Ortiz	p.289
Dr. Severino Ribeiro	p.291
Luiz Manoel Gonçalves de Brito	p.292
Nota final	p.293

**Tabela 4:** Sumário de *Vultos e factos do Rio Grande do Sul, 1919.*

<b>Vultos</b>	
General Bento Martins de Menezes	p.7
Alarico Ribeiro	p.12
General João de Deus Martins	p.14
Dr. Manoel de Campos Cartier	p.16
Dr. A. Lara da Fontoura Palmeiro	p.18
Bernardo de Castilho Maia	p.19
Dr. Alcides Cruz	p.21
General Albino Pereira	p.23
Dr. Felisberto Pereira da Silva	p.25
José de Sá Brito	p.26
General Luiz Alves Pereira	p.28
Vasco de Araujo e Silva	p.30
Major Carlos A. Ferreira de Assumpção	p.31
Dr. João Damasceno de Miranda	p.32
Coronel Francisco da Paula Alencastro	p.33
Dr. José Vieira da Cunha	p.34
Marechal Augusto Frederico Pacheco	p.35
Dr. Joaquim José Felisardo Junior	p.36
General Tito Escobar	p.38
Dr. Francisco Nunes de Miranda	p.40
Dr. Luiz de Freitas e Castro	p.41
General Dr. Diogo Alves Ferraz	p.42
Joaquim Antonio da Silveira	p.46
Pedro Antonio de Miranda	p.47
General Alfredo Miranda P. da Cunha	p.48
Major João Thomaz Cupertino	p.49
Barão de Nonohay	p.50
General Gaspar Francisco Menna Barreto	p.55
Dr. Francisco de Sá Brito	p.57
General João Antonio de Oliveira Valporto	p.59
Barão de Viamão	p.61
Dr. Pantaleão Paula Pereira	p.62
Dr. Juvenal Octaviano Müller	p.63

Dr. Alvaro Nunes Furtado	p.65
José Rodrigues de Freitas	p.67
Manoel José de Souza Bastos	p.69
Commendador José Gomes de Freitas	p.70
Dr. Verissimo Dias de Castro	p.72
Barão de Asseguá	p.73
Coronel José Maria Guerreiro Victoria	p.76
Barão de Guahyba	p.78
Coronel Manoel Fernandes Dornelles	p.79
Augusto Alvaro de Carvalho	p.80
Marechal Joaquim Mendes Ourique Jacques	p.88
General José Luiz da Costa Junior	p.89
General Marcellino Pinna de Albuquerque	p.90
Carlos Alberto Laquintinie	p.91
Padre João Pereira da Silva Lima	p.92
Dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior	p.93
Dr. Ramiro Marques d'Avila	p.95
General João N. de Medeiros Mallet	p.97
Coronel José Alves Valença	p.100
Dr. Antonio Francisco da Rocha Junior	p.102
Antonio Vicente da Fontoura	p.104
Ignacio Joaquim de Camargo	p.110
Fructuoso Borges S. da Fontoura	p.113
Cyrino Luiz de Azevedo	p.116
Adolpho Lindner	p.117
Commendador Carlos Guilherme Rheingantz	p.118
Francisco de P. do Amaral Sarmiento Menna	p.119
Ernesto Silva	p.120
Christovão Baum	p.123
General Francisco Rodrigues Portugal	p.125
Pedro Boticario	p.127
Luiz Barreto	p.131
Caetano Gonçalves da Silva	p.134
Coronel Tristão José Pinto	p.136
Dr. Manoel Antonio Affonso Reis	p.138
Theodozio Lecour de Menezes	p.140
Coronel José Luiz de Mesquista	p.142
Emilio Valentim Barrios	p.144
Dr. Antonio Soares da Silva	p.146
Henrique Bernardino Canarim	p.148
Quincas da Botica	p.150
<b>Factos</b>	
Colonia do Sacramento	p.155
A invocação de S. Pedro	p.158
Voluntarios da Patria	p.159
A fundação da cidade do Rio Grande	p.161

Um aspecto	p.166
O nosso bairrismo	p.169
Os nossos antepassados	p.172
A paixão partidaria	p.175
Rasgo de heroismo	p.177
Uma pagina esquecida	p.179
Campanha de 1864	p.181
O forte de Santa Tecla	p.183
Episodio historico	p.184
Carta de Garibaldi	p.187
A batalha de Ituzaingo	p.190
O antigo commissariado	p.197
Os açorianos	p.201
Nota final	p.205

**Tabela 5:** Sumário de *Através do passado (chronica e historia)*, 1920.

Á minha filha Aracylia	p.3
Porto Alegre de hontem e de hoje	p.5
A Casa Branca	p.47
Batalha de Laguna	p.61
Invasão de Santa Catharina	p.65
Ataque de S. José do Norte	p.69
Os pioneiros da nova idéa	p.73
Invasão de S. Borja	p.77
Aurelio Verissimo de Bittencourt	p.83
General Ignacio de Alencastro Guimarães	p.89
Francisco José Ferreira Camboim Filho	p.90
Antonio Ferreira Prestes Guimarães	p.92
Conselheiro José Francisco Diana	p.94
Conego João Ignacio de Bittencourt	p.95
Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquisa	p.96
Franklim Maximo Moreira	p.97
Dr. Aurelio Bittencourt Junior	p.99
Coronel Carlos da Fontoura Barreto	p.101
Almirante Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes	p.104
Simplicio Ignacio Jacques	p.106
Marechal José Diogo dos Reis	p.107
Coronel Bento Gonçalves da Silva	p.109
Marechal Antonio Nicolau Falcão da Frota	p.112
Capitão João Baptista Ortiz	p.113
Dr. Vasco Pinto Bandeira	p.115
Joaquim dos Santos Prado Lima	p.118
Capitão Manoel Cassio Jacintho da Silveira	p.120
Major José Luiz Moura de Azevedo	p.121
Dr. Manoel Orphelino Tostes	p.124

Vice-almirante Alfredo Luciano de Abreu	p.125
Marechal José Bernardino de Bormann	p.126
General Olavo Ottoni Barreto Vianna	p.129
Barbosa Netto	p.131
Desembargador Antonio Antunes Ribas	p.133
Pio Torelly	p.135
Dinarte Ribeiro	p.137
Dr. Egydio Itaquy	p.141
Ernesto Paiva	p.143
General Salvador Pinheiro Machado	p.152
Rivadavia Corrêa	p.154
Felippe Benicio de Freitas Noronha	p.160
Major Antonio José Pereira Junior	p.162
Marechal Manoel Joaquim Godolphim	p.163
Dr. Carlos Rodrigues Chaves	p.164
Capitão de mar e guerra Gaspar Pinto Fróes de Azevedo	p.165
Coronel Facundo da Silva Tavares	p.167
Commendador Frederico Duval	p.168
Dr. João Plinio de Castro Menezes	p.169
General Hyppolito Ribeiro	p.170
Estacio Franscisco Pessóa	p.171
Barão de S. Luiz	p.174
Dogello Caldas	p.175
Luiz da Silveira Nunes	p.178
Capitão Timotheo de Faria Corrêa Filho	p.181
Coronel Orestes José Lucas	p.182
2º tenente Enéas Gustavo Cadaval	p.183
Antonio Bonone Martins de Vianna	p.184
Firmiano Antonio de Araujo	p.185
Mario Caminha	p.187
Jacinto Guedes da Luz	p.188
Matheus Augusto da Fonseca	p.190
Coronel Antonio Estevam de Bittencourt e Silva	p.191
Dr. Felipe Pereira Caldas	p.192
Capitão Virgilio da Costa Bezerra	p.195

**Tabela 6:** Perfil dos biografados na série pedagógica

Raphael Pinto Bandeira	Militar
Manoel dos Santos Pedroso	Militar
Barão do Cerro Largo	Militar
Padre Thomé Luiz de Souza	Religioso
Senador Cruz Jobim	Médico, func. públ. e político
Conde de Porto Alegre	Militar e político
Bento Gonçalves da Silva	Militar
D. Feliciano José Rodrigues Prates	Religioso

Barão de Santo Angelo	H. de letras, artista e func. públ.
Antonio de Souza Netto	Militar
David Canabarro	Militar
Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves	Político e juiz
Barão de Theresopolis	Médico
General Francisco Pedro de Abreu	Militar
Antonio Alves Pereira Coruja	Homem de letras e professor
Marquez de Tamandaré	Militar
Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião	Homem de letras e político
Barão de Triumpho	Militar
Coronel Felipe Nery	H. de letras, político e militar
Barão de Mauá	Comerciante, industrial e pol.
Hilario Ribeiro	Homem de letras e professor
Affonso Marques	Homem de letras e professor
Bibiano de Almeida	Professor e homem de letras
Damasceno Vieira	H. de letras e func. público
Padre Luiz Pinto	Religioso
Marcilio Dias	Militar
General Salustiano Jeronymo dos Reis	Militar
João Capistrano de Miranda e Castro Filho	Homem de letras e professor
Fernando Ferreira Gomes	Professor
Conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo	Militar, engenheiro e político
Ignacio de Vasconcellos Ferreira	Homem de letras
Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello	Político e funcionário público
Arthur Rocha	Homem de letras
Dr. Joaquim Jacintho de Mendonça	Político
Carlos Augusto Ferreira	Homem de letras
Almirante Joaquim Francisco de Abreu	Militar
Francisco Antunes Ferreira da Luz	Homem de letras e médico
General João Pereira Maciel Sobrinho	Militar e engenheiro
João Nunes da Silva Tavares	Militar
José de Araujo Ribeiro	Pol., h. de letras e func. públ.
Dr. Fernando Luiz Osorio	Homem de letras e político
Visconde de S. Gabriel	Militar
Antonio Manoel Correio da Camara	Funcionário público
Juvenio Augusto de Menezes Paredes	Homem de letras
Joaquim Antonio Vasques	Func. públ., pol. e h. de letras
Dr. João Jacintho de Mendonça	Político e médico
Barão de Tramandahy	Militar e político
Visconde de Pelotas	Militar e político
Ferreira Vianna	H. de letras, func. púb. e pol.
Lourenço Langendock	Professor
Manoel Marcellino Pires Filho	Homem de letras e militar
Senador Florencio Carlos de Abreu e Silva	Político
Osorio	Militar e político
Julio de Castilhos	Político e homem de letras

Dr. Graciano Alves de Azambuja	Homem de letras
Dr. Pio Angelo da Silva	Médico
José Gomes Portinho	Militar e político
Conselheiro Candido Baptista de Oliveira	H. de letras, func. púb. e pol.
Marechal José Ignacio da Silva	Militar e político
Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt	Médico
Sebastião Barreto Pereira Pinto	Militar
Gaspar Silveira Martins	Político
Dr. Rodrigo Azambuja Villanova	Político e médico
Manoel Marques de Souza	Militar
João da Silva Tavares	Militar e político
Dr. Henrique Martins Chaves	Político
Bento Correia da Camara	Militar
João Baptista da Silva Telles	Militar
Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento	Funcionário público e político
Tobias da Silva	Militar
Dr. Francisco da Silva Tavares	Político
José Gomes Pinheiro Machado	Político
Manoel Marques de Souza	Militar
Marechal Carlos Machado de Bittencourt	Militar
Eudoro Berlink	Homem de letras e professor
Lobo da Costa	Homem de letras
Carlos Maria da Silva Telles	Militar
João Vespucio de Abreu e Silva	H. de letras, prof., pol. e func. púb.
Dr. Sebastião Leão	Médico e homem de letras
Carlos Thompson Flôres	Político e funcionário público
Joaquim Pedro Salgado	Militar, func. púb. e político
Thomaz Flores	Militar e político
João Propicio Menna Barreto	Militar
O Padre Chagas	Religioso
Rodrigo José da Rocha	Militar
Francisco de Paula Soares	Médico, professor e político
Leopoldino Joaquim de Freitas	Funcionário público
Ernesto Alves de Oliveira	Func. púb. e homem de letras
João Manoel Menna Barreto	Militar
Francisco Carlos de Araujo Brusque	Político
Dr. Luiz da Silva Flores	Médico, pol. e h. de letras
Henrique Francisco d'Avila	Político
Renato da Cunha	Homem de letras
Alberto Correia Leite	Homem de letras
Conego José Gonçalves Vianna	Religioso
Manoel Lucas de Lima	Militar
Bernardo Taveira Junior	Homem de letras e professor
Dr. Pereira Parobé	Eng., prof., func. púb. e pol.
Manoel Velloso Paranhos Pederneiras	Médico, prof., pol. e h. de letras
Dr. Domingos Francisco dos Santos	Político e homem de letras



Dr. Felix Xavier da Cunha	Político e homem de letras
Dr. Manoel Amaro da Silveira	Político
Apparicio Mariense	Político
Dr. Alvaro Chaves	Homem de letras e político
Ulysses José da Costa Cabral	Professor
Joaquim Pedro Soares	Médico e político
João de Santo Barbara	Religioso
Bibiano Sergio de Macedo Costallat	Militar
Dr. Barros Cassal	H. de letras, pol. e func. públ.
José Paulino de Azurenha	Homem de letras
Marechal João Thomaz Cantuaria	Militar
Placido de Castro	Militar
Dr. Severin Pereira Prestes	Político e homem de letras
Dr. Alberto Vieira Braga	H. de letras e func. públ.
Dr. Luiz da Silva Flôres Filho	Médico, militar e político
General José Maria Marinha da Silva	Militar
Dr. Timotheo Pereira da Rosa	Político
Dr. Custodio Vieira de Castro	Médico
Dr. Antonio Angelo Christino Fioravanti	Funcionário público
Barão dos Santos Abreu	Médico
Alexandre José Fernandes	Homem de letras
Visconde da Graça	Político
Barão de Antonina	Político
Manoel dos Santos Loureiro	Militar
Dr. Joaquim Caetano da Silva	H. de letras, func. público e médico
Dr. Joaquim Vieira da Cunha	Político e funcionário público
Barão do Corrientes	Político
Monsenhor Diogo Saturnino Dias Laranjeira	Religioso
O coronel Antonio de Mello e Albuquerque	Militar e político
José Antonio Dias da Silva	Militar
Coronel Urbano Rodrigues das Chagas	Militar
Coronel José de Oliveira Bueno	Militar
Dr. Fausto de Freitas e Castro	Político e funcionário público
José de Paiva Magalhães Calvet	Pol., func. públ. e homem de letras
Conego Augusto Joaquim de Siqueira Canabarro	Religioso
Manoel Lourenço do Nascimento	Político
General Andrade Neves Filho	Militar
General Raphael Fernandes Lima	Militar
Almirante Antonio Francisco Velho Junior	Militar
Miguel Meirelles	Militar, político e homem de letras
Barão de Itapitocay	Médico e político
Dr. Carlos Augusto Osorio Bordini	Funcionário público
Marechal Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto	Militar
Hypolito José da Costa Pereira	Homem de letras
Zeferino Vieira Rodrigues Filho	H. de letras e funcionário público
Arthur de Oliveira	Homem de letras

Apelles Porto Alegre	Homem de letras e professor
Professor Souza Lobo	Professor e homem de letras
Francisco Antunes Maciel	Político
Vasco Alves Pereira	Militar e político
Antonio de Azevedo Lima	Pol., func. públ. e homem de letras
Dr. Israel Rodrigues Barcellos	Político
Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes	Político
Barão de Cambahy	Comerciante
Dr. Ramiro Barcellos	Político e homem de letras
General Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt	Militar
General Domingos Alvez Barreto Leite	Militar
Germano Hasslocher	Político e homem de letras
Brigadeiro Camillo Mercio Pereira	Militar e político
Dr. Eduardo Ernesto de Araujo	Homem de letras
Dr. Francisco Marques da Cunha	Funcionário público
José Bernardino dos Santos	H. de letras e funcionário público
Desemb. Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão	Funcionário público e político
Albino Pereira Pinto	Funcionário público e político
Antero Ferreira d'Avila	Func. públ., pol. e homem de letras
Dr. Antonio M. Telles de Freitas	Funcionário público
Francisco Xavier da Cunha	Homem de letras e político
José de Araujo Vianna	Homem de letras
Felicissimo Manoel de Azevedo	Func. público e homem de letras
Appollinario Porto Alegre	Homem de letras e professor
Brigadeiro Oliverio J. Ortiz	Militar
Dr. Severino Ribeiro	Político
Luiz Manoel Gonçalves de Brito	Religioso e político
General Bento Martins de Menezes	Militar
Alarico Ribeiro	Homem de letras
General João de Deus Martins	Militar e homem de letras
Dr. Manoel de Campos Cartier	Político e homem de letras
Dr. A. Lara da Fontoura Palmeiro	Func. públ., pol. e homem de letras
Bernardo de Castilho Maia	Funcionário público
Dr. Alcides Cruz	Func. públ., h. de letras e político
General Albino Pereira	Militar e político
Dr. Felisberto Pereira da Silva	Político
José de Sá Brito	H. de letras e funcionário público
General Luiz Alves Pereira	Militar
Vasco de Araujo e Silva	Homem de letras e professor
Major Carlos A. Ferreira de Assumpção	Militar e funcionário público
Dr. João Damasceno de Miranda	Médico, militar e homem de letras
Coronel Francisco da Paula Alencastro	Militar e político
Dr. José Vieira da Cunha	Funcionário público
Marechal Augusto Frederico Pacheco	Militar
Dr. Joaquim José Felizardo Junior	Engenheiro e funcionário público
General Tito Escobar	Militar

Dr. Francisco Nunes de Miranda	Engenheiro
Dr. Luiz de Freitas e Castro	Político
General Dr. Diogo Alves Ferraz	Militar e funcionário público
Joaquim Antonio da Silveira	Homem de letras e político
Pedro Antonio de Miranda	Homem de letras
General Alfredo Miranda P. da Cunha	Militar
Major João Thomaz Cupertino	Militar
Barão de Nonohay	Político
General Gaspar Francisco Menna Barreto	Militar
Dr. Francisco de Sá Brito	Funcionário público e político
General João Antonio de Oliveira Valporto	Militar
Barão de Viamão	Militar e político
Dr. Pantaleão Paula Pereira	Funcionário público e político
Dr. Juvenal Octaviano Müller	Militar, eng., pol. e func. público
Dr. Alvaro Nunes Furtado	Médico
José Rodrigues de Freitas	Militar e político
Manoel José de Souza Bastos	Homem de letras
Commendador José Gomes de Freitas	Func. públ., h. de letras e político
Dr. Verissimo Dias de Castro	Médico e político
Barão de Assegua	Militar
Coronel José Maria Guerreiro Victoria	Militar
Barão de Guahyba	Médico e político
Coronel Manoel Fernandes Dornelles	Militar e político
Augusto Alvaro de Carvalho	Militar, func. público e político
Marechal Joaquim Mendes Ourique Jacques	Militar
General José Luiz da Costa Junior	Militar e político
General Marcellino Pinna de Albuquerque	Militar e político
Carlos Alberto Laquintinie	Professor
Padre João Pereira da Silva Lima	Religioso, professor e político
Dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior	Médico
Dr. Ramiro Marques d'Avila	Médico
General João N. de Medeiros Mallet	Militar
Coronel José Alves Valença	Militar
Dr. Antonio Francisco da Rocha Junior	Médico
Antonio Vicente da Fontoura	Comerciante, func. públ. e político
Ignacio Joaquim de Camargo	Militar
Fructuoso Borges S. da Fontoura	Comerciante, militar e func. púb.
Cyrino Luiz de Azevedo	Professor e político
Adolpho Lindner	Homem de letras e militar
Commendador Carlos Guilherme Rheingantz	Industrial
Francisco de P. do Amaral Sarmiento Menna	Militar e homem de letras
Ernesto Silva	Comerciante e homem de letras
Christovão Baum	Militar
General Francisco Rodrigues Portugal	Militar e político
Pedro Boticario	H. de letras, pol., func. públ. e mil.
Luiz Barreto	Homem de letras, militar e médico

Caetano Gonçalves da Silva	Militar
Coronel Tristão José Pinto	Militar
Dr. Manoel Antonio Affonso Reis	Médico, político e func. público
Theodozio Lecour de Menezes	Homem de letras
Coronel José Luiz de Mesquista	Funcionário público e político
Emilio Valentim Barrios	Com., func. públ., pol. e h. de letras
Dr. Antonio Soares da Silva	Político
Henrique Bernardino Canarim	Homem de letras e político
Quincas da Botica	Comerciante e funcionário público
Aurelio Verissimo de Bittencourt	Func. públ., h. de letras e político
General Ignacio de Alencastro Guimarães	Militar
Francisco José Ferreira Camboim Filho	Homem de letras e político
Antonio Ferreira Prestes Guimarães	Prof., func. públ., político e militar
Conselheiro José Francisco Diana	Político e homem de letras
Conego João Ignacio de Bittencourt	Religioso
Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita	Militar
Franklim Maximo Moreira	Militar e político
Dr. Aurelio Bittencourt Junior	H. de letras e funcionário público
Coronel Carlos da Fontoura Barreto	Militar e político
Almirante Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes	Militar
Simplicio Ignacio Jacques	Comerciante e político
Marechal José Diogo dos Reis	Militar
Coronel Bento Gonçalves da Silva	Militar
Thomé Gonçalves Ferreira Mendes	Professor e homem de letras
Marechal Antonio Nicolau Falcão da Frota	Militar e político
Capitão João Baptista Ortiz	Militar
Dr. Vasco Pinto Bandeira	Func. público, político e militar
Joaquim dos Santos Prado Lima	Político
Capitão Manoel Cassio Jacintho da Silveira	Comerciante, func. públ. e político
Major José Luiz Moura de Azevedo	Comerciante e funcionário público
Dr. Manoel Orphelino Tostes	Funcionário público
Vice-almirante Alfredo Luciano de Abreu	Militar
Marechal José Bernardino de Bormann	Militar, político e homem de letras
General Olavo Ottoni Barreto Vianna	Militar e professor
Barbosa Netto	Homem de letras
Desembargador Antonio Antunes Ribas	Mil., func. públ., pol. e h. de letras
Pio Torelly	Militar
Dinarte Ribeiro	Func. públ., pol. e homem de letras
Dr. Egydio Itaquy	Político
Ernesto Paiva	Com., pol., func. públ. e h. de letras
General Salvador Pinheiro Machado	Militar e político
Rivadavia Corrêa	Político e homem de letras
Felippe Benicio de Freitas Noronha	Com., pol. e funcionário público
Major Antonio José Pereira Junior	Com., pol., h. de letras e militar
Marechal Manoel Joaquim Godolphim	Militar
Dr. Carlos Rodrigues Chaves	Político e homem de letras

Capitão Gaspar Pinto Fróes de Azevedo	Militar
Coronel Facundo da Silva Tavares	Político e funcionário público
Commendador Frederico Duval	Com., pol. e funcionário público
Dr. João Plinio de Castro Menezes	Médico
General Hyppolito Ribeiro	Militar
Estacio Franscisco Pessóa	Com., político e homem de letras
Barão de S. Luiz	Político
Dogello Caldas	Homem de letras
Luiz da Silveira Nunes	Com., pol. e funcionário público
Capitão Timotheo de Faria Corrêa Filho	Militar e homem de letras
Coronel Orestes José Lucas	Militar e funcionário público
2º tenente Enéas Gustavo Cadaval	Militar
Antonio Bonone Martins de Vianna	Func. público e homem de letras
Firmiano Antonio de Araujo	Político e homem de letras
Mario Caminha	Homem de letras
Jacinto Guedes da Luz	Militar
Matheus Augusto da Fonseca	Militar
Coronel Antonio Estevam de Bittencourt e Silva	Político, homem de letras
Dr. Felipe Pereira Caldas	Médico
Capitão Virgilio da Costa Bezerra	Militar